

**GUER  
RAS  
COLTU  
RAIS**



**EM VERDE E AMARELO**



# **GUERRAS CULTURAIS**

## **EM VERDE E AMARELO**

### **Organizador**

Pedro Fiori Arantes

### **Autores**

Amanda Alves

Amanda Feo

Ana Beatriz Tavares Barbosa

Ana Laura Brait

André Okuma

André Zaporoli Bertellotti

Bruna Andrade

Cristina Naiara Fernandes

Diego Lorena

Gabriela Ferreira

Giulia dos Santos Nascimento

Gustavo Almeida Alves

Isabella Mendes Marques dos Santos

Josiane Garotti

Júlia Rodrigues Borges

Kamilla Dourado

Keyla Vasconcelos de Melo

Larissa Avelino

Larissa Flauto

Lucius Goyano

Marcelo Lauton de Oliveira

Maria Luiza Meneses

Melissa Maria dos Santos Alejarra

Melissa Tavares

Nicole Pinheiro Santos

Paloma Monteiro

Paloma Oliveira

Pamela Silva

Patrícia Pinheiro Antunes de Paula

Pedro Fiori Arantes

Rebeca Nieves Inostroza Carreño

Este livro é resultado da UC Eletiva **Guerras Culturais: Regimes Visuais da Política Contemporânea**, ministrada entre setembro e dezembro de 2022 pelo Prof. Pedro Fiori Arantes e Monitor PAD André Okuma, na EFLCH/Unifesp, Campus Guarulhos.

**Coordenação editorial:** Pedro Arantes

**Projeto gráfico:** Melissa Tavares e Pedro Arantes

**Tratamento de imagens:** Pâmela Silva

**Diagramação:** Pedro Arantes, Melissa Tavares e Amanda Alves

**Capa:** Melissa Tavares

**Contracapa:** (1) Grafite de Angelo Campos, Vila Cruzeiro, Rio. (2) Escadaria Marielle Franco, Pinheiros, São Paulo, grafite organizado pela casa da Lapa, Rede de Graffiteiras Negras do Brasil, projeto Inki Dudu e artistas independentes: Monica Ancapi, Lady Guedes, Lau Guimarães, Meneses, Negana, Patricia Bonani, Folego, Majo, Isa Brisa, Gabi Bruce, Lhama Verde, Caju, Bea Corradi, Luna Bastos, Thaina India, Badu. Lambe-lambe feito pelo Raul Zito.

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

Guerras culturais em verde e amarelo [recurso eletrônico] / Org. Pedro Fiori Arantes. -- São Paulo : Universidade Federal de São Paulo, 2022

PDF

ISBN 978-65-00-58227-7

Estudos dos estudantes da UC Guerras Culturais EFLCH/Unifesp 2º. Sem/2022.

1. Conflito cultural – Brasil. 2. Cultura e política. 3. Fascismo e cultura. 4. Direita e esquerda (Ciência política) – Brasil. I. Arantes, Pedro Fiori, 1974-. II. Título.

CDD 303.61

---

Elaborado por Cristiane de Melo Shirayama – CRB 8/7610



Esta obra tem licença Creative Commons internacional 4.0

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Sumário

- 7   **Apresentação: no campo de batalha**
- 19   **Capas de combate: a guerra contra o PT**
- 25   **Um míssil para destruir Brasília: a arte de guerrilha a partir dos infláveis**
- 31   **Moda bolsonarista: identidade e propaganda**
- 37   **Memetização da política: imagens e humor na extrema direita**
- 43   **A direita no universo gamer: repercussões do jogo *Last of Us 2***
- 49   **Masculinidade tóxica e o corpo-bombado bolsonarista**
- 55   **Ataques ao movimento feminista e criminalização do aborto**
- 61   **O Templo de Salomão e a estética da teologia da prosperidade**

- 67 **Agronejo e o sertanejo como braço cultural do bolsonarismo**
- 73 **Apropriação da estética de periferia em “funk de direita”: MC Reaça e *O proibidão do Bolsonaro***
- 79 **A pintura bolsonarista: entre o *kitsch* e a arte de propaganda**
- 85 **O inimigo político nas obras de Lucimary Billhardt**
- 91 **Brasil Paralelo na guerra cultural da educação**
- 97 **Primavera secundarista X Escola sem partido**
- 103 **Simbolismo nazifascista na comunicação bolsonarista**

# Apresentação

## No campo de batalha

Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes  
Doutorando André Okuma (Monitor PAD)

Queridos/as leitores/as, bem-vindos/as ao nosso campo de batalha – e de estudos. Vocês estão prestes a ler um livro perigoso. Ele fala muito sobre o que estamos vivendo no Brasil dos últimos anos, olhando esse nosso estranho país pelo ângulo cultural, da imagem e da comunicação. Vivemos uma guerra interna, desleal em muitos sentidos, em que a dimensão simbólica e cultural tem sido decisiva. Por isso é preciso decifrá-la ou, ao menos, ter mais elementos para debatê-la.

Os 29 estudantes da disciplina eletiva *Guerras culturais: regimes visuais da política contemporânea*, da EFLCH/Unifesp, passaram os últimos 4 meses estudando o combate que levou à polarização e radicalização da sociedade brasileira e escreveram seus achados para vocês. Esta não é uma publicação somente para fins acadêmicos. Nela, tentamos evitar a linguagem por vezes estranha e difícil da universidade e queremos abrir este diálogo com jovens de todas as idades, movimentos populares e coletivos, artistas e ativistas periféricos, professores/as e estudantes das escolas públicas brasileiras – ou seja, com quem está em luta por um país mais justo, plural, tolerante, cooperativo, sem fome, pobreza, ódio e violência.

Nesta apresentação, nós – o “Professor Pedro” do Departamento de História da Arte, e o pesquisador, cineasta e futuro “Professor Okuma” – vamos conversar com vocês sobre dois

temas importantes para que possam aproveitar melhor os artigos produzidos pelos/as estudantes. Vamos fazer uma breve introdução às Guerras Culturais e explicar por que estudá-las. Talvez esse trecho seja denso, com algumas referências históricas e teóricas, mas achamos importante situar a discussão, antes dos estudantes mergulharem com vocês nas diferentes trincheiras dessa guerra. Como exemplo, comentamos alguns filmes produzidos pela “nova direita” que foram estudados em aula. Por fim, contamos um pouquinho da nossa metodologia de ensino na disciplina, nosso percurso para chegar a este livro e como somos inspirados sim em Paulo Freire, aquele educador demonizado pela direita.

Para entrar neste campo de batalha das Guerras Culturais vocês não precisarão de uniformes militares nem coletes à prova de bala. Nossas únicas armas serão a reflexão, a inteligência, a colaboração, o espírito crítico e a capacidade de narrar com voz coletiva.

Vocês vão ler 15 pequenas histórias, que são estudos de casos ou notícias do front (para usar o termo de um dos autores que lemos), cada uma entrando em uma trincheira dessa guerra e olhando o campo de batalha por um ângulo diferente:

1. As capas de revista que propagaram ódio e golpismo que ajudaram a derrubar Dilma e a prender Lula;
2. A direita toma as ruas e usa bonecos infláveis como os pixulecos e outros mais estranhos, como veremos;
3. Ainda nas ruas, a “moda bolsonarista”: o que dizem as estampas das camisetas que vemos nas manifestações?;
4. Entrando nas redes, vamos discutir memes

que circulam nos grupos bolsonaristas e seu poder de comunicação sintética;

5. Ainda no digital, vamos explorar o universo gamer/nerd e porque ele se conectou com a chamada alt-right, a nova direita global;

6. Além dos jovens gamers, existe na extrema-direita toda uma exaltação da masculinidade até um nível tóxico. Vamos ver alguns exemplos disso;

7. De outro lado, o ataque ao movimento feminista e suas pautas, entre elas a dos direitos reprodutivos, como o direito de decidir, e a descriminalização do aborto;

8. Entraremos então no Templo de Salomão em busca de pistas para compreender a aliança da Igreja Universal com Bolsonaro;

9. Indo para o campo da música, vamos entender por que o sertanejo e suas variantes atuais se conectaram tão fortemente com o bolsonarismo;

10. Veremos também como a nova direita se apropriou da música funk, no Proibidão de Bolsonaro, e o que isso revela;

11. Depois da música, entraremos nas artes plásticas para conhecer um pouco mais dos artistas que procuraram retratar o “Mito” e seus aliados;

12. Dentre esses artistas, destaca-se uma pintora, que mereceu atenção especial, dado o simbolismo de sua obra e como retrata os inimigos do bolsonarismo;

13. Seguiremos depois para o audiovisual: conhecer um pouco mais da famosa produtora e streaming Brasil Paralelo e seus documentários, como a trilogia atacando Paulo Freire e a universidade pública;

14. Este será o mote para entrarmos no movimento Escola sem Partido, que foi uma reação não só ao professor de esquerda, mas ao estudante reflexivo e autônomo que vimos atuando nos levantes secundaristas em 2015 e 2016;

15. No último artigo vamos conhecer a hipótese de que o bolsonarismo tem fortes influências nazistas e fascistas, que são intoleráveis para a democracia brasileira.

### **Nosso tema: O que são e por que estudar as “Guerras culturais”?**

Quais são as chaves de decifração simbólicas e políticas deste novo regime político-cultural que conquistou as maiorias? A “hegemonia cultural da esquerda” foi mesmo substituída por esse sistema reacionário? Para onde ele pretendeu – ou ainda pode – nos levar? Quais são os seus limites e contradições internas? Como fazer frente a essa máquina de subjetivação reacionária e de pulsões de ódio? Como pesquisadores/as e ativistas podem trabalhar juntos/as para construir teorias e práticas contra-hegemônicas com força combativa? Por onde começar?

Talvez relembrando que a antiga luta de classes continua viva, mesmo que sob novas modalidades de conflito capital-trabalho, como é visível no “precariado digital” – trabalhadores/as de contratos curtos ou “autônomos/as”, sem direitos trabalhistas, que estão em permanente risco de vida e de saúde mental, submetidos/as a patrões/oas difusos/as, que chamam os/as contratados/as de colaboradores/as (ou empreendedores/as). Nesse terrível novo mundo do trabalho, conhecido também como o mundo da “viração” permanente (ou da economia GIG), há também lutas, e das mais importantes, como vimos por exemplo com o Breque dos Apps, no início da pandemia.

Mas a luta de classes, mesmo nas suas versões atuais, não explica tudo. Aliás, explica

muito pouco sobre as polarizações sociais que vivemos e os novos padrões de conflito, dominação e violência. Os embates de vida ou morte entre as diversas frações dos trabalhadores, da pequena burguesia e dos capitalistas estão cada vez mais pautados por dimensões da moral e da cultura, incluindo os “campos de batalha” na educação, religião, comunicação, arte e consumo. É também uma outra faceta da luta de classes, entre frações da sociedade civil em luta por questões morais, identitárias, valores, visibilidade e poder - e, no limite, pelo mais basal direito à vida.

O conflito capital-trabalho não sumiu, é claro, mas há décadas foi muito além do chão de fábrica. Coloniza todas as esferas da vida, incluindo os desejos de consumo e o tempo livre do/a trabalhador/a, que passa a ser cada vez mais exposto/a a novos tipos de indústria. São elas as indústrias do desejo e do simbólico, como a indústria cultural e do espetáculo, agora na era digital; a indústria do consumo sob medida, para nichos identitários e de renda; e também a indústria da alma, a religião como mercadoria de autoajuda para “sobreviver no inferno” do capitalismo em sua fase atual – de decomposição dos direitos, das políticas públicas, da proteção social e do meio ambiente.

Estudar as Guerras Culturais, numa perspectiva histórica materialista e dialética, é estudar novas dinâmicas e fronteiras da luta de classes e por poder. A esfera da reprodução social do trabalho também abarca a reprodução simbólica da vida, e cada vez mais essa é uma dimensão decisiva. Como pesquisadores/as da História da Arte (professor e estudantes), o estudo dos Regimes Visuais dessa Guerra nos interessa em particular. E, como explicou Guy Debord, a imagem tornou-se a forma mais avançada e concentrada do capital na sociedade do espetáculo, seja na publicidade ou no cinema,

até em formato de memes e virais do TikTok. E a maneira como produzimos, circulamos e consumimos as imagens tem resultado em realinhamentos surpreendentes entre as classes e suas frações na disputa por hegemonia e poder. Ainda mais em uma era de incertezas no mundo da pós-verdade e do pré-apocalíptico – onde o fanatismo religioso e o oportunismo neoliberal prosperam como rastilhos de pólvora.

Há quase cem anos, Freud e seu discípulo Reich perceberam a ascensão do fascismo e do nazismo como um fenômeno que já embralhava o entendimento da luta de classes e construía novas dinâmicas em função de questões psicológicas e simbólicas, com seus desejos, recalques e ressentimentos. O desejo de ordem, hierarquia, autoridade e um líder forte fazia oposição direta à emancipação social – o que permitiu a Reich perceber que existiam forças que levaram a classe trabalhadora a agir contra seus próprios interesses. A isso já se somava o salvacionismo religioso, uma moral sacrificante dos desejos, e o medo do outro, que deve ser banido e exterminado – o que levou ao holocausto.

Os marxistas mais atentos a isso, como Gramsci, Benjamin e Adorno, entre outros, começaram a perceber que a formação da consciência de classe, sua reprodução simbólica/identitária e a construção da hegemonia eram muito mais complexas do que os comunistas imaginavam até então. Muito antes da “virada cultural” nas humanidades nos anos 1970, eles indicaram, ainda no entreguerras e no imediato pós-guerra, que sem a compreensão dos embates culturais (e visuais), que se desdobravam por sobre o mundo do trabalho, não compreenderíamos os novos padrões de luta de classes, poder e dinheiro.

Mais recentemente, após o fim da Guerra Fria nos anos 1990, coube a um pensador liberal-progressista norte-americano, James Hunter,

indicar que, atravessando o conflito capital-trabalho sem encerrá-lo, emergia em importância um campo de batalha ao mesmo tempo pré e pós-moderno: entre progressistas e reacionários, em torno da moral e dos valores. Trata-se de um campo de luta que poderia definir a identidade ou “alma” da nação, e que resgatou, sobretudo, uma renovada combatividade cristã, envolvendo fundamentalismo e a intolerância religiosa e social.

Esta “nova cruzada” passou a constituir o grande embate nos EUA depois de derrotarem o bloco comunista. Suas origens mais imediatas estão na reação conservadora e religiosa aos avanços sociais, éticos e legais conquistados depois de décadas de lutas dos movimentos por direitos das mulheres, negros, comunidade LGB-TQIAP+, ambientalistas e pacifistas. Depois do colapso do bloco comunista, o inimigo interno passou a ser o foco principal, e a direita norte-americana pretendeu reagir para retroceder no tempo, em nome de “Deus, pátria e família”. E de lá, esse padrão de embate e polarização social se espalhou pelo mundo.

As Guerras Culturais contemporâneas tornaram-se, então, um tópico de estudo e de definição de estratégias políticas, em diversas áreas do saber e em diferentes espaços de inteligência e planejamento de ação (indo das universidades às igrejas, dos partidos aos aparelhos de repressão). Para os/as cristãos/ãs de direita, forças da ordem e capitalistas aliados, trata-se de uma verdadeira guerra na qual é necessário ganhar em várias frentes, a começar contra o assim chamado “marxismo cultural” ou o “politicamente correto”, seguido do confronto violento com as lutas identitárias de hoje, em nome da família, de Deus, da propriedade e de uma moral que coloque limites ao “globalismo” e redefina a própria lógica do capital e da sociedade do espetáculo. O que acelera esse processo é a “profecia” de que o

apocalipse é cada vez mais iminente, o que gera pânico moral e espiritual, teorias da conspiração e ethos guerreiro para eliminar inimigos.

Esta nova direita é complexa de ser compreendida e precisa ser estudada em todas as suas frações e interesses. Ela é composta por grupos heterogêneos, mas se destacam setores fundamentalistas cristãos e evangélicos, desempregados e desfiliados da sociedade salarial-industrial, pequenos/as proprietários/as autodenominados/as empreendedores/as, grandes proprietários/as rurais, capitalistas agressivos/as atuando por predação, especulação e despossessão, parcelas da mídia, das celebridades e do crime organizado, a quase totalidade das forças militares e policiais, além de alguns/mas poucos/as intelectuais e artistas ressentidos/as com o fantasma da suposta dominação cultural de esquerda. O tipo “genérico” de todas elas é o chamado “cidadão de bem”, que em nome da família, da pátria e de Deus, atua “sem freios” e pode cometer as maiores atrocidades.

Assim sendo, esta nova direita tem organizado uma reação, estudo e atuado de forma incisiva na guerra cultural, como parte de uma estratégia mais ampla de reconquista de uma hegemonia global conservadora (para alguns denominada de neofascista e para outros teocracia cristã), não apenas no campo cultural, mas também econômico e político. Essa “internacional reacionária” atua em uma guerra híbrida em várias frentes. No campo político-cultural, as batalhas ocorrem em um contexto de pós-verdade e de produção de narrativas paralelas, muitas delas de caráter messiânico, nas redes sociais, canais de YouTube e suas derivações, em atos e performances nas ruas – que esses grupos passaram a ocupar –, nas igrejas cristãs criacionistas e pentecostais, nas empresas, na música pop, na produção audiovisual e



---

### Imagen 1

Bolsonaro e a Matrix

Fonte: Twitter @FriedHardt, 2017.

---

### Imagen 2

Marcha da família cristã em Brasília 2021

Fonte: Uol Notícias, 2021.

mesmo “acadêmica”, entre outros espaços.

Nossa disciplina eletiva pretendeu estudar a emergência das guerras culturais no Brasil atual, em diálogo com outras partes do mundo, procurando compreender seus embates sobretudo no campo da imagem, da comunicação e propaganda, das performances de rua, da memética, do audiovisual, das narrativas reacionárias e da imaginação estético-política que representam.

Mais especificamente, estudamos como a “estética bolsonarista”, do senso comum ou do mau gosto (com suas diferenças internas, entre evangélicos/as, militares, classe média lavajatista, gamers, agronejos, entre outros/as), alcança um tipo de narrativa carismática que move multidões em transe, no ritmo de combate cultural para exterminar seus fantasmas: das lutas identitárias, da esquerda corrupta, do feminismo abortista, do comunismo revivido e do marxismo cultural.

A eletiva permitiu discutir a bibliografia fundamental no tema, escolher frentes de batalha mais significativas para estudo, construir categorias pertinentes, explorar possibilidades e fazer análises de casos/eventos/objetos/imagens emblemáticos para compor este livro.

Estudamos como regimes de ódio, de comunicação e de visualidade entrelaçados, com seus sujeitos permanentemente excitados, produzem uma máquina de propaganda e uma “mística” reacionária que geram subjetivações (sádicas e catárticas) de massas enfurecidas. Mas não se trata da mera repetição do fascismo ou nazismo históricos, com seus sistemas centralizados de produção de signos, com um Ministério da Propaganda à la Goebbels. A onda reacionária parece ter emergido de uma rede capilarizada em núcleos identitários, de células pulverizadas de produtores/as de conteúdos (com seus ideólogos, sem dúvida). Uma rede micrônica “autogerida” e promovida por milha-

res de subprodutores de submaterial cultural de propaganda rebaixada para circulação frenética por dispositivos digitais. Trata-se de slogans textuais e visuais rápidos e diretos, com apelo autoritário e revanchista, apresentando novas “razões”, que são paradoxais, e levam à cisão social, ao negacionismo e a narrativas fantasiosas de ordem mítica e moral.

A pandemia, e depois a tentativa de reeleição de Bolsonaro aumentaram a temperatura da guerra cultural para situações extremas. Esse regime de visualidade e propaganda entrou em uma fase de reiteração mítica, autoengano voluntário e justificativas mórbidas para o genocídio em curso e, agora, para a não aceitação da derrota nas urnas. O “necropopulismo” de Bolsonaro entrou em uma fase nova e vertiginosa em busca de sua perpetuação no poder, que pretendeu alcançar um novo ponto de mutação - para uma forma-social distópica. Os zumbis dissonantes diante de quartéis são um sintoma disso, o que mostra a relevância do nosso estudo.

Mesmo com sua recente derrota, não assumida publicamente e com as movimentações golpistas que se seguiram, pode-se afirmar que a extrema-direita afirmativa-impositiva veio para ficar. A derrota nas urnas foi apertada e a queda política ainda não é evidente, muito menos pacífica ou assimilada. Afinal, a “guerra cultural” é antes de tudo uma guerra – e ela deve durar por anos ou décadas. Preparem-se!

### **Um exemplo: O audiovisual de combate da nova direita**

Para costurar com a turma um fio narrativo complementar, debatemos a produção audiovisual nas Guerras Culturais brasileiras. Estudamos o cinema documentarista de média e longa metragem, como imagem-técnica original, até suas derivações quase instantâneas, produtos

da guerrilha digital: os vídeos de zap, Youtube, Instagram, TikTok, entre outros formatos.

No audiovisual, e mais especificamente no cinema, a forma de enquadrar, iluminar e apresentar seus protagonistas, atreladas a uma montagem ritmada como uma música instigante, organizadas em um roteiro bem construído, atraem de forma aparentemente despretensiosa e imparcial o espectador que, seduzido pelas imagens, adere às ideias contidas na narrativa. Não por acaso, o cinema foi um dos instrumentos mais eficientes na difusão dos ideais nazistas e fascistas nas décadas de 1930 e 1940.

Compreender o uso das imagens e toda sua força simbólica, aliada aos elementos da linguagem audiovisual, neste sentido, nos ajuda a imergir na maneira de conceber e articular a forma de pensamento de seu produtor e a recepção de seu público. No curso, portanto, abordamos alguns filmes para exercitar o olhar, como obras de posicionamento ideológico à direita produzidos neste tempo histórico, da ascensão da extrema-direita no Brasil (de 2013 aos dias atuais). Rapidamente relembramos alguns deles aqui.

*Não Vai Ter Golpe*, documentário produzido pelo MBL (Movimento Brasil Livre) e lançado em 2019, foi apresentado como o contraponto do documentário *Democracia em Vertigem*, da diretora Petra Costa, lançado poucos meses antes - portanto, um filme assumidamente produzido para a “guerra”. Dirigido por um dos fundadores do MBL, Alexandre Santos, e Fred Rauh, o documentário conta a história do próprio Movimento Brasil Livre, desde os motivos de sua criação até o impeachment da então presidente Dilma Rousseff, em 2016, na qual eles atribuem a si próprios o protagonismo deste fato histórico.

Narrado de forma bastante dinâmica, quase como um videoclipe, sua estética tem um público-alvo: os jovens. O MBL, com atuação intensa

nas redes sociais, foi um dos protagonistas dessa nova direita ascendente e mobilizada na internet e nas ruas logo após a reeleição de Dilma Rousseff, no final de 2014. Atuando como uma inesgotável fonte de memes, seus principais nomes também são youtubers que propagam ideais liberais com grande alcance de público. Tal domínio da linguagem visual na internet propicia ao documentário *Não vai ter golpe!* uma mistura da agilidade das redes sociais com a linguagem cinematográfica convencional.

Apesar de ser um documentário, *Não Vai Ter Golpe!* tem uma forma de narrativa que se assemelha aos filmes de ficção comerciais, no qual se apresenta o protagonista (neste caso, o MBL) como personagem ordinário e desqualificado, que não se insere muito bem no seu ambiente social, recebe uma missão a aceita após hesitar. Após muito sofrimento e luta, ele vence o inimigo em um feito quase impossível, mudando assim toda a realidade na qual está inserido. É dessa forma que o MBL conta a história de “como cinco garotos que largaram a faculdade mudaram a história do Brasil”.

A trajetória do herói é uma forma de construção narrativa muito utilizada em Hollywood, baseada principalmente em estudos de Campbell sobre as diversas mitologias em diferentes culturas. Tal estrutura, utilizada à exaustão na história do cinema, é uma forma acessível ao telespectador, que gera identificação e assimilação do conteúdo de forma naturalizada – e sua estrutura espetacularizada gera empatia e admiração do espectador.

Ao apropiar-se também da narrativa do herói, a saga *Nada a Perder*, composta por dois filmes ficcionais baseados em fatos reais da vida do Bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, apresenta Macedo com um protagonista aparentemente sem maiores qua-

lidades, mas sonhador. Ele tem um problema físico na mão e é um tanto rebelde, mas sonha em ser pastor evangélico, decidindo lutar contra tudo e todos em busca de seus objetivos, deixando seus medos e dilemas de lado colocando “Deus acima de tudo”, vencendo assim, de forma triunfal e após muita perseguição e injustiças, o inimigo – a Igreja Católica, mídia, políticos e judiciário. Neste aspecto, é interessante a forma como a direção sempre apresenta esses adversários na penumbra, como seres das sombras.

A presença fundamental dos evangélicos nesta guerra ou “cruzada”, a partir da atuação da Igreja Universal do Reino de Deus, liderada pelo Bispo Edir Macedo por meio do Grupo Record de Comunicação, têm dado relevantes contribuições através de seus produtos culturais na arregimentação de um público conservador-cristão, principalmente o neopentecostal, adepto da Teologia da Prosperidade, trazendo-os às pautas ligadas à extrema-direita, especialmente no que diz respeito à agenda de costumes em diálogo com o discurso do empreendedorismo neoliberal.

O *Jardim das Aflições*, também foi analisado no curso por retratar um dos personagens principais desta Guerra Cultural, o ideólogo Olavo de Carvalho, cujo protagonismo se deve principalmente por ele ter sido um dos precursores deste chamado à guerra. Olavo de Carvalho, se fosse um dos arquétipos da trajetória do herói, seria facilmente identificado como o “mentor”, o mestre que orienta o caminho do herói. Neste documentário do cineasta Josias Teófilo, Olavo é introduzido ao grande público a partir de narrativa sóbria e comedida, cercado de livros e da família, mostrando um lado intelectual e cristão para além da sua persona nas redes sociais, justificando assim seu título de “guru” da extrema-direita.

Segundo neste contexto de produção audiovisual da direita, destaca-se a produtora Brasil Paralelo, pelo grande volume e regularidade de produções que se inserem nos temas ligados à extrema-direita, produzindo documentários de grande qualidade técnica, tornando-os sedutores e persuasivos, induzindo o telespectador a narrativas negacionistas e de cunho colonialista, reacionário e patriarcal.

Entre os filmes da produtora analisados na disciplina estão *O Fim da Beleza*, sobre arte e arquitetura; 1964: *O Brasil Entre Armas e Livros*, sobre o período da ditadura militar; e *Pátria Educadora*, a respeito da educação no Brasil. Em suma, esses documentários - e praticamente todos os outros - têm uma estrutura parecida: trazem um panorama histórico do tema, com boa parte das informações sendo verdadeiras enquanto omitem outras e, ao adentrar no conflito do tema sob o ponto de vista da produtora, distorcem fatos e direcionam o discurso para uma certa decadência do país, atribuindo isso às ações dos atores responsáveis por estes conflitos – de forma genérica, a junção desses atores é a esquerda.

Tanto o MBL, a IURD e a Brasil Paralelo, citados aqui, têm como eixo de confluência o velho maniqueísmo característico das narrativas cinematográficas de cunho comercial e convencional. Neste contexto, o debate político do mundo real é simplificado em uma irreconciliável luta do bem contra o mal, no qual o inimigo é sempre o outro: a educação (universidades), a mídia, os corruptos (políticos do PT) e o judiciário (STF). E estes são retratados como se estivessem em um grande conluio, uma massa amorfã também chamada de “comunismo”, “petismo” ou algo do gênero.

Todos os filmes têm acesso fácil, seja nos serviços de streaming mais populares ou no



---

### Imagen 3

Capitão B.

Fonte: Twitter @meguew\_, 2020.

---

### Imagen 4

Arte do cartaz do filme Não vai ter golpe!

Fonte: Prime Video, 2019.

---

### Imagen 5

Ato 30M pela Educação, Acre

Fonte: A Gazeta do Acre, 2019.



YouTube. Ainda, todos eles contam com grande circulação dentro de seus nichos, tornando-os peças de propaganda importantes na formação do imaginário desta extrema-direita ascendente e que, invariavelmente, apontam um inimigo a ser combatido e destruído.

Nesta Guerra Cultural na qual estamos em meio à fumaça do combate, é relevante mencionar que o termo *shot*, que significa tiro em inglês, é também utilizado no cinema para nomear a tomada/plano de câmera em uma gravação – ou seja, o momento entre o “Ação” e o “Corta”. A referência se dá pelo fato de a câmera se parecer com uma arma – que ela de fato o é.

### **Nosso processo: Educação como construção de autonomia**

16

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, p.47.

“Qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um, que todos influenciam a dinâmica da sala de aula e que todos contribuem.” Bell Hooks, em *Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade*. p.18.

Nossa disciplina lotou as vagas rapidamente, com estudantes quase todos em final de curso de História da Arte. Mas não só: ingressaram também estudantes de Filosofia, História, Ciências Sociais e Pedagogia. Ou seja: de partida, contamos com uma turma interessada, curiosa no tema ou mesmo já participando de debates

e grupos de estudos em Guerras Culturais. A construção do percurso formativo na disciplina também garantiu aos/as estudantes a escolha dos subtemas e uma trajetória, passo a passo, para se sentirem progressivamente mais apropriados/as das questões motivadoras.

As aulas foram acompanhadas de recomendações de leituras, podcasts e vídeos de autores diversos. Passamos por leituras de Freud, Reich, Adorno, Umberto Eco, James Hunter, e por jovens pesquisadores/as que acompanham os embates atuais, como Pablo Ortellado, João Cesar de Castro Rocha, Adriana Kurtz, Isabela Kalil, Rodrigo Nunes, Gabriel Feltran, Lucas Pedretti, Ronaldo Almeida, Fábio Py, Tales Ab’Saber, Viviane Freitas e Marielle Franco. Mergulhamos também na produção da extrema-direita, Olavo de Carvalho, ORVIL, Thomas Giulliano, Eduardo Bolsonaro, Edir Macedo, falas do então presidente Jair Bolsonaro e de ministros, além da produção audiovisual da direita, MBL, várias obras do Brasil Paralelo, Josias Teófilo, cinema evangélico, entre outros segmentos. Houve também uma visita guiada ao Templo de Salomão, da IURD. De quebra, houve alguns momentos de humor, como um vídeo da série *Black Mirror*, do episódio *The Waldo Moment*, e uma esquete da produtora Porta dos Fundos sobre a suposta balbúrdia nas universidades.

A partir do meio do semestre, as aulas passaram a dividir o tempo com as apresentações dos estudos de caso pelos alunos/as. Isso permitia trazer cada vez mais base empírica e material de discussão em classe, para que os debates estivessem ancorados na leitura do real e não apenas da bibliografia. Para que a construção do processo formativo fosse também de autonomia, os/as estudantes escolheram seus temas a partir de uma lista inicial, mas que poderia ser – e foi sendo – alterada e complementada. As du-

plas e trios se formaram na aproximação por interesse, ampliando as possibilidades de diálogo para além dos/as colegas de trabalho de grupo de sempre. Alguns/mas seguiram na pesquisa individual, sem problemas.

Todos os grupos passaram por uma ou mais conversas de orientação com o professor e monitor, para discutir o tema, pensar na escolha de casos de estudo e bibliografia e filmografia. Os seminários eram, assim, um momento processual, da reflexão em construção e consistiam em uma fase na qual os/as estudantes apresentavam aos/às colegas o andamento da pesquisa, as hipóteses e possibilidades de interpretação. Além do debate em aula (a turma foi sempre muito participativa), cada estudante deveria enviar, por escrito, comentários a ao menos 5 dos 15 grupos. Esses comentários eram de sugestões para a produção do artigo, o que destacar, pontos fortes ou aspectos para reformulação – e são métodos horizontais de ensino, dos estudantes aprendendo com seus colegas. A entrega do artigo final também se deu em duas fases: uma versão inicial, que foi amplamente comentada pelo professor e monitor, que fizeram o papel de editores/pareceristas ao indicar os ajustes finais; e a versão para publicação, que aqui apresentamos a vocês.

Assim, processo e produto final foram ambos valorizados e avaliados, com acompanhamento próximo dos orientadores, mas sempre deixando que as/os estudantes fossem se apropriando do seu percurso, refletindo sobre os aprendizados e se fortalecendo intelectual e politicamente para esta batalha, que continuará certamente por anos, e mobilizará em especial essa jovem geração.

## **Conclusão: Transformar a guerra do ZAP na PAZ possível**

Os famosos “tio ou tia do ZAP”, na alcunha para o WhatsApp, simbolizaram uma tipologia

de “inocentes úteis” que acabaram sendo estimulados/as ou cooptados/as para atuarem na “guerilha digital” da polarização e propagação de ódio e mentiras no Brasil dos últimos anos. Nossa objetivo ao compreender a guerra política brasileira, e as guerras culturais em especial, não é outro senão desarmar a máquina de intolerância, falsificação, negacionismo e violência simbólica e real que foi construída, sobretudo, pela extrema-direita nos últimos anos. Evidentemente, não utilizamos dos mesmos meios – o que só agravaría o círculo vicioso de um obscurantismo sem volta.

Temos que criar alternativas ao sistema de comunicação, crenças e mobilização do tio e tia do ZAP. Como desconstruir esse sistema ou invertê-lo? E, pensando nisso, vocês já repararam que lido de trás para a frente, ZAP vira PAZ? Pois é, talvez seja esse um caminho. Conhecer, compreender as regras do jogo e mudá-las pelo avesso.

A lei da guerra messiânica do bem contra o mal que está no Velho Testamento parece ter voltado, propositadamente, para transformar o debate democrático, o direito à diferença e ao contraditório, em uma “última cruzada” fanática contra inimigos satânicos sem direito a voz ou argumentação. Seria uma nova inquisição? E isso interessa a quem?

O ditado do “olho por olho e dente por dente” (Levítico 24:20), que move o fundamentalismo de todas as espécies, foi negado e superado por Jesus Cristo: “Agora eu lhes dou uma nova Lei: ameis uns aos outros como os tenho amado” (João 13:34 35). Daí que, diferentemente do estado de guerra permanente do Antigo Testamento, a mensagem de Cristo passava a ser a crítica aos poderosos, a ajuda preferencial aos pobres e desvalidos, a misericórdia, o perdão, o amor e a paz.

E, para quem não é cristão, como colaborar para que cristãos se reencontrem com esse Cristo

misericordioso, que esteve ao lado dos oprimidos e que lutava contra as injustiças? Aliás, é necessário ter como exemplos o quê e como fizeram – e ainda fazem – a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base, as Pastorais, as redes de solidariedade Evangélicas, grupos ativistas de jovens cristãos, e grandes lideranças protestantes inspiradoras, como Martin Luther King Jr..

Não é o objetivo deste livrinho, mas o diálogo aberto com a imensa maioria cristã no Brasil – seja católica, protestante, pentecostal ou neopentecostal – será fundamental para encontrarmos saídas que nos afastem dos fanatismos, do reacionarismo e da crença de novos e falsos Messias. E também nos livrem da intolerância religiosa ou moral contra as minorias. Diálogos inter-religiosos, interculturais e com o conhecimento científico serão fundamentais para sairmos do tempo sombrio em que estamos.

Mostremos a história e a realidade vivida pelo povo, e não o ‘Brasil Paralelo’ falsificado. Façamos novos mutirões nos bairros, vilas e favelas, e reatemos os laços de solidariedade, amor, paz e justiça. A universidade pública deve participar desse diálogo com todos os grupos, combatendo o negacionismo, mostrando a evidência histórica, científica e documental – e o poder emancipador do conhecimento e da arte. Só construindo essa aliança entre diferentes setores e saberes, em defesa da vida, da justiça e da paz, é que as atuais e próximas gerações poderão ser felizes e viver com dignidade.

### **Um último recado para nossos e nossas estudantes**

Foi incrível compartilhar essa disciplina com vocês, mesmo em um tema espinhoso e dolorido para muitos de nós – e já pedimos desculpas se ampliamos o sofrimento de vocês em alguns momentos. Muitos/as de nós são ví-

timas e sofreram e ainda sofrem muito com o regime de ódio e intolerância em que ainda estamos. Por isso, nossos encontros foram também um exercício terapêutico comunitário, além de acadêmico e reflexivo. E, como sempre, nós, professores, também aprendemos muito, compartilhamos afetos e angústias e pudemos exercitar o “pensar juntos” – que é o que mais encanta em nossa profissão de educadores/as.

Foi a primeira vez que realizamos essa disciplina, derivada de um grupo de estudos que iniciamos em março de 2021. Cada preparação das aulas foi uma aventura, na escolha de textos, vídeo, imagens e preparação dos slides. Navegávamos em mares revoltos, com nuvens carregadas e temas sombrios. Mas a cada encontro nos iluminávamos e ríamos (ou chorávamos) juntos. Além do pré-aula, com os/as artistas da ocupação Ouvidor 63 e estudantes do projeto de extensão Reciprocias, que vocês conheceram e se envolveram.

Foi surpreendente ver a maturidade do grupo desde o início, quando em meio a uma aula souberam ajudar os/as representantes do movimento estudantil a perceber contradições e a construir um processo coletivo e coerente de tomada de decisão, em um momento de protesto contra mais cortes impostos pelo governo Bolsonaro às universidades públicas. Aliás, também nos encontramos nas ruas, nas manifestações estudantis contra os cortes. E, na sala de aula, a cada seminário, discussão de casos, debate sobre os textos e vídeos, a troca de ideias foi sempre enriquecedora e generosa. Chegamos ao final da jornada, com este livro, que representa nossa construção conjunta, e com a festa de lançamento e despedida.

**Até uma próxima!**

**Nos cruzaremos por aí, nos corredores da Universidade ou nas estradas da vida!**

# Capas de combate: a guerra contra o PT

**Giulia dos Santos Nascimento.** Sou artista, pessoa com deficiência, estudante, leitora e amante da arte. Às vezes faço desenhos por encomenda.

**Keyla Vasconcelos de Melo.** Sou analista de projetos de T.I e estudante de História da Arte. Apaixonada por arte, museus, livros e animais, por isso escolhi esse curso como segunda formação.

O período que se estendeu desde o início da Operação Lava Jato até o golpe parlamentar que derrubou a presidente Dilma Rousseff, foi marcado por intensos ataques, mentiras, manipulações midiáticas e a sorrateira ascensão da extrema-direita na cena política brasileira, até estes conquistarem o governo federal. Aqui discutimos como as representações dos presidentes Lula da Silva e Dilma Rousseff durante este período, contribuíram para o imaginário do povo a respeito do PT no Brasil.

Com a ascensão dos movimentos de direita e extrema-direita, em organizações como Vem Pra Rua, Revoltados Online e Movimento Brasil Livre (MBL) os ataques às figuras políticas de esquerda se tornaram mais comuns, tornando-se mais rotineiros após o início da Operação Lava Jato, em março de 2014. Dentre os quais, os direcionados a Dilma, se deram através de diversas manchetes do jornal O Estadão, e das revistas Veja e Istoé, que utilizaram de diversas imagens e recortes interpretativos disponíveis para manipular a verdade.

Observando a capa lançada pela Veja, em outubro de 2014 (nº2397), que traz a figura de Dilma e Lula dividida ao meio, acompanhada

da denúncia de que eles estavam cientes do Petrolão, podemos dar início à discussão de como o jornalismo sensacionalista, principalmente da Veja e da Istoé, contribuíram fortemente para o imaginário brasileiro contrário ao PT. Trazendo matérias semanais e sensacionistas, é evidente a presença do contraste na escolha de palavras, cores, objetos e posicionamentos da mídia frente à situação do Petrolão, e mais a frente, na denúncia de corrupção contra a presidente Dilma Rousseff, que foi injustamente acusada e sofreu consequências extremas não só de seus supostos atos, mas também dos ditos crimes do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

19

## Campo da batalha político-institucional

A Operação Lava Jato foi uma investigação que tinha como objetivo o “combate à corrupção” e lavagem de dinheiro praticada por doleiros, empresários, agentes públicos e políticos. A principal instituição afetada foi a Petrobras, maior estatal brasileira. As investigações foram repletas de polêmicas e irregularidades, como o grampo telefônico ao ex-presidente Lula e o vazamento de conversas entre o ex-

-juiz Sérgio Moro e o promotor Deltan Dallagnol, que continham informações controversas quanto à imparcialidade da operação. Mais tarde, alguns integrantes da operação, como o juiz Moro, passaram a fazer parte do governo Jair Bolsonaro, o que gerou ainda mais questões sobre a imparcialidade da operação.

Em novembro de 2019, após passar 580 dias preso, o ex-presidente Lula foi solto, e em 2021 o STF anulou as condenações, ao considerar que foram cometidos erros técnicos devido à parcialidade e irregularidades no processo. Na mesma época da Lava Jato, o país passava também pelo impeachment da então presidente Dilma Rousseff, com um processo que começou em dezembro de 2015 e se estendeu até agosto de 2016. Além das suspeitas de envolvimento nos esquemas de corrupção na Petrobras, Dilma foi acusada de improbidade administrativa e desrespeito à lei orçamentária. Apesar de alguns juristas contestarem as acusações, o processo foi levado adiante mesmo que não existissem provas do envolvimento da presidente em crime doloso.

O processo de impeachment de Dilma foi cercado de indícios de manobra política da elite para que Temer assumisse, sendo a imprensa brasileira um agente importante nessa operação. Usando de sua influência, assim como usou historicamente em presidentes que não chegaram a terminar seu mandato e que sofreram resistência da imprensa de sua época, como Fernando Collor e João Goulart. Os meios de comunicação na sua maioria não são imparciais e tendem a influenciar o público conforme seu interesse político. Situação

apresentada por Ariel Goldstein (2016, p. 10), ao pontuar que a imprensa conservadora-liberal, ofereceu a legitimidade para o avanço do impeachment de Dilma Rousseff da presidência em agosto de 2016.

### Capas de propaganda antipetista

Ao analisar as capas da Veja, é preciso lembrar que existe um histórico dessa revista contra o PT, e o editorial de Roberto Civita sempre deixou claro seu campo político, reforçado por meio de suas capas – verdadeiros cartazes de combate pendurados nas bancas de jornal do país. Já a Istoé, ligada ao MDB, muda de acordo com o momento, seus interesses e alianças. A Veja, desde muito antes, já tinha um tom de deboche quando se referia ao PT, e isso é claro desde os primeiros momentos do partido no poder, quando em janeiro de 2005, a revista fez a capa nº1889 com a manchete: “O PT deixou o Brasil mais burro?”, atacando a regulação do ensino superior pelo MEC [Imagem 1].

A capa traz a imagem de orelhas de burro e ofende o povo brasileiro, por estar supostamente concordando com a ação tomada pelo partido. O tom debochado e contrário da revista com o governo petista se manteve e foi até muito questionado por conta da ação que o partido moveu contra a Veja, em 2005. Porém esse comportamento se arrastou até o eventual impeachment de Dilma, no qual a revista teve um grande papel em disseminar, impulsionar e cobrir, não só a saída da presidente de seu posto, como também toda a “heroicização” e posterior “martirização” do juiz Sérgio



**Imagen 1**

Capa da revista Veja.

Fonte: Adupe, 2005.

**Imagen 2**

Capa da revista Veja.

Fonte: Veja nº 2.397, 2014.



Moro, que depois acabou rompendo com o governo Bolsonaro.

Mesmo que a princípio a ideia das revistas seja de informar, a opinião política desses editoriais nunca esteve realmente escondida. Tendo um histórico, desde seu início, de financiadores e direções editoriais voltadas à direita conservadora, não surpreende que a revista Veja, seja sob a direção da família Civita, ou de Fábio Carvalho – que assume a direção em 2019 – continue tentando distorcer, manipular e remanejar seu discurso de acordo com a situação em que se encontra o país. No caso da Istoé, a posição política se mostra um pouco mais variável, porém no período em questão, sua posição era evidentemente a favor do *impeachment* da presidente, mesmo com todas as evidências de que ela não estava envolvida em qualquer esquema de corrupção em seu governo.

Quando a Veja faz a acusação de que Dilma e Lula sabiam de tudo que estava acontecendo na Petrobrás, além de vir com uma carga de opiniões políticas que, no momento, representavam uma boa parcela da população (68% das pessoas que foram entrevistadas pelo Datafolha), existe um interesse particular desde o início do governo do PT em descredibilizar a imagem de Lula e de Dilma. Tentativa esta que ao final saiu vitoriosa, visto que boa parte do povo brasileiro se manifestou a favor da decisão de *impeachment* e, do posterior mandado de prisão emitido para o ex-presidente Lula.

A estratégia visual da capa “Eles Sabiam de Tudo”, deixa clara a intenção a ser comunicada [Imagen 2]. A divisão de Dilma e Lula ao meio é precisa, o contraste usado e o trata-

mento da imagem, com tons frios, remetem a um famoso formato de finalização de novela, algo que o brasileiro conhece bem e influencia na forma como lemos e interpretamos a capa. Outro caso interessante é a ligação que podemos estabelecer na forma como Lula e Dilma são representados de maneira que se completam. Claro exemplo disso, se dá na capa da Veja nº 2469, que representa Lula com várias cobras na cabeça e na capa da Istoé nº 2417, que representa Dilma gritando [Imagen 3].

Existem muitas semelhanças nas imagens das capas, que foram lançadas com quinze dias de diferença. A imagem de Lula faz referência a um discurso dado em 04 de março de 2016, após o ex-presidente dar seu depoimento na Lava Jato, em que diz “Se quiseram matar a Jararaca, não bateram na cabeça, acertaram no rabo”. Como pontos em comum, as duas capas trazem uma referência à obra *Medusa* (1595-1598) de Caravaggio. A imagem de Lula fazendo uma clara referência a seu discurso, a expressão manipulada de raiva, o uso de preto no fundo da capa, o tratamento contrastante de sua imagem, nos leva diretamente à imagem de Dilma. A capa com a frase “As explosões nervosas da presidente” tem uma imagem que é tratada com um foco muito detalhado em sua suposta exagerada revolta. A capa apresenta alto contraste – quase estourado – sua boca está praticamente preta e seus olhos escurecidos, de forma que nos remete à pintura de Caravaggio, também no enquadramento da fotografia, que corta a presidente logo abaixo do rosto. Os elementos presentes nas duas capas, trazem uma sensação de loucura e esta foi exatamente a



### Imagen 3

Capa da revista Veja, nº 2.469. Fonte: Veja, 2016.;  
Capa da revista Istoé, nº 2.417. Fonte: Istoé, 2016;  
Obra "Medusa", de Caravaggio. Fonte: Google Art Project, 1597.

### Imagen 4

Capa da revista Veja, nº 2474.  
Fonte: Veja, 2016.



proposta de ambas as capas, que parecem combinadas a ridicularizar Lula e Dilma.

Para uma análise ainda mais adiante, observamos a capa “Fora do baralho”, lançada em abril de 2016, que reafirma a insignificância de Dilma no Planalto, utilizando de seu próprio discurso contra ela. A capa, que traz um rasgo no rosto da presidente, como um cartaz depredado numa rua qualquer, transmite a ideia não só de que sua imagem não tem valor, mas também insinua que seu tempo e influência já acabaram. Além de trazer uma perspectiva dita “a favor do povo”, a revista ainda estampa as frases “Veja só vê um lado, o lado do Brasil” e “Veja persegue, persegue a verdade”, transformando às críticas direcionadas ao editorial em afirmações sobre seu trabalho em busca da “verdade sobre o governo do PT” [Imagen 4].

24

## Conclusão

As imagens de Dilma foram vistas por várias pessoas que passavam em frente às bancas de jornais diariamente, e mesmo que não tenham sido lidas, ajudaram a criar e (de)formar a opinião do povo. Não só as capas aqui mencionadas, mas várias outras transformaram a imagem de Dilma de uma tecnocrata competente em uma inepta política. As capas, quase todas misóginas e golpistas, pareciam empenhadas em cancelá-la como figura política de liderança, em questionar qualquer ação ou fala da presidente. As matérias, falas, o “heroísmo” do juiz Sérgio Moro, trouxeram à imagem de Dilma, mais ainda que a de Lula, evidente ruína. Anos mais tarde, a imagem de Dilma continua atrelada ao seu impeachment,

ou golpe parlamentar, e mesmo num país que hoje, escolheu reeleger Luiz Inácio Lula da Silva, ainda permanece à sombra do martírio que lhe foi causado injustamente.

## Referências

68% apoiam o impeachment de Dilma, diz pesquisa Datafolha. G1, 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/68-apoiam-impeachment-de-dilma-diz-pesquisa-datafolha.html>> Acesso em: 29 de novembro de 2022.

ANDRÉ, Hendry; SILVA, Gabrielly Domingues da. Análise das capas da Veja que citam Dilma Rousseff no período de março a maio de 2016. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1846-1.pdf>> Acesso em: 30 de novembro de 2022.

CARDOSO, Maurício. Leia a Íntegra da Ação do PT contra a revista Veja. Conjur, 2005. Disponível em: <[https://www.conjur.com.br/2005-nov-08/leia\\_integraacao\\_pt\\_revista\\_veja?pagina=14](https://www.conjur.com.br/2005-nov-08/leia_integraacao_pt_revista_veja?pagina=14)> Acesso em: 28 de novembro de 2022.

EDITORIAL. IMPEACHMENT, UMA tese equivocada. Zero Hora. 23 de abril, 2015.

EDITORIAL. O IMPEACHMENT é uma saída institucional para a crise. O Globo. 19 de março, 2016.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando; CARNEIRO, José Alan Dias; RAMOS, Plínio de Abreu. A Imprensa faz e Desfaz um Presidente. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

RODRIGUES, Machado Theófilo. O papel da mídia no processo de impeachment de Dilma e Michel Temer. Contracampo, v.37, n.2, UFF, Niterói, 2018.

# Um míssil para destruir Brasília: a arte de guerrilha a partir dos infláveis

**Amanda Alves** nasceu e mora em Itaquera, Zona Leste. Fotojornalista no Jornal *A verdade* e militante da Unidade Popular. Pesquisadora, produtora cultural, arte-educadora e graduanda de História da Arte na Unifesp.

**Diego Lorena** natural de Mauá, no ABC Paulista. É Fotógrafo e aluno do curso de História da Arte da Unifesp.

Diante da modernização dependente e periférica aprofundada pelo regime ditatorial no Brasil, algumas alternativas surgiram para ativistas e artistas no período da neovanguarda, nos anos 1960-70, como a criação de espaços alternativos de produção e circulação de arte como forma de resistência ao endurecimento dos regimes. Nesse sentido, os termos “arte de guerrilha” e “contra-arte” foram cunhados pelo crítico de arte e ativista Frederico de Moraes, no final dos anos 1960, no qual os artistas inseridos nessas categorias, tais como Cildo Meireles<sup>1</sup>, Arthur Barrio<sup>2</sup>, entre outros, combatiam com suas obras, muitas vezes de caráter conceitual com

1 Cildo Meireles nas *Inserções em circuitos ideológicos*, grava informações e palavras de ordem em objetos circuláveis, como por exemplo em garrafas retornáveis de Coca-Cola e cédulas de dinheiro, recolocando-as em circulação no seu uso cotidiano com ideias críticas, tais como a indagação: “Quem matou Herzog?” Recentemente o artista carimbou o rosto de Marielle Franco em cédulas de reais.

2 Em abril de 1970, Arthur Barrio colocou em atividade a Situação T/T,1. Ação composta por quatorze trouxas ensanguentadas (sacos preenchidos com carnes, ossos, barro e espuma de borracha) que foram colocadas nos arredores de um córrego em Belo Horizonte, causando um grande burburinho entre as autoridades e os passantes pela suposta cena criminal em plena ditadura militar, toda a ação foi fotografada.

inserção direta no cotidiano, as mazelas e toda repressão instaurada pela ditadura militar.

Esses termos para além das recorrentes classificações de estilo utilizadas pela história da arte apontam para o teor de envolvimento e militância por parte dos propositores com as causas sociais, nas quais atuavam com um caráter subversivo frente a ordem vigente. Esses artistas criaram obras e realizaram ações que pretendiam aguçar a reflexão crítica das pessoas sobre a situação política do país. Neste contexto os artistas atuavam para uma mudança efetiva no campo social, pelo fim da ditadura militar e pela instauração da democracia, e utilizavam suas obras como armas de combate na luta pelo fim dos anos de chumbo. Em tal contexto, o crítico Frederico Moraes declara:

O artista, hoje, é uma espécie de guerrilheiro. A arte é uma forma de emboscada. Atuando imprevistamente, onde e quando é menos esperado, de maneira inusitada (pois tudo pode transformar-se hoje em instrumento de guerra ou de arte), o artista cria um estado de permanente tensão, uma expectativa constante. Tudo pode transformar-se em arte, mesmo o mais banal evento cotidiano. Vítima constante da guerrilha artística, o espectador vê-se obrigado a aguçar e ativar seus sentidos. (MORAIS, 1970, p.2).

Esse estado de permanente tensão está presente na conjuntura política Brasileira que serve de palco para as intervenções da arte de guerrilha e as manifestações de resposta das elites brasileiras. Quando o presidente Jango entrou em uma onda de implantação de reformas de base, incomodou a pequena-burguesia com o “perigo comunista” (Fausto, 2001, p.391). Deu-se o início do fim de seu governo, ocorrendo em seguida a “Marcha da família com Deus e a Liberdade”, uma das primeiras manifestações de rua da direita no período, e de acordo com Fausto, havia cerca de 500 mil pessoas que desfilararam nessa marcha que ocorreu em 19 de março de 1964, 12 dias antes do Golpe.

Superada a ditadura militar, o Brasil atravessa novamente uma situação política delicada, onde os ecos do passado ressoam e assombram a sua jovem democracia. Os efeitos são gritantes, sofremos um golpe em 2016 que destitui a sua então Presidenta Dilma Rousseff, e com os avanços efetivos da direita, se elege em seguida um presidente avesso aos ideais democráticos. As ruas como um campo democrático por excelência, se torna a grande arena de vozes dissonantes, colocando em cena palavras contrárias à democracia.

## **Um pênis bélico verde-amarelo na Paulista**

O dia 7 de setembro, data da Independência do Brasil, é marcada por muitos símbolos patrióticos que envolvem a imaginação sobre a ideia de nação, e causam especialmente na mente dos direitistas uma embriaguez dos sentidos, que se nota no comportamento dessa

massa. Com esse contexto comemorativo e de ascensão da direita voltamos ao ano de 2021, em uma Avenida Paulista repleta de pessoas marchando em um clima belicoso de golpe. Eis que em meio a cartazes contra o STJ, surge um grande objeto, com grande poder de destruição da “tradicional família brasileira”, um misto de míssil e pênis inflável, a caráter nas cores verde e amarelo, que sobre um carrinho de supermercados avança em sua missão.

Essa curiosa proposição escultural de grande formato (cerca de cinco metros de altura), infiltrando em meio a uma massa bolsonarista, causa uma paralisia interpretativa em quem observa. O responsável da ação é Frederico Ravioli que, junto com mais quatro colegas (Leonardo Zeine, Renzo Comolatti, Ingrid Fernandes e Laura Viana), resolver fazer em 7 de setembro uma “tiragem de sarro” como disse Fred. E também uma explicitação do que de fato era o governo e movimento bolsonaristas. Em entrevista realizada com Frederico Ravioli, ele afirma:

Pensamos então em usar o símbolo do míssil em paralelo com uma piroca gigante e tentar explorar isso. No fundo, nos parece que essa é a própria lógica do bolsonarismo, falar uma coisa grotesca para criar uma cortina de fumaça para outro absurdo maior ainda. Nesse caso, a graça do trabalho era criar uma confusão entre as duas alternativas grotescas, o falo verde amarelo patriarcal de plástico ou uma bomba explosiva que pretendia explodir tudo. Foi jogando com essas duas ideias e imagens que fizemos a performance. Ao mesmo tempo que ela era uma tiragem de sarro, ela também não deixava de ser uma explicitação do que de fato era o governo e o movimento bolsonarista, tentando criar assim uma repulsa a si própria ao conseguir colocar em imagens claras essa ideia



---

### Imagem 1

Piroca inflável verde e amarela.  
Fonte: Frederico Ravioli, 2021.

vaga e nublada de aniquilação, falocentrismo e falsidade (2022).

A dúvida gerada sobre a natureza do objeto, ser um míssil ou um pênis é um dos choques esperados pela ação, uma vez que existe um culto ao armamento e a virilidade é concebida como virtude por esse grupo (a ponto do presidente gritar diversas vezes que era “imbroxável” em plena comemoração dos 200 anos da independência do Brasil). Mesmo assim, algo de estranho incomoda, essa ação é um infiltramento que troça com o absurdo dos tempos em que vivemos, gerando indagações pelo estranhamento e pelo riso. Na esteira do cômico, “O riso é sempre visto como economia de energia e descarga de tensão entre “isto” e o “superego”. Este permite a satisfação simbólica, antecipada da pulsão” (Minois, 2003, p.615). As pulsões envolvidas segundo Jean Bergeret “são a agressividade e a sexualidade e que o caráter subversivo do riso reside no questionamento jubilatório da autoridade. O riso é, ao mesmo tempo, um fenômeno de sublimação e de fantasia.” (Apud Minois, idem).

A ação do “Míssil para explodir Brasília” não ficou fora da Guerra Cultural de Imagens causada nas mídias sociais. A confusão, os mesmos, as montagens e a situação pifaram a mente de muitos colunistas de matérias de jornais, gerando dúvidas sobre o propósito da ação que torna a história mais curiosa e provocante. Ravioli conta sobre:

Creio que um dos êxitos do trabalho se deu pela repercussão que ele teve nas redes sociais e na guerra de disputas e narrativas que ocorreram em torno dele. Num primeiro momento com a internet horrorizada com o pênis verde e ama-

relo, depois achando graça como se tudo aquilo tivesse sido uma trollagem. A própria dúvida sobre a origem e intenção do trabalho fez com que ele fosse disputado e olhado com mais interesse, mas talvez seja pouco dizer que ele era apenas um pinto verde e amarelo disfarçado de míssil, para nós, ele era justamente esse contrário ainda mais perigoso, um míssil disfarçado de pinto.

### A guerra dos infláveis: pato, rato e pixuleco

Não foi agora que os chamados infláveis entraram em cena nas ruas. Em 2015, o publicitário Paulo Gusmão criou um boneco inflável de 15 metros de altura representando o Lula com roupa de presidiário. O boneco foi às ruas pedir o impeachment da Dilma. Posteriormente, passou a ser reproduzido em diferentes tamanhos em quase todas as manifestações de direita no Brasil. Em entrevista para a revista Veja em 2018, Gusmão explica o motivo do nome:

No começo, o boneco não tinha nome. Pensei em chamá-lo de Luleco, mas aí apareceu o “Pixuleco”, associado a propina, e tomou uma força gigantesca. Tivemos todos os cuidados.

O boneco até então “adormecido” aguarda o momento exato para voltar para as ruas, de acordo com o seu criador, que faz um exercício de explicar, que para ele, o boneco tem uma mente e inteligência que o mantém vivo até hoje. Além disso, existe o mascote que é considerado como o inflável número um da direita, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) pela campanha “Não vou pagar o Pato” organizada em setembro de 2015, pelo presidente da entidade, Paulo Skaf. O inflável da campanha contra o aumento de impostos

## Imagen 2

Apoiadores de Bolsonaro tiram selfie em frente ao inflável.  
Fonte: Frederico Ravioli, 2021.

## Imagen 4

Rato e Pato da FIESP  
Fonte: Frederico Ravioli, 2021.



## Imagen 3

Manchete Folha de São Paulo  
Fonte: Instagram @folhadespaulo, fotografia de Frederico Ravioli, 2021.

## Imagen 5

Tweet da Revista Fórum.  
Fonte: Twitter @revistaforum, 2021.



Revista Fórum @revistaforum - 9 h  
**Forum** "Pirocão" verde e amarelo foi trollagem de estudantes infiltrados

[revistaforum.com.br/noticias/piroc...](http://revistaforum.com.br/noticias/piroc...)



e volta da CPMF foi utilizado muitas vezes em manifestações em apoio ao Impeachment da ex-presidente Dilma. Pouco depois descobriu-se que a FIESP tinha feito uma cópia indébita (aliás, a pirataria é comum na indústria brasileira) e entrou em uma polêmica de plágio em 2016 quando o artista plástico Florentijn Hofman acusou a toda poderosa Federação de roubar a sua obra Rubber Duck (pato de borracha). O mascote com aspectos de colonialismo cultural e pirataria, mesmo após provas sendo processado, continua ileso pois a Fiesp se recusou a pagar o pato ao artista holandês, dizendo que se inspirou em patinhos de banheira.

Em contraponto ao Pato, apareceu sorrateiramente na Av. Paulista um enorme Rato. Mais uma vez uma inserção infiltrada em manifestações ideológicas, parafraseando aqui Cildo, o rato tinha evidente ambiguidade: fazia referência aos corruptos (como o Pixuleco de Lula) ou estava ironizando com a própria FIESP e manifestantes de direita que voltavam a ocupar as ruas 50 anos depois da Marcha da Família com Deus pela Propriedade, que ocorreu 12 dias antes do Golpe Militar de 1964. O rato também foi produzido por Fred e seu grupo de amigos. Ele afirma que a ideia de criar um inflável, como uma escultura gigante meio podre e ambígua, já era uma forma que ele costumava a trabalhar e em 2016, junto com o mesmo grupo que produziu o Pênis-Míssil (e com a adição do Bruno Storni), construíram o rato inflável de lona plástica preta para desfilar nos atos da direita e da esquerda no dia da votação do impeachment da Dilma.

30

## Conclusão

A arena de disputa por meio da visualidade operadas por esses personagens infláveis gigantes, munidos com suas armas ideológicas extrapolam o espaço físico das ruas e caminham para o front digital. Os espaços virtuais são cada vez mais recorrentes na atuação política, como a manipulação orquestrada e operada por milícias digitais da direita disparando fake news para sequestrar o imaginário de nichos específicos da população. Portanto, as redes como arena de disputa comportam também o crime e o ódio. Nesse sentido, enquanto temos uma direita acusativa, temos uma atuação de guerrilha que atua de forma infiltrada por meio de uma performatividade ambígua e provocadora que sai das ruas e repercute na esfera virtual, causando desordem mental para os manifestantes, utilizando as mesmas armas do ridículo e grotesco, jogando com espectador, gerando gatilhos críticos que coloca o espectador a se questionar sobre o absurdo, por meio do incômodo e do riso.

## Referências

- Artista holandês acusa Fiesp de plagiar pato amarelo <<https://veja.abril.com.br/revista-veja/paulo-gusmao-o-pixuleco-vem-sem-aviso/>> e <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160329\\_pato\\_fiesp\\_fs](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160329_pato_fiesp_fs)>
- FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FREITAS, Artur. Arte de Guerrilha. SP: Edusp, 2013.
- GUSMÃO, Paulo. “O pixuleco vem sem aviso”. <https://veja.abril.com.br/revista-veja/paulo-gusmao-o-pixuleco-vem-sem-aviso/>
- MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. São Paulo: editora UNESP, 2003.
- RAVIOLI, Frederico: Um míssil para explodir Brasília, das ruas para os memes. Entrevista textual concedida aos autores deste artigo. São Paulo: 2022

# Moda bolsonarista: identidade e propaganda

**Gustavo Almeida Alves.** Sou cria do Grajaú, na Zona Sul de São Paulo. Trabalho como arte-educador, planejo construir uma carreira acadêmica pesquisando sobre arte e necropolítica. E atualmente o meu passatempo preferido é jogar Pokemon Black 2 no emulador pirata do meu celular.

**Ana Laura Brait.** Nascida e criada no ABC paulista, atualmente trabalho na área de conservação do acervo do Centro de Memória do Circo. Além da graduação em História da Arte, também estou terminando o curso técnico de Museologia, pesquisando conservação de figurinos. Meus passatempos incluem fotografia, Clash Royale e vídeos de cachorrinho.

Ao longo da história, a moda tem se mostrado como uma importante plataforma de disputa política. Por meio dela, figuras icônicas e grupos revolucionários ou reacionários foram capazes de se posicionar em relação ao sistema vigente em suas respectivas épocas. A última rainha francesa, por exemplo, impôs seu poder e relevância através de sua indumentária, que a permitia se destacar em cada momento propício, fosse escolhendo vestir calças para se reunir com os homens da corte ou aparecendo em público com vestidos extravagantes que ostentavam o seu poder diante da plebe, que por fim, a decapitou. Nos anos 1960, as Panteras Negras desenvolveram, através da moda, a estética *black power*, promovendo novos ideais de beleza, reivindicando a auto-estima de pessoas pretas e ampliando a disputa pela sobrevivência dentro de uma sociedade racista.

Andrew Bolton, curador do Costume Institute do Metropolitan Museum of Art de Nova York, explica em uma entrevista para a *Vogue*:

A moda funciona como espelho de nossos tempos, então ela é inherentemente política. Ela sempre foi usada para expressar tendências patrióticas, nacionalistas e propagandistas, além de complexas questões relacionadas à classe, etnia, gênero e sexualidade.

31

Nesta linha, um grupo político que tem se destacado são os “bolsonaristas”. Principalmente através da estamparia de camisetas, grupos apoiadores do último ex-presidente conseguiram consolidar a sua própria identidade seguindo padrões característicos da propaganda fascista. Tendo o patriotismo como o seu valor máximo, a “estética bolsonarista” se destaca pela apropriação da bandeira e cores nacionais, dando uma espécie de continuidade aos manifestantes que foram para as ruas contra Dilma, entre 2014 e 2016. No entanto, a performatividade patriótica bolsonarista é bastante contraditória, como veremos.

## Patriotas do nada e performatividade fascista

A bandeira do Brasil busca ostentar as ri-

quezas naturais do país e possui o verde como o elemento dominante e mais emblemático, afinal, é a cor que representa as matas e florestas, um tema sensível para o governo Bolsonaro, fortemente criticado pelas políticas coniventes com crimes ambientais. Isso para não falar no ataque às reservas indígenas e seus povos, que são os principais guardiões das florestas.

O amarelo do ouro, cuja extração predatória está sendo defendida por um presidente que afirma defender garimpo ilegal e andar com uma “bateia no porta-malas”, está também associado ao escândalo de desvio de verbas no MEC por pastores que traficavam influência pedindo pagamento em barras de ouro.

O azul do céu, por sua vez, está em risco. Entre 2019 e 2022, diversas vezes o céu do Brasil foi encoberto por nuvens negras das queimadas. Em 19 de agosto de 2019 o céu de São Paulo ficou de dia completamente escuro em função de grandes focos de queimadas no país.

As estrelas, que representam os estados e nosso pacto federativo, também se apagam. O pacto federativo foi quebrado por Bolsonaro ao descriminar os governadores nordestinos chamados de “governadores de ‘paraíba’” e cortar recursos (estados do nordeste “tem que ter nada” - fala em 19 de julho de 2019).

Por fim, o lema da ordem e progresso também cai por terra com um crescimento do PIB em 4 anos de apenas 1,2%, o menor de todos os governos da Nova República.

Além da flagrante contradição entre as cores e símbolos da bandeira com as práticas do governo Bolsonaro, há claros sinais de submissão aos EUA, colonialismo cultural e ata-

que às tradições populares e afro-brasileiras.

A postura de afronta às artes e artistas, à educação e professores, o anti-intelectualismo, o negacionismo científico, o desinteresse pela própria cultura brasileira, em toda sua diversidade e riqueza, nos faz perguntar: afinal, que patriotismo é esse?

O bolsonarismo ama a pátria como uma embalagem oca de significado e identidade e não ama a cultura do povo e nem as riquezas naturais do país a ponto de achar relevante preservá-las. O amor à pátria começa e termina em si mesmo, ao ponto em que se torna apenas uma espécie de caricatura apoiada apenas pelo teor propagandista que proliferou as ideias vazias que formam esse tipo de posicionamento (OLIVEIRA, 2020, p. 20).

Além disso, a estratégia de propaganda fascista promove a massificação e uniformização de seus seguidores, criando um efeito visual de “maioria patriótica” ostensiva em relação à sua indumentária, ou “fardamento”.

Os looks bolsonaristas são vestidos de forma estratégica e funcionam como uma espécie de uniforme para criar uma ideia de maioria “de bem” em manifestações ou, até mesmo, apenas para posar para fotos postadas em redes sociais [Imagem 1]. Em alguns casos, a ideia de uniformização atinge um tom ainda mais radical, através das pinturas de rosto. Nesses casos, a ideia de massa e totalitarismo, presente no texto “Propaganda Fascista” de Theodor Adorno, se torna ainda mais explícita quando pensamos que:

“[...] o totalitarismo considera as massas não como seres humanos autodeterminados [...],



### **Imagen 1**

A cena retrata mulheres de classe alta vestindo camisetas bolsonaristas por cima de outros looks, como se tivessem vestido apenas para posar para a foto. Trata-se de uma ação performática e não uma escolha baseada no apreço estético da peça.

Fonte: Murilo Rezende / Futura Press/ Folhapress, 2014.

mas os trata como meros objetos de medidas administrativas, ensinados, acima de tudo, a se auto-anular e obedecer ordens”.

## Os perfis dos eleitores de Bolsonaro e suas camisetas de combate

A partir da observação das fotografias de manifestações em campanhas de Bolsonaro, notou-se que, além das camisetas com símbolos e cores patrióticas, os eleitores vêm adotando o uso de camisetas que condensam suas opiniões (preconceitos e ódios), como uma forma de expressão. As estampas, nesse caso, possuem a função de falar pelo sujeito que a veste, como uma forma de identificação e reconhecimento em relação aos demais. Todavia, ao examinar individualmente as camisetas fotografadas, é possível identificar que não expressam as mesmas ideias, apesar de servirem como campanha para o mesmo candidato.

Analizando websites que comercializam as camisetas bolsonaristas encontradas nas manifestações, observa-se que há uma segmentação e categorização das estampas que parte dos próprios apoiadores do ex-presidente. Nos diferentes websites pesquisados, frequentemente, as camisetas se encontram agrupadas em nichos que contemplam ideias de direita, sendo os temas mais frequentes: armas, pró-vida, cristianismo, anti-comunismo e frases (citações de “gurus” da direita, como Olavo de Carvalho).

Em 2018, o Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (o NEU) realizou uma pesquisa com o objetivo de analisar os diferentes eleitores de Bolsonaro, entendendo quem

são, sobre o que concordam e discordam. Por meio de coleta de observação de campo, entrevistas, pesquisa de opinião (*survey*) e análise de conteúdo publicado em redes sociais, os pesquisadores puderam listar 16 perfis distintos de eleitores. Examinando-os de maneira detalhada, é possível notar a proximidade entre eles e as categorias encontradas nos websites, sendo as camisetas uma forma sintética de perpetuar o discurso que cada perfil acredita e defende.

O primeiro nicho de eleitores a ser analisado é definido pelo NEU como “Masculinidade Viril”. Predominantemente formado por homens de 20 a 35 anos, acreditam que a população deveria se armar para se defender, visto que, para eles, a justiça deve ser feita pelas próprias mãos. Esses eleitores frequentemente se intitulam como homens “opressores” e veem a si mesmos como justicieros. O discurso implícito nas camisetas das categorias “armas” se assemelha com esse perfil de eleitores. A Imagem 2 mostra um manifestante, em 2019, em um ato pró-governo. Sua camiseta apresenta a imagem do Bolsonaro três vezes, sendo a imagem em primeiro plano uma montagem com o rosto de Bolsonaro colado em um corpo que aponta armas para o observador. Além de estar armado, o que por si só exprime violência, Bolsonaro está representado em um papel de “oppressor”, porque “olha” (com seus seis olhos frontais) de cima para baixo para quem observa a imagem.

Outro perfil assíduo nas manifestações é definido como “Fieis religiosos”. Esse grupo não possui gênero ou faixa etária predomi-



### Imagen 2

Manifestante em ato pró-bolsonaro no Rio de Janeiro.  
Fonte: Carl de Souza, 2019.



### Imagen 3

Onyx Lorenzoni na campanha de Bolsonaro em Porto Alegre.  
Fonte: Mateus Bruxel, Agência RBS, 2022.



### Imagen 4

Bolsonaro posa ao lado de apoiador que está fantasiado de Batman, em um protesto realizado em Copacabana, Rio de Janeiro, em 2014.

Fonte: Artigo da Folha de São Paulo , 2018.

nantes e é formado por cristãos de diversas religiões. Seu discurso se baseia na defesa da família tradicional e dos bons costumes segundo o cristianismo. Acreditam que o PT subverteu os valores da sociedade brasileira. Dois slogans muito presentes na campanha de Bolsonaro aparecem frequentemente nas estampas de camisetas desse grupo. São eles: “Brasil acima de tudo, Deus de todos” e “Deus, Pátria e Família” [imagem 3].

As estampas bolsonaristas também estão presentes nos universos nerd e gamer. Expressando suas ideias conservadoras através de memes e estampas cômicas, esse perfil é predominantemente masculino e possui faixa etária entre 16 e 34 anos. Reunidos em fóruns fechados e chats de jogos, esses eleitores discutem ideias preconceituosas, homofóbicas e, principalmente, misóginas. Esse nicho de eleitores foi fundamental para o resultado das eleições de 2018, uma vez que, através de uma imagem divertida e “politicamente incorreta”, o “bolsomito” se popularizou. As camisetas bolsonaristas que conversam com esse eleitorado vão desde o personagem “bolsomito” (um cartoon estilizado de Bolsonaro com óculos de “mito”), até referências a filmes e séries do universo geek, como Matrix e super-heróis [Imagen 4].

## Conclusão

Ao observar o crescimento da extrema direita nos últimos anos, é notória a capacidade que esses grupos desenvolveram para se adaptar à sociedade contemporânea. Em um mundo no qual as imagens possuem um poder de

influência tão descomunal (através das televisões, redes sociais, propagandas, filmes etc.), o bolsonarismo conseguiu se expandir através da montagem de uma iconografia própria, que se difundiu através de várias linguagens, desde memes até um modo de se vestir.

Analizando a forma como os bolsonaristas utilizam essa indumentária, também é possível perceber o caráter performático por trás desse estilo. O patriotismo é o valor principal seguido por esse grupo, mas trata-se de um valor que não ultrapassa a esfera do visual, é apenas uma espécie de ficção que nunca se torna realidade, visto que essa exaltação dos símbolos nacionais se extingue nas roupas. A moda bolsonarista é também um meio pelo qual a direita pôde unificar seus eleitores, que vão desde mães cristãs em defesa da família, até “cidadãos de bem” que defendem o porte de armas. O fato de que grande parte da comunicação entre esses eleitores aconteceu graças a influência das imagens produzidas pelo bolsonarismo evidencia, mais do que nunca, que no mundo contemporâneo as imagens se tornaram um campo de batalha e que há muito tempo a extrema-direita já aprendeu a como se articular nessa disputa.

## Referências

- ADORNO, Theodor. Ensaios sobre psicologia social e psicanálise. Editora Unesp, 2007;
- KALIL, Isabela Oliveira. Quem são e no que acreditam os eleitores de Bolsonaro. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018.
- OLIVEIRA, Rodrigo Cássio. Kitsch, consumo e política: a publicidade das lojas Havan e a estética do bolsonarismo. Revista Compós, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2020.

# Memetização da política: imagens e humor na extrema direita

**Cristina Naiara Fernandes** é pesquisadora e graduanda em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo. Seus principais interesses estão em pensar as hierarquias exclutivas e a possibilidade de novas narrativas na arte brasileira.

**Larissa Avelino** é artista visual, pesquisadora e graduanda em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo. Seus interesses são a produção audiovisual latino-americana, africana e os processos criativos multimídia.

**Paloma Oliveira** é fotógrafa, pesquisadora e graduanda em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo. Seus objetos de interesse são Pixaçao, Arte Urbana e estéticas transgressoras no universo da arte.

O ano é 2003, durante uma entrevista a Rede TV! em que se discutia a redução da maioridade penal, Bolsonaro insulta a deputada do PT Maria do Rosário, dizendo “Não te estupro porque você não merece” e entre empurrões e gritos ele prossegue: “Vagabunda!”. A situação volta a se repetir em 2014, dessa vez em plenário na Câmara onde além de repetir a mesma sentença, ataca a deputada dizendo que ela “defende bandidos” e seria da “turma dos direitos humanos”.

Esses dois episódios violentos de quebra de decoro parlamentar e intimidação ganham um caráter lúdico através da memética bolsonarista e do humor da extrema direita, como na imagem 1. O primeiro quadro explora a figura de Maria do Rosário chorando. O choro é associado a um lamento por Bolsonaro não ter pena de bandidos. A ironia na relação de texto e imagem é uma referência aos episódios descritos acima. A despeito de toda a misoginia presente naquele momento, o choro da parla-

mentar vira motivo de piada, ela é ridicularizada e nessa manobra é omitida a violência que sofreu. Em sequência, Bolsonaro aparece fazendo sua pose clássica de imitar uma arma com as mãos. Sua pena é a pena de morte, diz o texto.

Misoginia, armamentismo e execução de criminosos são parte do ideário do movimento bolsonarista. Temas como pena de morte e redução da maioridade penal sempre foram tratados como julgamento moral, desconsiderando inclusive questões estruturais e sociais que alimentam a criminalidade dentro do contexto de desigualdade social em nosso país. Questionar a atuação violenta da polícia militar e seu uso excessivo de força, principalmente sobre corpos pretos e periféricos, é o mesmo que defender bandidos.

37

## Memética de humor e ódio

Ao transformar tais questões em meme, o riso se torna uma forma de dominação. Rir

para delimitar posições e nos distinguir daquilo que desprezamos. Segundo Quentin Skinner, historiador britânico, pensadores como Aristóteles trataram do riso como forma de demonstrar superioridade, diante daqueles que achamos ridículos:

A sugestão básica de Aristóteles é, portanto, que a alegria induzida pela zombaria é sempre uma expressão de desprezo (...) A comédia trata do que é risível, e o risível é um aspecto do vergonhoso, do feio ou do baixo. Chegamos a rir de outras pessoas, porque elas exibem alguma falta ou marca constrangedora que, enquanto não dolorosa, as torna ridículas. (SKINNER, 2002, p.16-18)

Esse é o método de ação do antipetismo.

38

As figuras políticas de oposição presentes nos memes da direita comunicam a partir da polarização de discursos. Eles se transformam na figura antagônica do discurso bolsonarista e são o alvo do riso. Ainda que o que vemos pareça superficial, há um encadeamento de ideias e pautas políticas, de acordo com James Hunter, teórico que elaborou a teoria das guerras culturais.

O humor está presente na política brasileira há bastante tempo. Em 1837, charges como “A campainha e o cujo” (LIMA, 2018) já circulavam nos jornais do país, satirizando políticos através da associação entre texto e imagem. O recurso do lúdico foi e é frequentemente utilizado por inúmeros candidatos como Jânio Quadros, Enéas e Tiririca (CHAGAS, 2021) que incorporaram o humor como estratégia de campanha para disputar visibilidade midiática.

A partir de 2018, o humor passou a ser usado pelos segmentos mais conservadores e extremistas de direita para desqualificar as pautas de seus adversários, combater o “politicamente correto” e “suavizar” o discurso autoritário do então candidato à presidência, Jair Bolsonaro.

Segundo o pesquisador Viktor Chagas (2021), há uma intensificação da produção de memes nos episódios em que Bolsonaro foi confrontado com situações desfavoráveis. O meme funciona então como “cortina de fumaça” para desviar a atenção sobre os problemas que vão surgindo ao longo do processo político. Assim, no contexto da política bolsonarista memes seriam peças de militância, defesa/ataque e propaganda.

### Mentiras em alta velocidade

Com seu caráter objetivo de comunicar rápido por associações de ideias, o meme se adapta bem à velocidade frenética da fruição de informações das redes sociais e é uma adequação dos discursos políticos aos novos meios de comunicação de massa (CHAGAS, 2017). Esse fato possibilita maior contato do cidadão comum com a política e o debate público, mas isso não significa que este seja um debate de qualidade, ao contrário - estamos no reino da pós-verdade e das “disputas de narrativas” (ou de memes) e há um descolamento em relação à realidade, à verdade, à evidência científica e histórica. Como pontua Chagas:

Exatamente como outros replicadores, os memes são selecionados naturalmente, de forma que as crenças mais bem aceitas, as ideias



### Imagem 1

Bolsonaro e Maria do Rosário - os memes sobre direitos humanos e projeto político.  
Fonte: Instagram @bolsomito\_br, 2022.

### Imagem 2

Bolsonaro e Jean Wyllys - as temáticas de gênero e orientação sexual.  
Fonte: Twitter de @Rudney\_\_, 2017.

mais razoáveis, ou simplesmente aquelas que têm maior apelo entre as pessoas, são as que se disseminam com maior eficácia. (...) isto é, a abordagem não está centrada na condição de verdade que esses memes carregam, mas no modo como se propagam. (CHAGAS, 2021)

A imagem 2, propõe uma falsa questão, ao indagar quem seria preso numa briga entre uma mulher e uma travesti (identificada no meme com pronome masculino). A ideia de masculino/feminino na frase desconsidera as discussões de gênero e contraria a Lei Maria da Penha, que atualmente inclui em sua defesa mulheres transexuais.

Assim como na imagem 3, onde Lula aparece junto do texto: “Sou trans-honesto, sou ladrão, mas me identifico como honesto”. A despeito da absolvição de Lula pela justiça, se reforça a ideia de corrupção ao mesmo tempo em que são negadas as pautas de identidade de gênero. Já que a frase encerra uma suposta farsa, uma transição da verdade (“ladrão”) para uma mentira (“honesto”).

### **Medo da diferença**

Umberto Eco (2018) em seu texto Fascismo Eterno, sinaliza para uma das características do fascismo o “natural medo da diferença”. Na imagem 4 a estranha cena de uma Barbie munida de metralhadora e Bíblia dentro da igreja, disposta a fuzilar socialistas em nome da paz (dos valores cristãos e da “família”), reflete várias das identidades do bolsonarismo: um mesmo projeto onde convivem o fundamentalismo, o fascismo, o anticomunismo e a necropolítica (MBEMBE, 2018).

A odisseia bolsonarista de combate a um suposto socialismo/comunismo a ser implantado pela esquerda no Brasil é também o medo das diferenças. Para Umberto Eco, o heroísmo ligado ao culto da morte é uma das características com as quais o fascismo se constrói. O que vemos na imagem 4 é justamente o heroísmo da personagem disposta a entrar em um conflito armado para salvar a pátria. A ironia do cumprimento cristão “a paz irmãos”, em contraponto da arma, carrega a distorção moral e ideológica promovida pela extrema direita: o que seria um lugar de paz e comunhão se tornou um palco de guerra.

Na imagem 5, a Estátua do bandeirante Borba Gato em chamas, incendiada como protesto por se tratar de um personagem que matou indígenas e negros, é comparada a fotografia de manifestantes bolsonaristas pedindo a volta do voto impresso. As duas mulheres, uma em cadeira de rodas e a outra que a acompanha, evocam a ideia de família, de colaboração e construção coletiva de um ato democrático enquanto a imagem da estátua sugere que a esquerda produz a barbárie e depois, cinicamente, “quer abrir o diálogo”. Assim, as pautas das minorias, como o combate ao racismo, ao genocídio negro e indígena são deslegitimadas. A crítica à forma de protesto se sobrepõe à validade da causa em questão. Mas essa omissão é proposital, já que problemáticas como essa não fazem parte das demandas da extrema direita.



## Abrindo um debate / Ameaçando a Constituição e a democracia



### Imagem 3

Lula como corrupto - o humor que debocha da identidade de gênero.  
Fonte: Instagram @bolsomito\_br, 2022.

### Imagem 4

Barbie com metralhadora.  
Necropolítica, pentecostalismo e fascismo na cruzada bolsonarista contra o fantasma do comunismo.  
Fonte: Instagram @karlabrelaz, 2022.

### Imagem 5

Comparação entre manifestações - narrativas e disputa por símbolos.  
Fonte: Instagram @ofensaseopressoes, 2021.

## Conclusão

A comunicação memética digital dilui o limite entre o espaço público e privado, diminuindo também a distância entre o político e a moral, criando as condições perfeitas para que as pessoas se sintam confortáveis em expressarem suas opiniões, ressentimentos e ódios. O humor brutal contido nos memes de extrema direita, por sua vez, dá vazão para toda revolta contida em relação às pautas sociais, de diversidade e inclusão. Os meios de comunicação digital e as redes (anti)sociais se tornaram um novo modelo de agitação e propaganda política e cabe a nós, usuários das redes, construir e difundir uma postura crítica de leitura e interpretação dentro desses espaços virtuais para não cair em narrativas de ódio disfarçadas de humor.

42

## Referências

CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. *Estud. Hist. (Rio J.)* 34 (72), Jan-Apr 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210109>

\_\_\_. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. *Intexto*, Porto Alegre, n. 38, p. 173-196, jan./abr. 2017.

\_\_\_. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. *BIB*, São Paulo, n. 95, 2021, pp. 1-22.

ECO, Umberto. *O Fascismo Eterno*. Editora Record, 1<sup>a</sup>ED. 2018. São Paulo.

FALCÃO, Márcio e GUERREIRO, Gabriela. Para rebater deputada, Bolsonaro diz que não a 'estupraria'. *Folha de São Paulo*, Brasília, 09/12/2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1559815-para-rebater-deputada-bolsonaro-diz-que-nao-a-estupraria.shtml>> Acesso em: 25 de Nov. 2022.

HUNTER, James Davinson. A guerra cultural continua.

*Pol. Cult. Rev. Salvador*, v. 15, n°1, p.22-62 jan/jun.2022.

LIMA, Thais Guimarães. A charge como elemento informativo, crítico e satírico no jornal Aconteceu. *Pós em Revista*. v. 1 n. 1 (2018), UNIUV, Rio de Janeiro, 2018.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições; 2018.

NETO, Moysés Pinto. Política na era da visibilidade total: observações conjunturais a partir do episódio The Waldo Moment, de Black Mirror. *Galáxia* (São Paulo), São Paulo, v. 45, p. 139-152, Set-Dez 2020.

POPOLIN, Guilherme. O Messias Chegou, Mas Qual? O Papel Dos Memes Na Construção De Mitos. Museu de Memes. Disponível em: <<https://museudememes.com.br/o-messias-chegou-mas-qual>>. Acesso em: 25 de Nov. 2022.

Barbie e Ken Cidadãos de Bem. S/d. Museu de Memes. Disponível em: <<https://museudememes.com.br/collection/barbie-e-ken-cidadaos-de-bem>>. Acesso em: 25 de Nov. 2022.

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a Teoria do Riso*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004

# A direita no universo gamer: repercussões do jogo *Last of Us 2*

**André Zaporoli.** Estou quase no fim do curso de História da Arte. Sou um artista plástico, desenho e faço pinturas digitais.

**Rebeca Nieves.** Estou me graduando em Ciências Sociais. Busco compreender o comportamento humano e sua evolução através de estudos antropológicos e cinematográficos.

## A indústria gamer, o espectador ativo e a alt-right

O universo gamer e nerd é mágico e quase hipnótico, você se identifica com os mocinhos e luta contra os vilões, torna-se o personagem que melhor lhe convier, mudando cabelos, olhos, estatura, armamentos e posições sociais. Ao contrário de outros produtos da indústria cultural, o espectador não é passivo, mas ativo dentro do simulacro do game, mesmo que sob as possibilidades do que já foi pré-programado. É, por isso, um espectador atuante, um público que é ator, que interage com os ambientes e personagens dos jogos como se estivesse neles imerso, tomando decisões, comandando a si mesmo e a seu avatar. Muito diferente de estar sentado numa poltrona de cinema, os games produzem simulações imersivas cada vez mais realistas, ou até “mais realistas” que o real, em 3D, alta resolução, cores vívidas, som surround e leitura por escaneamento de movimentos. Não por acaso, a indústria gamer bate há anos o faturamento da indústria de cinema e conquista multidões de jovens em todo o mundo.

No entanto, uma vez que ela está associada ao ambiente majoritariamente ao protagonista dominante: masculino, branco, cis gênero, classe média, que é normalizado pelos usuários; o desejo de manter o *status quo* torna o ambiente gamer um espaço nocivo para as minorias. Desse modo, a cultura gamer acaba por ser suscetível a discursos de ódio da extrema direita, que domina os fóruns de discussão.

Pode-se enxergar, sobretudo a partir do surgimento da nova “direita alternativa” (a alt-right) nos EUA e da candidatura de Trump à presidência, a enorme ampliação do contágio desses discursos nos âmbitos ligados à “cultura gamer”. A captura ideológica é sub-reptícia, levando ao player um conjunto de premissas ideológicas, de classe, raça e gênero completamente desvinculados do mundo do jogo e da ludicidade. Desse modo, o preconceito e o ódio precisam ser, na maioria das vezes, camuflados, para que quem a propague, possa alegar que está protegendo a “identidade gamer”, fragilizada pela quebra do equilíbrio de poder responsável pela conformação dessa e tantas outras normatividades. Assim sendo,

qualquer entidade que ataque essa essência de “avatar de si mesmo” é merecedora de es-cárnio e desprezo. Essa dupla identidade é que fornece uma camada adicional de proteção para os propagadores do ódio, e sua estratégia de autodefesa afirmado que não era ele em si quem produziu o discurso, mas seu heterônomo ficcional.

Em jogos ou filmes da cultura gamer/nerd que pretendem ser inclusivos, geralmente pela necessidade das empresas se posicionarem politicamente, englobando pautas LGBTQIA+, étnico-raciais, ou até mesmo críticas a Trump, esses produtos mais “politicamente corretos” aborrecem os gamers por se sentirem invadidos por ideais que não defendem. A maioria não diz abertamente sobre o motivo de não terem gostado da mídia em específico, a menos que esteja no Twitter ou em alguma outra plataforma “segura” para expressarem seus desprazeres e ressentimentos.

### Um jogo que enfrenta seu público

Nos filmes da Marvel, por exemplo, ter uma protagonista mulher “estraga o filme”, a presença de personagem que visibilize a homossexualidade é sempre levada como um ato de “militância” e nunca visto com naturalidade. Entre os jogos, destaca-se nessa inversão de expectativas do público dominante branco-cis-misógino-racista, *The Last of Us 2*. Na versão 2 do game, as expectativas dos fãs do primeiro jogo, se frustraram não somente pela protagonista ser lésbica, mas também porque as duas protagonistas jogáveis são exclusivamente mulheres, diferente do primeiro jogo.

*The Last of Us 2* é considerado o jogo mais premiado do ano na história segundo a ND-Games. O game da Naughty Dog obteve 259 prêmios em 2020, superando *The Witcher 3: Wild Hunt* que obteve 258 troféus em seu lançamento, em 2015. Desse modo, *The Last Of Us 2* também se tornou o jogo mais premiado da história dos videogames. Todavia, o sucesso da crítica não parece o suficiente para driblar os haters. Entre as inúmeras reclamações está o fato de a protagonista Ellie ser lésbica e ter uma antagonista mulher, Abby, que segundo o roteirista do jogo, Halley Gross, é “puro músculo, um caminhão”.

No jogo, há personagens trans, cultos religiosos pagãos e um violento mundo pós-apocalíptico onde não há só homens na liderança, gerando uma onda de alt-rights apelidando o jogo de “The Lesbian of Us” ou, no Brasil, “The Lacre of Us”, apontando o videogame como “ideologia de gênero”. Mesmo assim, Neil Druckmann, diretor e roteirista comentou que: “como as pessoas vão se sentir em relação ao material é problema delas. Temos um grande orgulho da temática do jogo”. A PlayStation, por exemplo, já havia publicado que o jogo não seria lançado no Oriente Médio, uma vez que o enredo contém homossexualidade, nudez e consumo de substâncias proibidas, atos censurados pelo regimes conservadores e teocráticos.

A personagem Ellie é a responsável por desenvolver o enredo da história que está sendo contada. É ela quem leva o jogador de um canto para o outro, tendo sido já apresentada desde o primeiro jogo como a chave para todo o de-



---

### Imagen 1

Ellie e Abby brigando  
no clímax do jogo  
Fonte: PS4 PRO, 2020.

---

### Imagen 2

Abby e Coleen Fotsch,  
sua modelo de corpo  
Fonte: Compilação  
dos autores.

senrolar da trama. A reação ao protagonismo de Ellie por parte dos jogadores de perfil dominante é uma cultura também machista, heteronormativa, contra a mudança de papéis e de poderes de comando no jogo.

Enxergar essa problemática é entender a forma como a mulher é normalmente apresentada visualmente, com enredos clichês e fragilizadas, reflexo de como a mulher é vista na sociedade, mesmo que as lutas por igualdade e a quebra de paradigmas de serem o “sexo frágil” vem há anos. É interessante pensar na ordem cronológica dos videogames e como desde *Lara Croft* em 1996, até *Ellie* em 2020, a forma como as mulheres são retratadas se tornou muito mais humanizada e favorável ao seu empoderamento. Em *God Of War*, por exemplo, na primeira versão o protagonista se deitava com mulheres extremamente irreais e muitas delas sem arcos narrativos, e mudou recentemente para uma história próxima da de *Ellie* e *Joel* do primeiro *The Last Of Us*.

Devido à expectativa do lançamento de *The Last of Us 2*, parte de seu conteúdo foi vazado por hackers meses atrás, o primeiro em 26 de abril de 2020, o que desencadeou mais críticas sobre o seu teor político no jogo. Mesmo assim, no agregador Metacritic (um Rotten Tomatoes dos jogos) a produção tem uma nota de 95 em 100. O jornal *The Guardian* chama o game de “inovador e poderoso”, ao passo que o *Washington post* de “um dos melhores videogames já criados”. É importante ressaltar que durante o vazamento, ao falarem de uma personagem transgênero, imaginaram que seria a personagem *Abby*, pois ela parecia “gorda”,

no entanto, essa suposição foi dissolvida após o lançamento, mas não impediu que zombassem do design da personagem, pois “não era realista que uma mulher pudesse ser tão aficionada”, apesar da personagem ter sido modelada por uma fisiculturista real. Com todas essas críticas de uma parcela do público gamer que não aceita diferenças, o que podemos concluir a partir daqui? Há muito que aprender sobre a cultura dos jogos e como as pessoas operam de forma dominante-normativa e reacionária. Isso porque quando as coisas não acontecem como o esperado em sua visão de mundo, quando o ativista gamer-nerd (também chamado de Incel, celibatários involuntários), fazem julgamentos rápidos, revelando muito mais sobre si mesmos, suas pulsões de ódio, ressentimentos e frustrações.

## Conclusão

A liberdade irrestrita de expressão, apresentada como ideologia fundamental da extrema-direita e refletida no espaço gamer, em todos esses casos, se tornou a ferramenta número um para que se sintam no direito de ferir os direitos humanos e colocar seus posicionamentos reacionários como dominantes. Vem deles a reclamação principal sobre a invasão dos games por pautas mais sérias, politicamente corretas ou que empoderam personagens não masculinos-brancos-cis no ambiente que era para ser supostamente “prazeroso e de lazer”. Jogos mais progressistas e de grande impacto podem ajudar a lembrá-los de que a sociedade é muito mais plural, e deveria ser muito mais democrática e inclusiva.



Dead57BR  
@D57Gaming

Aproveitar q o Elon Musk comprou o Twitter, deixa eu testar algo...

Pronome neutro não existe  
Gênero fluído é coisa de gente com probleminha de cabeça  
E The Last Of Us 2 é uma merda, só existe pra agradar sojadinhos

Alô alô alô  
A conta ainda tá de pé? Kkkkk

Replies to @LauraBaileyVO

Just wanna say YOU should DIE  
BITCH 😡😡 Fuckkk you You ruined it

I'm going to kill you because you [REDACTED] in the la of us part 2

I'm going to find where you live and slaughter you for what you did to [REDACTED]

Mark my fucking words

I hope your parents die by a hard cancer for killing my [REDACTED]

I will find u and I will kill your kid for that just wait for that

Yesterday, 2:37 PM

I will stab you

Fuck you dumb abby bitch go fuck yourself

### Imagen 3

Ellie e a namorada.  
Fonte: PS4 PRO, 2020.

### Imagen 4

Tweet de incel  
Fonte: Twitter, 2022.

### Imagen 5

Mensagens que Bailey, dubladora de Abby em The Last Of Us 2, recebeu no Instagram  
Fonte: Twitter da atriz, 2020.

O grande ódio por mulheres dentro da indústria Nerd e Gamer (tema para psicanalistas também) é cada vez mais perceptível quando os usuários veem sua supremacia-macho-branca em seu “habitat natural” ameaçada. Os ataques passam a se intensificar quando as mulheres não apenas estão no ambiente como jogadoras, mas como personagens protagonistas. Para os gamers-nerds-Incels, mulheres só entram no seu imaginário masculino subalternizadas de forma erótico-fetichista caso respondam adequadamente às suas pulsões gozosas. Isso só mostra que a representatividade das mulheres (e também de LGBTQIA+, negros e outros personagens racializados/ subalternizados) nos jogos deve ser cada vez mais disseminada, uma vez que o mundo dos games, por serem uma mídia de grande alcance e influência, pode ser um ambiente mais construtivo se assumir alguma responsabilidade em incluir, apresentar e fortalecer a diversidade.

48

MOLINA, Murilo. The Last Of Us 2: jogo de 2020 é o mais premiado da história. Techtudo, 2021. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/01/the-last-of-us-2-jogo-de-2020-e-o-mais-premiado-da-historia.ghtml>>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

MOURA, Eduardo. Game ‘The Last Of Us Part 2’ insere personagens lésbicas e trans e atiça conservadores. GHZ, 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2020/06/game-the-last-of-us-part-2-insere-personagens-lesbicas-e-trans-e-atico-conservadores-ckbm4kiyv001z01jfm6ao15vl.html>>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

## Referências

ALHADAD, Zahra. An Infected Start: A look Into the ‘Last Of Us Part 2’ Hate and Backlash. IGN Southeast Asia, 2020. Disponível em: <<https://sea.ign.com/the-last-of-us-2/165807/feature/an-infected-start-a-look-into-the-last-of-us-part-2-hate-and-backlash>>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

Banco de imagens: <https://www.flickr.com/photos/playstationblog/albums/72157690013439846> Acesso em: 20 de novembro de 2022

GÓIS, Paulo. ‘The Last of Us 2’ é banido em ditaduras conservadoras do Oriente Médio, NerdSite, 2020. Disponível em: <<https://www.nerdsite.com.br/games/the-last-of-us-2-e-banido-em-ditaduras-conservadoras-do-oriente-medio/>>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

# Masculinidade tóxica e o corpo-bombado bolsonarista

**Amanda Feo.** Olá, consigo falar de tudo, mas não sei de nada. Sempre aprendendo. Sempre do coletivo.

**Bruna Andrade.** Arte Pública, Cidade, Cultura Popular e Arte Digital. Em alerta!

A história dá voltas, e por vezes marcha-a-ré. Parece que assistimos à forma inicial em que a sociedade humana foi “uma horda governada irrestritamente por um macho forte” (em Psicologia das Massas e Análise do Eu). E, assim, como chegamos aos tempos atuais de masculinidade tóxica? E o que ela nos explica sobre o bolsonarismo?

## Crise do mundo do trabalho e toxicidade masculina

Após a reforma trabalhista de 2017, a validação institucional para modalidades intermitentes de emprego aprofundou as camadas de exclusão econômica e social de diversos grupos. Este contexto realça duas importantes mudanças: na escassez da garantia de renda, a origem dos proveitos familiares deixa de ser majoritariamente masculina e, de outro lado, sem direitos trabalhistas, os homens entram em disputa permanente por qualquer bico, empreendedores de si mesmos e sempre competindo.

Ao perder seu lugar de protagonismo na família, o homem que antes exercia a partir de um imaginário de gênero embebido de valores cristãos, a figura paterna de Chefe Provedor de

recursos financeiros, racional e prático, protetor e detentor da razão e do conhecimento, apoiado pelas Leis Trabalhistas bem terrenas, que lhe davam alguma estabilidade e segurança, agora sevê acuado, sem trabalho fixo, e mesmo sem renda.

De um ponto de vista sociocultural, o que isso representa para o conceito de masculinidade? Em uma esfera psicanalítica, o que a perda do poder decisório sobre o seu trabalho e renda causa sobre um indivíduo? Em que medida a crise do mundo do trabalho no capitalismo vai produzir uma masculinidade reativa, tóxica, misógina e depressiva? 49

Desde os anos 1970 existem estudos sobre as “mulheres chefes de família”, pois a quebra da exclusividade da obtenção de renda não é tão recente, apesar do contexto atual de desemprego, desregulação e desproteção trabalhista no Brasil atual ter aprofundado uma realidade já muito desigual. Nesse campo de batalha pela sobrevivência, em que os papéis de homens e mulheres se embaralham, ao se tornarem chefes de família, as mulheres saem de um imaginário que as coloca em um modelo de Mãe Cuidadora, dona dos saberes do lar e

guardiã das condições ideais para a educação e saúde dos filhos.

Essas transformações na relação entre gênero e trabalho são complexas e ambíguas. É ao mesmo tempo um exercício de libertação e empoderamento das mulheres. Tudo isso se confunde, sobretudo na cabeça do homem trabalhador, com sentimentos de frustração e ressentimento, que vão ser explorados pelo bolsonarismo.

Vamos analisar neste artigo como a internet enquanto transformadora da maneira como a cultura de massas se dissemina e influencia, abriu espaço para novos tipos de escape para a frustração, descontentamento e principalmente manipulação ideológica perante a essas transformações e gerou uma busca digital por “machos fortes”.

50

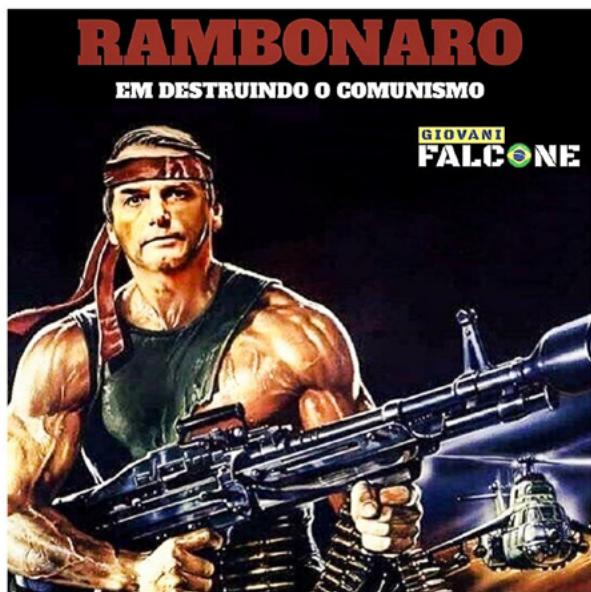
### O velho machismo em concentração tóxica

A masculinidade tóxica é um conjunto de comportamentos e rituais de passagem que enfatizam estereótipos de gênero - neste caso, o masculino. Esses comportamentos se tornaram tão intrínsecos à vivência masculina que aquele que não os performa é considerado desconforme, como se sua performance fosse uma manutenção de padrões e de demonstração de afinidades. Esta performance é, nesse contexto, algo ritualístico e/ou artístico que mesmo não correspondendo necessariamente a um ideal individual continua sendo reproduzida: sua realização mantém essa neurose viva à custo do indivíduo ser excluído de seus grupos caso não participe dela.

A repetição de padrões comportamentais nocivos como ideias de que “meninos não chorram”, “homens se interessam apenas por carros e futebol”, “homens são garanhões”, com determinados códigos de vestimenta - entre tantas outras regras - escala às extremidades da violência, afetando toda a sociedade com agressões, glorificação do poder, transtornos psicológicos, sexismos e morte (padrões estes muito acompanhados de impunidade). A satisfação dessa performance ritualística culmina em um estado de afirmação de si enquanto homem “macho forte”. Assim, não bastaria ser homem (branco, cis e hetérico): seria preciso exercer seu papel assertivamente como dominante, poderoso e viril.

### A *assemblage estranha* de Rambonaro

O corpo bombado no imaginário bolsonarista mobiliza aspectos de masculinidade tóxica, compondo uma propaganda personalizada que satisfaz o desejo inconsciente de poder (isso se não sugestiona ativamente estes desejos e interesses). Quando se observa montagens esquisitas e baratas de “Rambonaro”, onde a cabeça de Jair Bolsonaro é colocada em corpos sarados - fortificados e imbatíveis como o de Rambo -, sem camisa ou com pouca vestimenta para mostrar os músculos enquanto segura uma arma, com frases destrutivas direcionadas a algum grupo (ou genéricas para finalizar a composição dessas montagens), percebe-se que essas construções são metáforas de simples compreensão e com alta carga ideológica, mesmo sem uma análise aprofundada - principalmente por seu totemismo.



### Imagen 1

Rombonaro, 2020. Montagem digital.  
Fonte: Facebook de Giovani Falcone.

### Imagen 2

Rombonaro 1, 2018. Montagem digital, capa de jogo online.  
Fonte: MohicanDogs, ApkPure

Cada parte da montagem das imagens Rambonaro é simbólica em uma organização de mensagens comuns a um grupo: primeiro a própria imagem de Jair Bolsonaro como um líder poderoso, evidenciada através de músculos atribuídos, evoca a ideia de governo de um macho forte e protetor (do que? das ameaças!). Os músculos exagerados exaltam uma ideia de corpo infatigável, ultrapassando a ideia de um corpo saudável e sadio e se tornando uma concepção megalomaníaca do arquétipo masculino. Além do foco do corpo, as montagens trazem também armas e mensagens de destruição, se vangloriando do poder que detém e incitando a agressão de alguns (quem? Eles!) e a proteção de outros (nós, os De Bem!), o que determina seu potencial de ameaça, evocando símbolos falocêntricos.

52

A violência implícita e explícita nas montagens exalta a irracionalidade, o derramamento de sangue e a morte como métodos de salvação e objetos de fascínio. As narrativas, desejos e expectativas de retomada de poder são transpostas nessa mobilização de armas enquanto objetos de potência falocêntrica e destruição absoluta dos Inimigos. Neste caso, estabelece-se uma relação fetichista que muito fala do desempoderamento econômico e social que as transformações estruturais representam para o arquétipo masculino. O argumento armamentista de que a posse e o uso podem garantir a proteção do lar contra os “vagabundos” (os que não são de Bem) constrói novo sentido e função para a ideia de provedor, talvez agora se tornando um vigilante dos valores de Bem.

Aos olhos desatentos e aos discursos cínicos esse volume de montagens bizarras pode reverberar de forma cômica e inofensiva, mas é essa exata ambivalência de sentidos (entre sua bizarrice e sua intencionalidade) que camufla sua potência no imaginário popular: a estranheza interrompe o processamento de suas reais mensagens por aqueles que não pertencem ao grupo em que os totens evocados por elas são decodificados e glorificados.

### O resgate do soldado Silveira

Ao analisar os significados das montagens que circulam pela internet e pensar no mundo sensível nos deparamos com esta imagem e a figura de Daniel Silveira na política brasileira. Os elementos mobilizados culminam na repetição dos padrões descritos: o corpo atribuído a Bolsonaro é atlético e jovem, disposição e valores que conservam os ideais de um povo - tal como, no mundo sensível, o corpo bombado do próprio Silveira ergue a placa de Marielle Franco partida ao meio em riste, esbravejando como um representante do rugido de uma horde que se opõe a tudo que Marielle representa.

A imagem organiza uma perspectiva específica de moralidade e gozo mórbido que se gratifica de relações de poder e destruição: no mundo sensível, Silveira possui o corpo fortificado; no mundo simbólico, Bolsonaro é quem o carrega com sua força política (esta que impediu a prisão de Silveira após ordem expedida por Alexandre de Moraes). Essa fusão-contaminação entre os arquétipos de Silveira (nossa Rambo das fake news) e de Bolsonaro (o presidente com poder de fato) é



manato\_es

BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS.



### Imagen 3

Daniel Silveira

Fonte: Diário do Centro do Mundo, 2021.

### Imagen 4

Capitão Bolsonaro, montagem digital

Fonte: Folha Vitória, 2022.

713 curtidas

manato\_es HONRA. princípio que leva alguém a ter uma conduta prova, virtuosa, corajosa, e que lhe permite gozar de bom conceito junto à sociedade.

emblemática, pois o corpo de Bolsonaro no mundo real é velho, enfraquecido, constantemente apresentado como medicalizado (de forma intencional, principalmente após o episódio da facada em sua campanha eleitoral e sucessivas cirurgias).

Ainda assim, na imagem “até o último mito”, em cena de guerra, na Normandia ou no Vietnã, Bolsonaro, mesmo um senhor de idade, é quem carrega e resgata o soldado ferido corpulento. O herói de guerra não abandona no campo de batalha um dos seus (correligionários fiéis). Ainda que, no mundo real, o Bolsonaro velho e enfraquecido tenha abandonado muitos dos seus. Como salvador de Silveira em um esplendor físico fictício do Rambonaro mais uma vez revivido, Bolsonaro está lá, dando o indulto ao criminoso Silveira, como o ápice de ideais conservadores em caleidoscópio que culminam em seu rosto, em sua figura e biografia, validando-os e transformando-os em algum tipo de realidade paralela.

54

## Conclusão

Por fim, torna-se evidente que a extrema-direita se apropria de fragilidades socio-políticas, escancaradas pelo capitalismo, e desenvolve uma narrativa de identificação e pertencimento para os “excluídos”. O bolsonarismo, como visto neste caso (mas não só) estabelece uma relação semiótica simples e avacalhada em que consegue permear os grupos e fazer com que as pessoas se sintam reconhecidas nos ideais transmitidos via semiótica, com sua propagação rápida e facili-

tada pela internet. Assim, criando uma horda pronta para ser governada por seu “macho forte”.

## Referências

- ADORNO, T. W. Ensaios sobre psicologia social e psicanálise. Editora Unesp, 2015. cap. Antissemitismo e propaganda fascista, p. 137 - 151.
- FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 84 - 92.
- KALIL, I.; PINHEIRO-MACHADO, R; SCALCO, L. DREAMING WITH GUNS Performing Masculinity and Imagining Consumption in Bolsonaro's Brazil (Precarious Democracy: Ethnographies of Hope, Despair, and Resistance in Brazil). Rutgers University Press, 2021.
- KURTZ, Adriana Schryver. Holocausto judeu e a Estética nazista: Hitler e a Arquitetura da Destrução. Comunicação & Política, Rio de Janeiro, v. VI, n.2 e 3, p. 139-158, 1999.
- NOGUEIRA, C; MIRANDA, M. A (re)produção das masculinidades hegemônicas- homens, famílias populares e violações dos direitos humanos. In: Interritórios: Revista de Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Brasil. V. 3, N. 5. 2017.

# Ataques ao movimento feminista e criminalização do aborto

**Josiane Garotti.** Josi, sou questionadora desde que me conheço por gente, além de designer de produtos digitais e futura historiadora da arte.

**Melissa Tavares.** Mel, sentindo a vida em gotas caóticas. Se divide entre gerir o próprio brechó e fotografar ensaios de moda — nem sempre dá conta.

**Larissa Flauto.** Lari, atuante na área de conservação patrimonial. Desde sempre admiradora de memórias e incomodada com muita coisa.

Neste texto escolhemos como estudo de caso a perspectiva conservadora de Ana Carolina Campagnolo e sua produção audiovisual, por se tratar de uma figura pública chave no movimento “pró-vida”, anti-feminista e contra a descriminação do aborto no Brasil. Buscamos traçar uma relação entre a deputada e os ataques que grupos feministas sofrem ao reivindicar esse direito perante à justiça<sup>1</sup>, e temos por finalidade entender porque ambos são hostilizados pelo conservadorismo e pela extrema-direita no Brasil.

## Movimentos anti-aborto nos EUA e a Marcha pela vida

Para entendermos a influência dos Estados Unidos nesta pauta precisamos também falar sobre o viés religioso. Voltamos a 1973, ano em

que saiu a decisão conhecida como “Roe contra Wade” que descriminalizou o aborto. Naquele ano o procedimento não era uma pauta discutida por religiosos tão veementemente como vemos nos dias atuais.

Médicos e líderes evangélicos acreditavam que era uma questão de foro privado e não repudiavam a ação. Até que, em 1979, o diretor Francis Schaeffer, sob influência de seu filho Frank, lançou uma série cinematográfica, intitulada “Whatever Happened to the Human Race?”, na qual se discutia o procedimento abortivo a fim de convencer os fiéis que a prática não deveria ser aceita com normalidade. Porém não houve um retorno positivo da comunidade cristã, como esperado, mas houve uma intensa articulação do movimento feminista contra a produção, que abominou a forma como o assunto fora abordado, fazendo com que protestos fossem realizados contra os Schaeffer's. Não demorou muito para que os evangélicos escolhessem um lado, e começassem a perseguir e coagir médicos e líder pró-escolha.

<sup>1</sup> Em nosso país esse é um procedimento autorizado legalmente quando se enquadra em algumas restrições, assim como na maioria dos países da América Latina. Segundo o artigo 128 do Código Penal, o aborto no Brasil é liberado pela justiça em caso de estupro, risco à vida da gestante e em gestações que apresentam anencefalia fetal.

Em agosto de 1995, Norma McCorvey (dona do pseudônimo Jane Roe, do caso judiciário que descriminalizou o aborto) se demite da clínica médica de aborto que trabalhava e se torna uma manifestante pró-vida, e dá início a tentativa de reverter a lei que ela mesma ajudou a estabelecer, porém a instituição pró-vida Operação Resgate subornou e coagiu McCorbvey para que ela mudasse sua opinião pública. Em um documentário intitulado “AKA Jane Roe” produzido pela FOX, Norma declara que “Foi tudo um ato [...]. Foi a partir de então que ela se juntou a March for Life, e começou uma falsa carreira ao tentar reverter a lei que ela mesmo ajudou a criar.

56

No Brasil a Marcha pela Vida acontece desde 2007, organizada pela Comissão Arquidiocesana de Defesa da Vida de São Paulo. A marcha ocorre na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, em São Paulo, mas também há edições realizadas na Esplanada de Brasília que reivindicam o “Estatuto do Nascituro”, que está sendo tramitado na Câmara dos Deputados. Tal projeto alega que a vida se inicia na concepção, e que não deve ser interrompida por razão alguma, e ressaltam que querem salvar duas vidas: a do feto e a da mulher. A organização “Brasil sem aborto: movimento nacional da cidadania pela vida” foi responsável por elencar em seu site diversos candidatos que concorreram ao cargo de senador e deputados estaduais, federais e distritais — dentre os nomes eleitos em 2022 estão Damares Alves, Alan Lopes, Bia Kicis e Chris Tonietto, do PL, dentre outros candidatos do PSC e Republicanos.

A maioria dos eleitores e manifestantes da causa pró-vida consideram sua opinião política conservadora e defendente da “família e dos bons costumes”, e até mesmo se articula para impedir que casos de aborto aprovados pelo Ministério Público Federal sejam revertidos, como o exemplo da menina de onze anos, vítima de abuso sexual, caso esse que será analisado a seguir.

### Ana Campagnolo e a CPI do aborto

Ana Caroline Campagnolo é professora de história, autodeclarada bolsonarista, antifeminista e conservadora, e é a atual deputada estadual mais votada de Santa Catarina, possuindo quatro livros lançados em seu nome: *O mínimo sobre Feminismo* (O mínimo, 2022); *Feminismo: perversão e subversão* (Vide Editorial, 2019); *Guia de bolso contra mentiras feministas* (Vide Editorial, 2021); e *Ensino domiciliar na política e no direito* (Estudos Nacionais, 2022) escrito em conjunto com David Amato e Isadora Palanca.

A deputada se apoia nas ideias de Olavo de Carvalho, e como professora da rede pública de Santa Catarina, faz parte do Movimento Escola Sem Partido, além de ser colaboradora da produtora Brasil Paralelo. Ana também trabalha contra a imposição de ideologia de gênero nas escolas, alegando isso como uma forma de deturpação e erotização de crianças. O feminismo para ela é uma ideologia anti-cristã, que produz ideias muito progressistas que colocam sob ameaça a estrutura da família tradicional, que segundo ela, é a base saudável de qualquer sociedade (Lobo, 2021).

---

### **Imagen 1**

Abortistas mataram bebê no 7º mês

Capa do vídeo, edição em arquivo digital.

Ana Campagnolo, [S. l], 2022, 20 min.



Vale ressaltar que ela se declara seguidora do presbiterianismo, e ampara seu discurso no cristianismo, sendo também respaldada pelo conservadorismo e pela ideia de tradição da família, e se mostra desfavorável a descriminalização do aborto. Seu discurso propaga a ideia de que essa é uma prática de manipulação do movimento feminista que deseja corromper os valores cristãos.

A CPI do Aborto é um projeto idealizado por Campagnolo, que teve início em 2022 em seu canal no Youtube, com vídeos curtos. Em suma, se trata de uma produção de conteúdo audiovisual que busca investigar os casos de violência sexual que ganharam grande destaque da imprensa, e que obtiveram a concessão do procedimento abortivo amparado pelo artigo 128 do Código Penal.

58

O projeto foi votado e aprovado na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina e se iniciou a investigação de um caso no qual uma menina de onze anos, vítima de abusos sexuais do próprio tio, engravidou. O pedido de aborto foi negado pelo hospital e, posteriormente a juíza do caso incentivou a menina a não interromper a gravidez, sob a alegação que a gestação já estava muito avançada para ser interrompida, que na época constava ser de vinte e duas semanas. Após a interferência do Ministério Público Federal o procedimento foi realizado, já que a legislação brasileira não estabelece período máximo para a realização do aborto em caso de violência sexual.

Em outubro, mês de eleições presidenciais, o assunto foi retomado por Campagnolo, responsável pelo projeto e relatora da CPI, em

um vídeo no canal Brasil Paralelo. Ela declara se tratar de “*um caso de estupro mal contado*” por parte da vítima, levantando a hipótese de se tratar de caso orquestrado pelo movimento feminista com a intenção de permitir o abortamento em qualquer estágio da gestação.

### Pânico moral em animação vilanizadora

No primeiro vídeo da sequência da CPI, localizado no canal do YouTube da deputada, intitulado “Abortistas mataram o bebê no 7º mês”, entre a minutagem 00:59 e 3:28, há um enxerto de uma animação produzida pelo grupo Choice4.2 [Escolha por dois], chamada *Modern Child Sacrifice*, ou *O sacrifício moderno de crianças*, em tradução livre.

Neste desenho animado, traduzido e dublado por Campagnolo, é possível notar o aspecto de convencimento através do apelo emocional das imagens e da narração do vídeo. Dentre as estratégias de pânico moral e persuasão há a substituição da palavra aborto, para se referir ao procedimento médico, pelo termo “assassinato de bebês”. Situação de humanização antecipada de um feto que ainda não se formou por completo, se contrapondo a contextos nos quais o feto leva a gestação a ser interrompida em defesa da vida da mãe — como má formação, anencefalia ou risco de vida à gestante. O termo “assassinato” tem como finalidade sensibilizar o espectador.

O assunto é interpretado sob uma perspectiva cristã ortodoxa. Cenas ilustram cerimônias “pagãs” astecas, incas e cananeias (minutagem 1:16 — 1:44) por meio uma paleta de cores quentes e escuras, representam deu-



---

### Imagen 2, 3, 4 e 5

Modern Child Sacrifice. Frames de vídeo, edição em arquivo digital. CHOICE42, [S. l.], 2020, 2:33 min.

ses através de uma estética cartunista com feições maléficas, associando-as a algo intrinsecamente ruim. Assumindo assim a interpretação de que culturas e religiões pré-cristãs ou simplesmente distintas do cristianismo, se resumem a rituais selvagens e brutais, sem referência a contexto, cosmovisões ou estudo histórico sério.

Outro ponto relevante na estética do vídeo são as cenas provocativas associadas à vilanização da figura feminina (1:53 — 1:30), Mulheres “abortistas” são representadas conversando com uma figura masculina na praia, recebendo um prêmio associado ao sucesso profissional e até mesmo marchando em uma manifestação feminista. Enquanto isso acontece, na sombra das personagens pulsam imagens de fetos, criando a narrativa de que aquelas são mulheres assassinas, e o fazem em nome da carreira, do prazer e do sucesso.

A animação age como uma caça às bruxas por uma culpada, na qual uma vida tem mais valor que a outra, neste caso, a do feto prevalece sobre a da mulher. Além de promover uma ideia de que o procedimento é adotado de forma irresponsável e egoísta por aquela que opta por realizá-lo, não importando a circunstância social, econômica, psicológica e nem a especificidade individual de cada caso.

O vídeo termina estabelecendo uma relação entre o procedimento abortivo e as cerimônias e sacrifícios a deuses pagãos, antes realizados por “egoísmo” para receber favores das entidades celestiais e agora realizado por mulheres em troca de sucesso e liberdade. Seringas viram prédios banhados de sangue

e cria-se a ideia de que as culturas têm de ser colocadas em um mesmo contexto, excluindo toda e qualquer historicidade ou dimensões culturais, até mesmo aquelas que colocam em risco a vida de um ser humano em segundo plano, em favor de um feto em formação.

## Referências

BLAKE, Meredith. The woman behind ‘Roe vs. Wade’ didn’t change her mind on abortion. She was paid. LA Times, Los Angeles, Califórnia, 19 de maio de 2020. Television. Disponível em: <<https://www.latimes.com/entertainment-arts/tv/story/2020-05-19/roe-v-wade-jane-roe-norma-mccorvey-hulu-doc-abortion>> Acesso em: 28 de novembro 2022.

Brasil Paralelo. Entenda a CPI do aborto e o caso da menina de 11 anos que foi vítima de ideologias feministas. Youtube, 16 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/cKG-W4EUleg>>. Acesso em: 26 de novembro de 2022.

CAPAGNOLO, Ana. Abortistas mataram o bebê no 7º mês | #cpidoaborto. Youtube, 28 de junho de 2022, Disponível em: <<https://youtu.be/1Mvsy6WxdDU>>. Acesso em: 14 de novembro de 2022.

CHOICE42. Modern child sacrifice. Youtube, 31 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/1Hs7SHV5o9M>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

CPI do aborto. Disponível em: <<https://cpidoaborto.com.br/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2022.

GI DF. Marcha Nacional pela Vida: manifestantes protestam contra o aborto, em Brasília. GI, Distrito Federal, 07 de junho de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/06/07/marcha-nacional-pela-vida-manifestantes-protestam-contra-o-aborto-em-brasilia.ghml>>. Acesso em: 16 de novembro de 2022.

LOBO, Iann Endo; SPAREMBERGER, Cristian; DA SILVA, Igor Campos. A nova direita e as guerras culturais: um estudo de caso da atuação de Ana Campagnolo no Facebook. Em Tese, v. 18, n. 2, p. 196-213, 2021.

# O Templo de Salomão e a estética da teologia da prosperidade

**Ana Beatriz Tavares Barbosa.** Cristã Protestante, natural de Santos-SP. Graduanda em História da Arte, atualmente trabalha como Técnica em Museologia. Tem interesse por estudos teológicos e filosóficos da arte, e participa ativamente da luta por novas narrativas no cenário religioso brasileiro.

**Melissa Maria dos Santos Alejarra.** Estudante de licenciatura em História, com experiência na área da educação. Moradora de São Miguel Paulista, Zona Leste de São Paulo. Possui interesse por estudos na área de História Moderna e Contemporânea, analisando mentalidades e culturas religiosas destes períodos.

No dia primeiro de setembro de 2019, o presidente Jair Bolsonaro foi ao Templo de Salomão da Igreja Universal do Reino de Deus, no bairro do Brás, em São Paulo. A ocasião contou também com a presença do Bispo Edir Macedo, líder e fundador da igreja, o Bispo Renato Cardoso, responsável pela Universal no Brasil, e o deputado federal Marcos Pereira (Republicanos). Esta seria a primeira vez, segundo Bolsonaro, que visitaria o Templo de Salomão [imagem 1].

## A relação de Jair Bolsonaro e Edir Macedo

A visita de Jair Bolsonaro ao Templo de Salomão ocorre apenas nessa ocasião, mas sua relação com o líder da Igreja Universal vem de antes. Para entender essa relação, dois pontos de discursos propagados por tais figuras precisam ser mencionados: a ênfase ao Antigo Testamento e a uma certa utilização que dele é feita como estratégia de instrumentalização da fé; e o discurso do individualismo exacerbado, da meritocracia, do empreendedorismo e da acumulação como compatíveis com o

cristianismo, numa perspectiva materialista capitalista.

A Teologia da Prosperidade, provinda de um movimento religioso denominado neopentecostal, traz uma série de novas propostas teológicas, e segundo ela, “a base da civilização ocidental” já não serve mais de fundamento para a igreja, então seria preciso buscar a moral, os valores, a família, as leis (10 mandamentos) e o Deus do Antigo Testamento, o Deus de Israel. Nesse contexto, a Igreja Universal aparece por usar de elementos do judaísmo, do sionismo e do Estado de Israel em sua liturgia e na própria definição da reconstrução de um templo judeu (uma sinagoga do século VI antes de Cristo) como catedral cristã [imagem 2]. Assim, “no Templo de Salomão, vê-se tremular a bandeira israelense e, do lado de dentro, utensílios judaicos integram os rituais, talvez seja o caso mais emblemático nesse sentido”.<sup>1</sup>

Ao longo do processo de ascensão da extre-

61

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/06/opinion/1554584441\\_281600.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/06/opinion/1554584441_281600.html)>

ma-direita e de Jair Bolsonaro ao poder, o uso de símbolos ligados ao Estado de Israel, as viagens à Israel, o batismo no Rio Jordão, e vários episódios em que a bandeira do país foi erguida em comícios e atos públicos, pode ser identificado como um fenômeno inédito. Nota-se também que grupos conservadores, em especial evangélicos e militaristas, passaram a utilizar o Estado de Israel para alavancar suas agendas religiosas e armamentistas no Brasil.

O movimento pró-Bolsonaro pode ser apontado como grande propulsor dessa teologia que se volta à busca pelo enriquecimento, disseminando a ideia de “superioridade” do “povo de Deus” como sendo herdeiro e merecedor das bênçãos celestiais, relembrando a fala do próprio Jair Bolsonaro: “vamos fazer um país para as maiorias. As minorias têm que se curvar às maiorias”<sup>2</sup>, que reflete bem essa ideia.

Considerando que Bolsonaro surge quase sempre acompanhado em maioria por homens brancos engravatados, héteros e cisgênero, nota-se o fortalecimento de um discurso e uma estrutura patriarcal (como as histórias dos patriarcas do Antigo Testamento), onde homens estão sempre à frente, na liderança de grandes igrejas, de grandes empreendimentos e do país. Nesse sentido, mais uma vez a Igreja Universal se destaca como aliada, sendo válido mencionar como exemplo as reuniões intituladas “Congresso para o Sucesso: Palestra motivacional para o sucesso financeiro” realizada todas as segundas-feiras em seus locais de culto.

62

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6cIkWMKeDhs>>

A campanha de Jair Bolsonaro à presidência em 2018 foi marcada pelas alianças estabelecidas publicamente com diversos líderes religiosos. Edir Macedo declarou abertamente em suas redes sociais seu apoio ao até então candidato<sup>3</sup>, bem como a TV Record, emissora de TV comandada por Edir Macedo, apresentou diversas matérias favoráveis ao candidato, além de entrevistas com o próprio Bolsonaro nos dias posteriores ao episódio da facada<sup>4</sup>. A Igreja Universal também publicou diversos jornais/folhetins que utilizavam os jargões da campanha de Bolsonaro, “acabar com a velha política” e “afastar o comunismo”, bem como defender os “valores da família tradicional”. A IURD assim demonstrava sua aliança com a candidatura [imagem 3].

### **A diferença entre Bolsonaro e os outros políticos**

Em sua visita ao Templo, Bolsonaro já eleito presidente, assistiu ao culto de oração e foi convidado a subir no altar para receber uma unção [imagem 4]. Durante a unção, Edir Macedo afirmou que Deus o tem dado autoridade para curar os enfermos e levar o evangelho aos confins da terra:

“[...] mas eu uso toda esta autoridade para abençoar este homem e pedir que o Espírito Santo dê a sabedoria, coragem, ânimo, saúde, força, vigor para cuidar do país e fazer um novo Brasil”.

<sup>3</sup> Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/09/30/edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro.htm>>

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kk2quhx3Rqo>>



---

### Imagen 1

Visita de Jair Bolsonaro ao Templo de Salomão.

Fonte: Universal, 2019.

A relação de Edir Macedo com candidatos à presidência e outros políticos não é nova, vem desde a democratização. É válido relembrar que durante o governo PT a Igreja Universal foi base governista, rompendo com o Partido somente na época do impeachment. Assim, as visitas de políticos ao Templo de Salomão podem ser entendidas no contexto da história da própria IURD e sua utilização estratégica para ampliar seu espaço, visibilidade e poder.

Jair Bolsonaro, que tem como segundo nome de batismo Messias, é até então o único político que participou publicamente da liturgia evangélica, enquanto os demais no máximo apareciam em ocasiões específicas, o que evidentemente aproxima Bolsonaro da figura do “enviado de Deus”, aquele que aceitou o verdadeiro Deus, passou pelas ritualísticas e agora vai comandar o país.

Esta predileção de Edir Macedo por Bolsonaro é percebida no final da visita, na qual o Bispo declara: “aposto todas as fichas no presidente Bolsonaro porque tudo leva a crer que ele foi o escolhido por Deus”<sup>5</sup>.

### O Templo de Salomão: Imersão e Prosperidade

Bolsonaro conheceu também os arredores do Templo, onde visitou o restante do Complexo: o Jardim Bíblico, o Tabernáculo de Moisés, o Jardim das Oliveiras e o Memorial. Essa visita foi mediada por Edir Macedo, mas também por outros guias. Esses guias, vestidos com trajes

sacerdotais, e encenando com vozes enfáticas os acontecimentos bíblicos durante as visitas, induzem os visitantes a uma simulação de aproximação literal com o contexto histórico propagado. Esta simulação colabora na imersão do público ao ambiente, transformando o Complexo do Templo de Salomão numa espécie de espetáculo desconectado com o presente, numa tentativa de “viagem ao passado”, como num parque temático religioso [imagem 5].

Os símbolos e elementos ligados à tradição histórica não são apenas usados nas vestimentas desses profissionais, mas também na arquitetura do Complexo. Esse tipo de produção é caracterizada pelo *pastiche*, que pode ser entendido como uma cópia que incorpora para si singularidades do original que copia. Porém, este retorno a formas e símbolos históricos torna-se superficial e acaba não carregando o valor da obra original. Assim, têm-se nessas obras arquitetônicas *pastiches* exprimindo um novo tipo de valor de uso, ou seja, se utilizando de formas do passado, mas propagando ideologias novas de seu tempo, para fins próprios.

Não apenas a grandiosidade, como também os elementos que remetem à riqueza, poder e prosperidade são destacados pela obra. O Piso e o altar do templo revestidos com pedras trazidas de Israel, bem como cores predominantes de tons dourado e amarelo colocados nos corrimãos, paredes e luzes do ambiente, fazem parte, em conjunto a grandeza da edificação do Templo, na colaboração da construção de um espaço marcado pela prosperidade.

<sup>5</sup> Entrevista retirada da Record Tv. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=RMWVcFf4>>.



### Imagen 2

Edir Macedo de barba branca comprida, quipá sobre a cabeça e talit branco no culto de inauguração do Templo de Salomão, em 2014.  
Fonte: IstoÉ, 2014.

### Imagen 4

Edir Macedo ora por Bolsonaro.  
Fonte: Universal, 2019.

### Imagen 3

Visita de Jair Bolsonaro ao Templo de Salomão.  
Fonte: Brasil de Fato, 2019.

### Imagen 5

Templo de Salomão.  
Fonte: Universal, 2019.

## Conclusão

A partir da análise crítica sobre os acontecimentos e implicações que perpassam a visita do presidente Bolsonaro ao Templo de Salomão, percebe-se alguns dos fatores que caracterizam a ascensão e a influência do conservadorismo e do movimento neopentecostal no Brasil.

Destaca-se a relação entre o líder religioso Edir Macedo e Jair Bolsonaro - sendo Macedo um grande influenciador e propagador da campanha de Bolsonaro e de seus valores morais, e assim usufruindo dos benefícios dessa relação<sup>6</sup> - como um dos principais disseminadores de ideologias, discursos moralizantes e políticos, que influenciam pessoas de variadas classes sociais, na qual a ligação entre elas se estabelece na crença religiosa. Tais discursos entre estas duas figuras, revela a instrumentalização da fé para fins políticos, não existindo assim a separação entre Estado e Deus.

Assim, Edir Macedo acaba se mostrando como uma das figuras centrais para compreender o uso da Bíblia para a política, na qual seu discurso revela-se como um desejo de consolidar uma ideia de nação divina brasileira criada desde o Antigo Testamento por Deus, em que para a sua realização seria necessário um “mito”, ou seja, um agente apropriado para orquestrar e liderar seus fiéis. Este líder colocado por Macedo como uma espécie de salvação seria ele próprio, mas que em certa medida

<sup>6</sup> Vale ressaltar que no final da eleição deste ano, 2022, Edir Macedo mudou o seu discurso e já ensaiou uma aproximação com o PT, sendo mostrado a sua utilização estratégica para ampliar seu espaço, visibilidade e poder no cenário político.

acabou sendo colocado na figura de Bolsonaro ao longo da sua candidatura e de seu mandato também.

Confere-se ao complexo do Templo de Salomão, suas características e seu contexto, o significado de uma “materialização” da Teologia da Prosperidade, parte de uma estética utilizada como objeto de poder reforçado pelo bolsonarismo. Além disso, também se destina ao Templo de Salomão, sede da Igreja Universal, um papel fundamental como uso e instrumento político de seu líder religioso. As imagens escolhidas são reveladoras no entendimento de que a propagação dos discursos e as investidas do movimento pró-Bolsonaro alcançaram espaço e ganharam tamanha força, o que culminou na guerra cultural perversa e intensa em que se insere o atual cenário brasileiro.

## Referências

- DREGER, Lahayda. O Templo de Salomão: A Presença do passado. TCC, 2021.
- KALIL, Isabela Oliveira. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. 2018.
- MACEDO, Edir; Oliveira, Carlos. Plano de Poder: Deus, os Cristãos e a Política. Editora: Thomas Nelson. 2008.
- MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos; SILVA JUNIOR, Mauricio Cardoso da. A sedução divina no neopentecostalismo: um estudo psicanalítico. Revista Mal-Estar Subj., Fortaleza , v. 10, n. 3, p. 757-786, set. 2010.
- MELO, Cristina; VAZ, Paulo. Guerras Culturais: conceito e trajetória. Revista ECO-Pós v. 24, n. 2, 2021.
- OLIVEIRA, F. R. C.; MARTINS, C. C. N. . O discurso eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus e a ascensão de Bolsonaro. Plural (online), v. 28, 2021.
- SPYER, Juliano. Povo de Deus. Quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Ed. Geração, 2020.

# Agronejo e o sertanejo como braço cultural do bolsonarismo

**Nicole Pinheiro Santos.** Também conhecida como Nick ou Cole, moradora do bairro dos Pimentas desde a infância, é estagiária no educativo do SESC Pompeia e professora voluntária de história no Cursinho Comunitário Pimentas, tem interesse por pesquisas sobre arte, cultura e política brasileir

As eleições presidenciais de 2018 no Brasil foram uma das mais importantes da história do país, sendo a primeira eleição democrática após o golpe parlamentar contra a presidente Dilma Rousseff, em 2016. O então presidente eleito, Jair Bolsonaro, político de extrema-direita e militar reformado, tem a oposição de quase a totalidade da classe artística da indústria musical, mas com exceções importantes. Estão ao seu lado a imensa maioria dos cantores sertanejos, em especial o sertanejo pop e o novo “agronejo”.

## A indústria cultural do agronegócio

O sertanejo pop surge nos anos de 2012, caracterizado popularmente pelo tema da “sofrênci” (desilusões, separações e traições amorosas), por sua produção musical pop, globalizada e “urbana”, além de mega shows midiatizados e espetaculares similares a apresentações de astros internacionais. Já o “agronejo” ganha repercussão em meio ao mandato de Bolsonaro (2019-2022), com uma estética característica de fazendeiros do meio rural brasileiro, com botas, cinto e chapéu de couro, suas temáticas dizem sobre a vida na roça, paqueras e ostentação.

Estas duas vertentes da música sertaneja são atualmente hegemônicas no Brasil. Segundo dados da Spotify Charts<sup>1</sup> o estilo musical sertanejo é o mais consumido na plataforma desde sua chegada ao Brasil em 2014. Em 2018, ano da eleição de Bolsonaro, o estilo musical ocupou 82 das 100 músicas mais ouvidas nas rádios do país<sup>2</sup> e, em 2019, ocupou todas as posições do top 10 das músicas mais tocadas do Brasil<sup>3</sup>. Esses dados nos comprovam quão hegemônica tem sido a música sertaneja: seu consumo extrapola recortes de classe, raça, gênero e idade. Isso se dá principalmente por sua temática fácil para identificação por um amplo público, além do seu patrocínio por grandes commodities do agronegócio brasileiro para artistas do gênero.

67

<sup>1</sup> Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2022/06/27/quais-sao-as-musicas-mais-ouvidas-da-historia-do-spotify-no-brasil.ghtml>> Acesso em: 25/11/2022.

<sup>2</sup> Dados da Crowley Broadcast disponível em: <<https://maistocadas.mus.br/2019/>> Acesso em: 25/11/2022

<sup>3</sup> Dados do Spotify Charts disponível em: <<https://tecnoblog.net/noticias/2019/12/03/spotify-revela-musicas-artistas-mais-ouvidos-2019-decada/>> e <<https://ricmais.com.br/entretenimento/musicas-mais-tocadas-de-2019-spotify/>> Acesso em: 25/11/2022

## Bolsonaro Pipoco

E quais são os valores políticos empregados nas músicas sertanejas e como elas se relacionam com o bolsonarismo? É importante destacar a intimidade existente entre o Bolsonaro e os cantores e cantoras do sertanejo, que tem um longo histórico de situações e eventos em que se encontram pessoalmente, seja para uma reunião, evento ou celebração, normalmente em hotéis, torneios, festas de peão e feiras da agropecuária. Declararam publicamente o seu apoio à “Deus, pátria e família”, slogan de Bolsonaro (e do movimento fascista brasileiro, o Integralismo), ao armamento civil, à defesa da propriedade privada e do agronegócio.

Obra emblemática das afinidades estéticas e políticas entre o bolsonarismo e o sertanejo é o videoclipe de Menina Pipoco<sup>4</sup> da dupla sertaneja Fernando & Sorocaba com participação do funkeiro carioca Nego do Borel, lançado no fim de 2017. É mais uma música sobre festa, mulheres e paquera, mas quando nos detemos na visualidade construída no videoclipe, podemos identificar diversos elementos visuais da ascensão da extrema-direita no Brasil, e a união entre o sertanejo e o agronegócio com as forças militares.

O videoclipe é a gravação de um show ao vivo (ou encenado), com público assistindo a performance dos músicos sobre uma enorme colheitadeira. Até que saindo de trás da plantação, ouve-se um ruído de engrenagens e eis

que surge a espetacular entrada em cena do funkeiro carioca Nego do Borel, que chega sobre um tanque militar.

## Agroapocalipse

No âmbito da visualidade construída no videoclipe há uma união entre o agronegócio (colheitadeira) e o exército (tanque de guerra), entre campo e cidade, entre fazendeiros brancos e um preto de favela do Rio, entre o sertanejo e o funk, além de uma curiosa sensação pós apocalíptica da cena, similar aos filmes Mad Max. Os dançarinos presentes no palco utilizam roupas de tecidos aparentemente rasgados, sujos, em estilo “sobreviventes” de um cenário de guerra, além de pinturas corporais, que simulam as presentes nos filmes.

A estética do clipe também pode ser comparada à visualidade do esporte Trekker Trek ou Tractor Pulling, que consiste na modificação de tratores, e máquinas semelhantes, para torná-las mais potentes e competir em pistas. Há também a avaliação da beleza da maquinaria modificada, com altas tochas de fogo, pneus enormes, estilização em cores e a performance das manobras de direção do piloto. O esporte ainda é recente no Brasil e ocorre principalmente no interior dos Estados de São Paulo e Paraná, seu modo de promover a apreciação das grandes e potentes máquinas, adulteradas de seu modelo original, também está presente na estética dos automóveis utilizados em Mad Max e na ideia de uma potência agrícola-militar performada de modo estilizado.

É possível que um observador diante do videoclipe não consiga apreender todas as simbo-

<sup>4</sup> Fernando & Sorocaba Menina Pipoco ft. Nego do Borel, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e5IP5Ke2mts>> Acesso em: 25/11/2022



---

### Imagen 1, 2 e 3

Frames de vídeo, edição em arquivo digital.

Fonte: YouTube, videoclipe "Menina Pipoco (ao vivo)" - Fernando & Sorocaba ft. Nego do Borel, 2017.

logias nele presentes, pois o videoclipe estimula uma experiência de êxtase contemplativo, deixando seu sentido político em segundo plano. Já um público mais crítico pode reconhecer no videoclipe a estética da extrema-direita brasileira em uma performance espetacular.

No intermédio entre jogos de interesses político-econômicos, Menina Pipoco deve ser lida como uma produção de uma visualidade representativa desta aliança que sustenta o bolsonarismo agromilitar. Há uma espetaçularização das máquinas de guerra e extrativista, tornando evidente a guerra cultural travada pela indústria do agronegócio e pelos setores militares, se utilizando do “encobrimento totalizante da realidade por uma positividade que se afirma sem deixar brechas” (NETO, 2020, p. 143). A disputa dentro desta guerra é reafirmar o agronegócio como o carro-chefe econômico do país, e que as forças armadas são instrumento para que a acumulação extrativista, latifundiária e intensiva em agrotóxicos possa ocorrer sem encontrar oposição (em especial de movimentos que defendam a reforma agrária, a agricultura familiar e o combate à fome, como o MST). Os militares estão ali para garantir o sucesso do agro, mesmo à custa da pobreza, desnutrição e sofrimento de imensa parcela da população.

Vale destacar que toda esta dinâmica de embates políticos é visível no videoclipe em estudo, uma vez que a sonoridade e letra da música Menina Pipoco fazem uma cortina de fumaça sobre toda essa narrativa imagética, se detendo a mesclar sertanejo com funk e falar de festa e azaração.

## Racismo agrotóxico

Voltemos ao clipe. A visualidade dos cantores também deve ser motivo de atenção, Fernando & Sorocaba se vestem como sertanejos globalizados, calças apertadas, blusa xadrez, chapéu karandá, cinto e bota de couro. Nego do Borel se apresenta de maneira mais contida, como uma transição, ou sincretismo, com roupas sem estampa, composta por uma calça justa e uma camisa manga longa, bota de couro e chapéu karandá que são os únicos elementos que o inserem na ambientação rural.

A performance destes corpos é complexa, Fernando & Sorocaba, uma dupla de homens brancos, ricos e de meia idade, têm uma atuação dura e contida no palco se comparados ao Nego do Borel, homem preto da favela carioca, que exerce o papel principal de manter o público entretido: rebola, pula, dança, grita, ri, e ao final da música simula no microfone um som como de alguns tiros, e performa seu corpo como sendo atingido por eles, tremendo e se jogando de costas no chão. Fernando & Sorocaba por vezes explicitamente ri e se diverte diante da performance de Nego do Borel, subcontratado por eles. Fica subentendido o papel de palhaço ao qual o cantor negro está submetido. É a dupla sertaneja quem comanda aquele espaço, observa, se diverte, interage, mas cabe ao funkeiro a posição de entretenimento caricato que, depois de alvejado, pode ser retirado do show. Lembremos que tanques como aquele em que se apresentava Nego do Borel fizeram parte da intervenção militar no Rio, naquele mesmo ano de 2017, autorizada pelo governo golpista de Michel Temer e coordenada por



## Imagen 4 e 5

Frames de vídeo, edição em arquivo digital.

Fonte: YouTube, videoclipe "Menina Pipoco (ao vivo)" - Fernando & Sorocaba ft. Nego do Borel, 2017.

Braga Netto, que seria Ministro da Defesa do governo Bolsonaro e seu candidato a vice-presidente em 2022.

Há mais uma questão a ser analisada, ou questionada, neste objeto revelador da dinâmica político-social brasileira, sendo esta a nomenclatura que serve de título do objeto aqui estudado, *Menina Pipoco*. Recentemente foi lançado a música *Pipoco* pela cantora Ana Castela, artista revelação do “agronejo” em 2022, em parceria com a funkeira Melody, seguindo quase que estritamente a mesma dinâmica de *Menina Pipoco*. Nesta produção o sincretismo se repete, a união entre o agronejo interiorano (Ana Castela) e o funk urbano paulista (Melody). A coincidência da mesma palavra no título, *Pipoco*, e da mesma mensagem sobre festa e azaração na letra da música não podem ser lidas à toa, elas estão inseridas em meio a uma guerra cultural aqui travada e se propõem a isso de modo consciente. *Pipoco* significa estouro, estalo, explosão, tal qual um tiro de arma de fogo, e embora queiram nas letras destas músicas atrelar o termo como um adjetivo às mulheres, por um outro ângulo, *Pipoco* é uma referência a um discurso belicista presente nestas músicas, que mesmo que com a aparência despolitizada de suas letras, se aproximam de uma abordagem violenta, postura comum entre os simpatizantes à extrema-direita.

## Conclusão

Os efeitos destas produções no âmbito social são potentes, a ausência de crítica leva à recepção ingênua do “bolsonejo”, da espetacu-

larização destas forças atuantes no show business no atual momento político brasileiro. Sem que se perceba, isso impacta diretamente no pensamento dominante da população brasileira.

Com esta breve análise, é possível concluir que dentro da guerra cultural aqui instaurada, um dos mais fortes braços do bolsonarismo é o sertanejo e sua relação com o agronegócio, que vem alcançando um público cada vez maior no Brasil, e que se vende como “não político”, como mera manifestação cultural. É necessário tomar atenção como esta guerra se movimenta amparada pelo poder econômico, uma das bases do sertanejo. E que esta é a mais importante ação para formação e conquista de um público mais jovem e moderno pela extrema direita brasileira.

Não apenas Olavo de Carvalho filósofo-trollador, think tanks conservadores ou ultraliberais, ou ainda pastores Evangélicos formam o imaginário da nova direita e atraem a juventude: é preciso ficar de olhos bem abertos para o complexo agro-sertanejo-militar e sua indústria cultural, que aqui resumimos por meio de um videoclipe, e que está conquistando corações e mentes de forma massiva.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. Ensaios sobre psicologia social e psicanálise. Editora UNESP, 2007, p 398.
- FRANÇA, V. R. V., & Vieira, V. H. . (2021). Universo sertanejo: amor traído e Bolsonaro. Revista Mídia E Cotidiano, 15(1), 6-28.
- NETO, Moysés Pinto. Política na era da visibilidade total: observações conjunturais a partir do episódio The Waldo Moment, de Black Mirror. Galáxia (São Paulo, online), n. 45, set-dez, 2020, p. 139-152.

# Apropriação da estética de periferia em “funk de direita”: MC Reaça e *O proibidão do Bolsonaro*

**Kamilla Dourado**, mulher lésbica da zona leste de São Paulo, estudante de História da Arte, educadora em museu e pesquisadora na área do patrimônio. Acredita na arte como instrumento para a sensibilização e consciência de mundo e de classe.

**Pamela Silva**, Fotógrafa, Arte Educadora e estudante de História da Arte, natural do Fundão da zona oeste de São Paulo. Interesse e pesquisa ligada à arte educação e a conhecimentos não hegemônicos de cultura afro.

No começo dos anos 2000, o consenso sobre o funk carioca era praticamente unânime: “é som de preto, de favelado”. Hoje, quase vinte anos depois desse hit e de ter se espalhado pelo Brasil, a lista de subgêneros do funk já é bem maior. Além de subdividido entre carioca, mineiro, “da baixada” ou paulista, estilos como o funk consciente, ostentação, proibidão, mandelão, brega funk e, um dos mais recentes, o rave funk, unem o ritmo melódico ou dançante a letras que cantam assuntos diversos, que vão desde *passar a visão* do dia a dia das periferias, dos bailes, superação e ostentação ou até mesmo sexo, tráfico, repressão e resistência.

A estética presente nas vertentes do funk paulistano (a divisão que daremos ênfase) reivindica bens de consumo e de lazer para uma comunidade que vive dentro de um espaço precarizado e distanciado da “sociedade” branca de classe média, a periferia. É uma forma de autoafirmação, ou de “inclusão”, pelo consumo, modelo de cidadania que foi turbinado no período Lula (2003-2010). Acessar lugares e consumo negados a essas comunidades, ao mesmo tempo que é algo pró-sistema, também

é forma de resistência periférica, uma “resistência vencedora”, que tem a possibilidade de conforto pelo confronto, sem precisar se submeter ao trabalho precário, alienado e exaustivo que tanto explora a população periférica.

Com toda esta pluralidade reafirmada ao longo dos anos, era de se imaginar que esse som atingisse outras esferas sociais. O funk começou a tocar no rádio, na TV, na balada e virou série em plataforma de streaming, com direito à glossário para entender o que cada gíria significava. Um ritmo marginalizado e diretamente associado à “perversão” dos mais pobres passa então a ser socializado entre as classes média e alta.

## MC Reaça e o Funk Fake pró-Bolsonaro

No meio de todo esse contexto, o que explica a viralização de uma música chamada *O proibidão do Bolsonaro*, que vai destoar do movimento funk em todos os sentidos mas que “colou por aí”?

Tales Volpi, vulgo MC Reaça, criou paródias de músicas em apoio à campanha da extrema direita nas eleições de 2018 que enaltecem o

Bolsonaro e atacam de forma violenta seus adversários e a esquerda, de modo geral. Essas músicas viralizaram de tal forma nas redes sociais que ainda nas eleições de 2022 as músicas de MC Reaça tocaram nas ruas ou em trilha sonora de vídeos em apoio à campanha de Bolsonaro.

O videoclipe de *O proibidão do Bolsonaro* é um dos mais emblemáticos da campanha pró-Bolsonaro, com mais de 3 milhões de visualizações no canal “Bolsonaro Músicas”. Seria de se estranhar uma figura como Tales Volpi, um jovem branco, na época do clipe com 26 anos, morando no interior de São Paulo, casado, cristão, defensor da família tradicional e dos bons costumes... Cantando funk? Sim. A questão principal é que MC Reaça tenta ressignificar o funk e afastá-lo o máximo possível da maneira que o conhecemos, “limpando e dignificando” uma cultura subversiva e longe dos padrões conservadores, para manter a batida que mobiliza os jovens.

O *Proibidão do Bolsonaro* é uma paródia de Baile de favela do MC João, que é um fenômeno mundial: 238 milhões de visualizações no Canal oficial do Kondzilla, a maior produtora de funk do Brasil, com o maior canal do YouTube brasileiro e difusora de conteúdo de favela através do site e das redes sociais. Isso significa que MC Reaça não sorteou ao acaso qualquer funk para fazer a paródia, mas sim escolhe trabalhar em cima do hit do ano novo de 2016, que além de dividir espaço no top10 do Itunes e Spotify com Anitta e Justin Bieber, atingiu o marco histórico de ser o primeiro videoclipe de funk a atingir 100 milhões de visualizações no YouTube.

74

O clipe-paródia é aberto com uma placa onde se escreve “#somostodosBolsonaro”. Na sequência, MC Reaça aparece em um ambiente fechado, que indica ser um estúdio musical, cantando a sua ansiedade em votar no Bolsonaro nas eleições de 2018. É interessante reparar na forma como MC Reaça se veste e se comporta. Durante o clipe ele usa uma camiseta estampada com uma caveira vestindo uma bandana com a bandeira dos EUA no crânio. Imageticamente, percebe-se logo de cara uma proximidade com a necropolítica e a subserviência política e cultural. A partir de sua expressão corporal, fica nítido que ele não faz parte da cultura do funk: não tem ritmo, não tem flow, não tem estilo e as rimas são ridículamente pobres. Se o MC Reaça realmente vivesse a cultura de periferia, ele provavelmente teria ouvido o conselho do trapper “MD Chefe”, o nosso Rei Lacoste, dizendo: “Isso é feio, primeiro cévê, depois copia. Cê não vive, por isso parece só uma fantasia.”

### Baile de Favela em Tóquio

Em um Baile de Favela real encontramos alguns símbolos da cultura de periferia, lugar onde o funk é nascido e criado. No clipe, uma multidão de jovens joga as mãos e o MC João para o alto, que balança uma camiseta de time de várzea, chamado os “100 juízo”. De maneira completamente orgânica, na própria organização e curtição dos fluxos, todo mundo canta e grita a letra de cor e salteado. Diferentemente de um homem branco e do interior como MC Reaça, MC João enfrenta até hoje tentativas de censura e repressão por conta da letra de “Baile de Favela”.



### Imagen 1

MC Reaça no clipe "O proibidão do Bolsonaro"  
Fonte: YouTube, Canal Bolsonaro Músicas, 2018.



### Imagen 2

MC João no clipe de "Baile de Favela"  
Fonte: YouTube, Canal Kondzilla, 2015.



### Imagen 3

Ginasta Rebeca Andrade performando a música  
"Baile de Favela" nas Olimpíadas de Tóquio em 2021  
Fonte: G1, 2021.



### Imagen 4

MC Reaça e sua turma no clipe "O proibidão do  
Bolsonaro"  
Fonte: YouTube, Canal Bolsonaro Músicas, 2018.

Ao ser mixada com *Toccata e Fuga* do compositor barroco Bach exclusivamente para a apresentação de Rebeca Andrade nas Olimpíadas de Tóquio em 2021, a música original atinge o marco de mais de 230 milhões de visualizações no YouTube. Rebeca Andrade, uma mulher preta da periferia de Guarulhos, consagrou seu nome na história das Olimpíadas como a primeira medalhista olímpica feminina da ginástica artística brasileira, conquistando uma medalha de prata e uma de ouro embalada pelo Baile de Favela.

## O Proibidão da Família Brasileira

No Proibidão do Bolsonaro, MC Reaça aparece no primeiro plano e todos os outros ficam atrás. É como se ele fosse o líder de seu líder: está na linha de frente do movimento pró-Bolsonaro. Enquanto puxa o coro, nem todos os integrantes do seu baile podem olhar diretamente para a câmera, pois estão ocupados lendo os versinhos da letra em pedaços de papel. Esse baile, diferente do de Favela, não tem organizade, não fala da vida vivida nas periferias e suas festas. É uma gravação diurna, com idosos, crianças e bebês de colo, quase todos brancos de classe média, onde o conceito de “família tradicional” se une à bandeira nacional.

“Show é de fato a palavra certa”, como disse Theodor Adorno em *Propaganda fascista*. A letra “show” do MC Reaça enfatiza as performances heroicas e atléticas de Bolsonaro: que “salta de paraquedas”, é “capitão da reserva” e “casou com a Cinderela”. Esta grande lista de feitos, na música, faz parte da construção do líder (Mito) que merece ser glorificado.

Na música, a CUT, as feministas, personalidades políticas brasileiras e em especial mulheres de esquerda são diretamente atacadas, humilhadas e até comparadas com cadelas. Homofobia e misoginia seriam algumas das incitações à violência provocadas pelo MC Reaça, o que pode claramente justificar o nome da música – falar o que é “proibido” pela Lei, ou pelo “politicamente correto”. Entoada pelo grupo juntado às pressas no parque, com crianças e idosos, o grotesco salta aos olhos como o “Proibidão da Família Brasileira”.

Tanto na música quanto no clipe, MC Reaça não cria nada, se apropria indebitamente de uma melodia já famosa, e usa imagens batidas na internet e memes. De maneira geral, este é um aspecto já conhecido da estética da extrema-direita: o conceito de *pastiche* e do *kitsch*, que dá nome à essa prática da cópia ou das imitações de produções artísticas de maneira superficial e de mau gosto.

Paulo Freire, patrono da educação brasileira, também é atacado sendo “mandado para a atmosfera”. MC Reaça em seu baile da família delirante, em substituição ao Paulo Freire, pede que seja “distribuído livro do Olavo pra galera”.

Mesmo se não o citasse diretamente, seria possível identificar a influência de Olavo de Carvalho sobre a canção. O gosto pela agressão verbal e pela trollagem faz parte da retórica do ódio Olavista. Essa violência verbal é muito presente nas músicas produzidas pela direita, como o rap *O velho Olavo tem razão!* do rapper Luiz, o Visitante, que para além de subverter outro estilo periférico, ataca o antirracismo, o feminismo e o comunismo de maneira ofensiva.



## Bolsonaro presta homenagem a agressor de mulher grávida

MC Reaça se suicidou após espancar amante que está em estado grave no hospital.

### Imagen 5

Manchete veiculada quando Bolsonaro prestou suas homenagens à MC Reaça  
Fonte: Mídia Ninja, 2019.

## De MC Reaça a MC Espancador

A violência e a truculência de quem tem Olavo de Carvalho como guru e mentor extrapola as redes sociais e a internet e chega na vida real. Em 2019, MC Reaça espancou a mulher com quem mantinha um relacionamento extraconjugal e, após fraturar o rosto da jovem em várias partes, Tales Volpi confessou o crime para o pai e a madrasta. Horas depois, foi encontrado morto e a polícia registrou o caso como “possível suicídio”.

Mesmo após as incitações à violência que brada em seu “proibidão” até os crimes que cometeu antes de sua morte, Tales Volpi recebeu homenagens e condolências saudosas da família Bolsonaro, que jamais comentou o caso de espancamento. Via Twitter, ao lamentar a morte de Tales Volpi, Bolsonaro disse que MC Reaça “Tinha o sonho de mudar o país e apostou em meu nome por meio de seu grande talento. Será lembrado pelo dom, pela humildade e por seu amor pelo Brasil.” Mais uma vez, Jair Bolsonaro legitima e normaliza um discurso de ódio, naturalizando e omitindo a violenta agressão a uma mulher.

78

## Conclusão

A curta e polêmica trajetória musical de MC Reaça exemplifica como a extrema-direita tenta a qualquer custo apropriar e subverter as vivências e práticas culturais de periferia (em especial de jovens negros) para uma cultura da classe média branca, patriarcal, racista e machista. Com isso, consegue apenas mostrar cada vez mais a sua face perturbadora: da polí-

tica de ódio que se afunda em hipocrisia e mau gosto, que flerta com o nazismo enquanto quer embalar na batida do Funk sua vontade de falar com as massas. Mas quem é do Funk não se engana. As periferias votaram em massa contra Bolsonaro. Não foi só o nordeste quem derrotou o falso Messias, foi a voz e o corpo jovem, negro, periférico do Rap e do Funk.

## Referências

A estética do Funk Ostentação como subsídio de um lifestyle para a juventude periférica. Disponível em: <<http://celacc.eca.usp.br/pt-br/celacc-tcc/1933/detalhe>>. Acesso em: 25 nov. 2022

Bolsonaro e filhos são criticados por lamentarem morte de “MC Reaça”. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/06/bolsonaro-mcreaca-mulher-gravida.html>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

BOLSONARO, J. M. Tales Volpi, conhecido como Mc Reaça, nos deixou no dia de ontem... Disponível em: <<https://twitter.com/>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

Como paródia de “Baile de favela” virou hino contra esquerda e viralizou em perfis pró-Bolsonaro no TikTok? Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2022/10/08/como-baile-de-favela-virou-hino-contra-esquerda-e-viralizou-em-perfis-pró-bolsonaro-no-tiktok.ghtml>>. Acesso em: 27 nov. 2022

MC Reaça morre em Valinhos aos 25 anos; velório e enterro acontecem em Indaiatuba. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/06/02/mc-reaca-morre-em-valinhos-aos-25-anos-velorio-e-enterro-acontecem-em-indaiatuba.ghtml>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

PYL, B. A potencialidade transgressora da estética funkeira. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-potencialidade-transgressora-da-estetica-funkeira/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Rebeca Andrade: Como “Baile de Favela” foi parar nas Olímpiadas de Tóquio. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/07/29/rebeca-andrade-como-baile-de-favela-foi-parar-nas-olimpiadas-de-toquio.ghtml>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

# A pintura bolsonarista: entre o *kitsch* e a arte de propaganda

**Lucius Goyano**, artista visual, estudante de História da Arte, bolsista FAPESP, dedica-se a assuntos sobre raça, arte e religiosidade afro-brasileira.

Por arte conservadora, nos referimos ao conhecimento e ao apreço pelos clássicos. Baseados nesse conhecimento e nesse amor, daremos às pessoas o ímpeto para criar obras de semelhante grandeza em nossa época. Isso é o que o governo brasileiro está determinado a fazer. (Roberto Alvim, 2021).

Essa citação resume o pretendido programa de arte e cultura do Governo Bolsonaro, apresentado em uma reunião da Unesco em 19 de novembro de 2021 pelo então Secretário da cultura Roberto Alvim. Tendo-a como referência, pretendemos discutir a produção de artistas visuais alinhados ao atual governo.

Apesar dos inúmeros escândalos envolvendo membros do governo Bolsonaro no campo da cultura, com perseguições e ataques a artistas, ações contra leis de incentivo, censura a obras e o caso mais emblemático e grotesco - a repetição de um discurso de Joseph Goebbels, ministro de Hitler, que levou à demissão de Alvim -, iremos nos atentar às questões presentes na definição apresentada como epígrafe.

## Farsa e cópia *kitsch* da arte do passado

A primeira delas a autovalidação por meio da aproximação com o passado. A pintura em

relevo [Figura 1] de Rudney Sarmento [à esquerda] exposta no terceiro andar do Palácio do Planalto, busca estabelecer a relação entre Bolsonaro e o marechal Deodoro da Fonseca, militar e político central na Proclamação da República [à direita], retratado por Henrique Bernardelli. Além de copiar a cena e realizar a substituição, Sarmento compara as personagens, agora Bolsonaro é o proclamador de um novo período político no Brasil, tendo essa obra como objeto de confirmação e símbolo de validação da importância do atual presidente para a história do Brasil tal como fora Deodoro da Fonseca.

O que observamos é a criação de uma narrativa em torno de um suposto líder nacional através da referência à arte do passado, fazendo crer que Bolsonaro é um grande líder, repleto de conquistas, digno de respeito e de ter um retrato seu exposto em um dos edifícios do governo. Trata-se de uma obra que não dialoga com a produção contemporânea, pretendendo conectar-se diretamente aos “mestres do passado”, mas o faz de modo ingênuo e precário. Por isso, é também uma obra *kitsch*, que simula a aura da original, de maior valor estético ou importância histórica. Do mesmo

modo que o dourado quer se passar por ouro, o gesso por mármore, as obras ordinárias e reproduções de obras de arte kitsch querem se passar por grande arte. Mas, diferentemente das originais, elas não proporcionam qualquer experiência artística de maior profundidade e transcendência, nem são registros da história, tradição visual e expressão do passado, constituindo apenas objetos literalmente ordinários.

Por hora, a reflexão em torno do kitsch e as obras bolsonaristas nos possibilita perceber que: do mesmo modo que uma cópia da Mona-lisa ou de A última ceia não transformam o ambiente doméstico em uma sala em museu ou em templo religioso, ou um chaveiro da Torre Eiffel – souvenirs são outro tipo de objeto importante para a estética kitsch – ainda que comprado em Paris, não reproduz a experiência de estar diante da Torre Eiffel, igualmente a cópia Rudney Sarmento não possui o mesmo valor histórico e simbólico do quadro de Bernardelli. Em resumo, é uma farsa, uma cópia grosseira, uma representação cafona querendo se passar por “grande arte do passado”, o mesmo ocorre com Bolsonaro, que a pintura fantasia tanto como político quanto militar de mesmo prestígio que Deodoro da Fonseca.

80

### O ressentimento com a arte contemporânea

Observando o conjunto de artistas bolsonaristas, observamos que todos recorrem a técnicas mais ou menos convencionais da pintura acadêmica e realista do século XX. Esse apego à pintura de cavalete tradicional, e com

limitações técnicas e de composição evidentes, dão um claro traço não apenas conservador, mas reacionário a essa produção. Além da dimensão kitsch, já comentada.

Voltando ao ideólogo Roberto Alvim, no mesmo discurso citado,

Nas últimas duas décadas a arte e cultura no Brasil foram reduzidas à mera ferramenta de propaganda de uma agenda política interessada em destruir as bases de nossa civilização. Arte e cultura trabalham contra os desejos da maior parte da população [...] quando arte e cultura adoecem, a sociedade adoece [...] uma ideologia terrível fez emergir uma guerra cultural no Brasil.

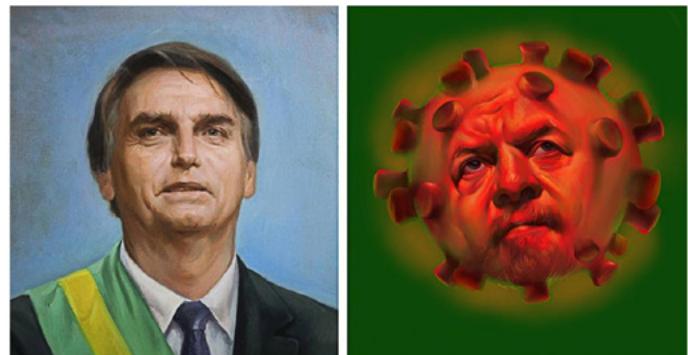
Nota-se o ressentimento de Alvim e desses artistas com a arte contemporânea, com a produção cultural nas décadas sob governo petista, que teriam pretendido “destruir as bases da nossa civilização” – ataque similar ao que os nazistas fizeram às vanguardas, definidas como “arte degenerada”. Observamos na produção de Rudney Sarmento, Paulo Frade, Marco Angeli e Rodrigo Camacho, artistas bolsonaristas de destaque – a maioria inclusiva obteve acesso ao presidente para a entrega de suas obras –, o desejo reacionário de uma arte pré-modernista, atreladas a discursos de direita, conservadores, cristãos, nostálgicos, revisionistas, paralelos à realidade contemporânea.

Na produção de Rudney Sarmento e Paulo Frade – o último, autor do retrato à óleo de Bolsonaro e da pintura digital Comunavírus [Figura 2] – encontramos cópias de obras do passado, no caso de Frade explicitamente como forma de se aproximar ou de se colocar



### Imagen 1

Comparação "Bolsonaro" de Rudney Sarmento e "Proclamação da República" de Henrique Bernardelli  
Fonte: Acervo do autor.



### Imagen 2

Paulo Frade, Comparação Retrato de Bolsonaro e Comunavírus  
Fonte: Acervo do autor.



### Imagen 3

O Ilustra, Ucranizar I  
Pintura digital, s/d.  
Fonte: Mídia social do artista (Artstation).

junto aos “velhos mestres”, sobretudo Rembrandt e Caravaggio, por meio do uso de técnicas e métodos tradicionais, supostamente os mesmos utilizados por esses artistas, logo acrescentando maior valor técnico, estético e intelectual a suas obras e a si mesmo.

Frade, com essas afirmações, tenta se esconder na autoridade e influência que esses pintores de quase quatrocentos anos atrás exercem na história da arte ocidental para vender cursos online e aumentar as turmas presenciais em seu ateliê. Desde 2018 ele também vem pintando apoiadores de Bolsonaro, alguns já dissidentes, como o comediante Danilo Gentili, o ex-ministro Sérgio Moro e o jogador de futebol Neymar Jr. como forma de criar uma base de consumidores alinhados ao bolsonarismo.

Como exposto sobre o kitsch, simbolicamente obras feitas com a técnica, supostamente, de Rembrandt e Caravaggio não tornam o Frade ou sua produção tão válida quanto a destes em seu período, nem tão pouco dão mais prestígio para o artista, pelo contrário, demonstram aquilo que ele e os demais artistas fingem ser em contraposição a arte que eles apontam como degenerada, imoral, de esquerda. A questão aqui, outra característica da estética kitsch, é o antagonismo com a arte de vanguarda, neste caso arte contemporânea.

No caso da obra *Comunavírus*, há ainda má-fé e falsificação histórica. É preciso lembrar que o presidente responsável por espalhar o vírus no país, de forma irresponsável, negacionista, desmerecendo a ciência, atrasando a compra de vacinas, fragilizando o SUS, ampliando o número de mortos, foi Bolsonaro e

não Lula. O trocadilho é infame Comuna ao invés de Corona. Como se o comunismo estivesse aí pronto para se instalar em nosso país e nossos corpos como o Covid-19.

### Pintura e propaganda fascista

Deixando as questões envolvendo a estética kitsch na arte bolsonarista, outro aspecto se destaca: o desenvolvimento de múltiplas narrativas em torno da figura mítica de Bolsonaro e a relação com a propaganda fascista. A narrativa do líder grandioso e messiânico aqui se distancia da cópia de Deodoro da Fonseca, e se aproxima da narrativa de combate.

Nas duas pinturas digitais de *O Ilustra* [Figuras 4 e 5] observamos dois Bolsonaros, o primeiro forte, viril, carregando os ex-governadores João Doria e Wilson Witzel para jogá-los no lixo, enquanto ao fundo reluz o prédio do Congresso Nacional com a limpeza efetuada; o segundo já é um Bolsonaro frágil, que luta sozinho no Brasil para proteger a liberdade, personificada em uma mulher de branco. Ela está sendo tomada pelos juízes do Supremo Tribunal Federal, que em um pentagrama em brasa violam a justiça, outra figura feminina identificável pela venda, espada e balança que se encontram no chão.

As obras são intituladas *Ucranizar I* e *Liberdade ameaçada*, respectivamente, a primeira está ligada a revista *Vida Destra*, que publicou em 23 de abril de 2020 o texto *O dever de ucranizar* e a integrantes de protestos bolsonaristas que carregavam bandeiras do Pravyi Sektor, partido de extrema-direita neonazista ucraniano que surgiu no contexto das



#### Imagen 4

O Ilustra, Liberdade Ameaçada. Pintura digital, s/d.  
Fonte: Mídia social do artista (Artstation).

revoltas populares de 2013-14 exigindo a entrada do país no bloco europeu, assim como a saída do então presidente que representava uma ligação com o passado soviético. Já a aparição ocorrida no Brasil, diferentemente, não tem como inimigo o presidente, mas agentes “em outras esferas do poder, notadamente o legislativo e o judiciário, estendendo-se entre as entidades estaduais e municipais” (PORTAL; GELLER JÚNIOR, 2021, p.281), que como a pintura sugere devem ser descartadas. É importante pensar as duas imagens em conjunto; a primeira aponta Bolsonaro como expurgador dos opositores, enquanto a segunda demonstra o seu estado frente seus inimigos, que são retratados como estupradores satanistas que abusam da justiça e da liberdade – no caso de Paulo Fraude, o inimigo identificado como um vírus [Figura 2].

84

## Conclusão

Procuramos compreender alguns artistas plásticos da produção bolsonarista para além dos memes e fake news. Buscamos entender os aspectos da arte da extrema-direita para além da auto validação de seus apoiadores, caindo fatalmente no kitsch. Vimos como parte da narrativa da polaridade em que se delineia o líder como político e militar viril, libertador, mas que se encontra só em sua luta e em que se figura os opositores que o cercam como uma doença, como pagãos, corruptos, comunistas e estupradores. No entanto, é importante observar a pouca interação entre o presidente e os artistas além de recebê-los para a entrega das obras, de tal forma que seus propagandis-

tas agem de forma independente e diferentemente da propaganda nazista não parecem buscar a agitação das massas, enquanto glorificam o líder, parte fundamental dos regimes fascistas.

A produção desses artistas de pouco ou nenhum reconhecimento pelo sistema das artes, da crítica e dos acervos de museus, parece ter sido uma jogada de marketing, como uma oportunidade para conquistar visibilidade. Talvez tenham imaginado que despotariam como celebridades seguidos por milhões, como os youtubers bolsonaristas, mas seguiram irrelevantes e quase no mesmo anonimato, seja por sua mediocridade, seja porque as massas no Brasil quase não consomem e pouco prestigiam as artes plásticas.

## Referências

- A arte segundo Bolsonaro: <<https://youtu.be/Js3rrL7ZDVA>> Acesso em 05 dec. 2022.
- A estética do bolsonarismo - Parte 1:<<https://youtu.be/YfM2nNvU4tQ>> Acesso em 05 dec. 2022.
- A estética do bolsonarismo - Parte 2:<<https://youtu.be/0CDMJ72XtbI>> Acesso em 05 dec. 2022.
- ADORNO, Theodor. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In MARGEM esquerda: ensaios marxistas. São Paulo: Boitempo, 2006.
- OLIVEIRA, Rodrigo Cássio. Kitsch, consumo e política: a publicidade das lojas Havan e a estética do bolsonarismo. Anais do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 2020.
- PORTAL, João Camilo; GELLER JÚNIOR, Lúcio. “Chegou a hora de ucranizar!”: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro. Esboços, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 269-289, maio/ago. 2021.

# O inimigo político nas obras de Lucimary Billhardt

**Maria Luiza Meneses** é graduanda em história da arte pela UNIFESP. Seus interesses habitam os campos das imagens, memória e racialidade. Atua no graffiti desde 2012 e é co-organizadora da Rede de Graffiteiras Negras do Brasil.

Nascida no Amazonas, Lucimary Billhardt viveu no Rio de Janeiro, onde começou a dançar balé até mudar-se para a União Soviética, passando a ser bailarina da companhia da professora Irina Yakobson. Segundo relata em reportagem de Marie Declercq, após o segundo ano no leste europeu, tentaram doutriná-la ao “comunismo”. Após quatro anos em Leningrado (atual São Petersburgo), viveu de balé na Itália, França e residiu durante 20 anos nos EUA, retornando ao Brasil em 2018. Ao chegar ao país, nota um déficit de artistas dedicados às pautas da direita. Sem formação ou estudos em artes visuais, decidiu apoiar a direita brasileira representando suas lideranças políticas através de desenhos e pinturas. A partir deste momento, a artista reconhece sua produção como parte do cânone da “arte de direita”, em oposição ao que chama de “arte de Satanás”. Se define como “conservadora, realista e com um toque espiritual” (UOL, 2020).

Seus trabalhos podem ser organizados através de algumas categorias: representações de Jesus Cristo, retratos de Jair Bolsonaro, retratos de aliados políticos do bolsonarismo, representações de inimigos políticos, celebidades e, por fim, a reprodução de obras canônicas através de um discurso complexo que por hora podemos alocar na categoria “resentimento”. Lucy realiza pinturas digitais e

as publica em suas redes sociais, Instagram e Twitter, diariamente. As obras possuem simbolismo descomplicado, facilmente compreensível, que fornece recursos visuais para as narrativas da polarização. Lucimary mobiliza cores, composições e símbolos que determinam e delimitam os lados à esquerda ou direita do espectro político maniqueísta que a artista busca evidenciar. Trata-se, portanto, de elementos de composição baseados em oposições binárias estruturantes, para reforçar os interesses ideológicos.

85

## A construção plástica do inimigo

A representação do inimigo na pintura de Lucimary Billhardt pode ser notada por meio de aspectos marcantes em suas composições, como as deformações faciais, a presença de animais e objetos que causam repulsa, comportamentos “imorais”, clima sombrio, aspectos psicológicos e expressões explosivas, sarcásticas, irritáveis, desequilibradas, confusas, irônicas, maldosas [Imagem 1]. Esteticamente degenerados, perversos, depravados, repulsivos. Aparecem sempre em oposição a Bolsonaro, a Cristo ou à águia americana. Estão relacionados a seres fantásticos e temerários [Imagem 2] - vampiros, demônios, bruxas - ou repulsivos [Imagem 3] - sapos, vermes,

vírus, cobras, escorpiões - e representados em mundos obscuros e fantásticos - inferno, crateras, buraco negro, floresta mágica. Quando não, aparecem em cenários abstratos. Uma característica fundamental são as deformações no rosto. Em geral faz uso das cores vermelho, preto, roxo, azul escuro, verde, majoritariamente tonalidades escuras.

### Lula satânico

Para a pesquisa, do total de 1604 imagens publicadas pela artista em seu Instagram até 1 de dezembro de 2022, foram analisadas 84 imagens, de 60 diferentes ilustrações (considerando que as imagens se repetem). Como fonte para a análise, tomaremos o caso da pintura publicada pela artista na véspera do segundo turno das eleições de 2022 [Imagen 4]. A pintura apresenta o futuro presidente Luiz Inácio Lula da Silva visivelmente alcoolizado, portando uma garrafa de cachaça transfigurada em “mamadeira de piroca”, acompanhado de um escorpião com o rosto da falecida ex-primeira-dama Marisa Letícia Lula da Silva e um emoji do Diabo. Nesta imagem, é notável a tonalidade avermelhada presente, desde o fundo, passando pela roupa de Lula, até o tom da pele. Tal cor habita os discursos bolsonaristas como relacionada ao comunismo, à China, à URSAL, ao Foro de São Paulo e ao Partido dos Trabalhadores, todos resumidos ideologicamente como inimigos da moralidade cristã e bélica da direita brasileira.

A expressão cabisbaixa, com conotação a um alcoolismo fictício e exacerbado, expressão dos olhos caídos, entre a embriaguez e o cansa-

ço, cabelo desarrumado, tem a função política de relacionar a imagem de Lula com a indisposição, inabilidade e incapacidade de governar o país. Na orelha esquerda, o escorpião, animal peçonhento e altamente perigoso, carrega o rosto de Marisa Letícia, em equilíbrio com a outra figura que aparece na orelha direita, o Diabo, soprando palavras ao ex-presidente. De forma direta e simples, a artista coloca no mesmo nível a ex-primeira-dama e Satanás, figuras que seriam supostamente influências perniciosas a orientar Lula.

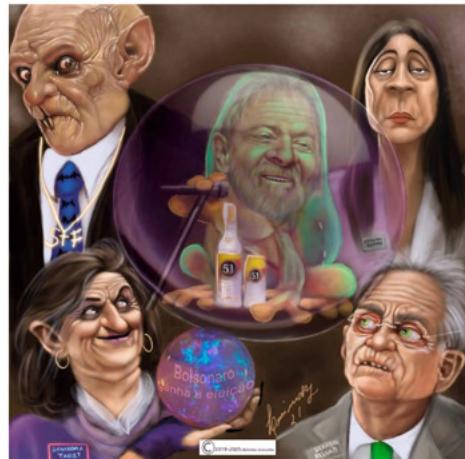
A imagem se completa com o objeto de depravação: a garrafa de cachaça adornada com um bico em formato de pênis, conhecida como “mamadeira de piroca”. Tal símbolo é fundamental e não poderia ficar de fora da composição uma vez que exerce a dupla função de dar peso à imoralidade do representado como suposto alcoólatra e retoma o imaginário de perversão sexual associado à esquerda ao lembrar a fake news que fora amplamente difundida na eleição anterior. Ao utilizar tal símbolo que à época foi divulgado como parte de um suposto “kit gay” distribuído às escolas municipais de São Paulo na gestão do então candidato à presidência Fernando Haddad, a artista tenta retomar no espectador o mesmo sentimento de “pânico moral” e confusão que foi fundamental para eleger Jair Bolsonaro em 2018.

Esta imagem aparece pela primeira vez em 19 e depois em 20 de abril de 2022 e retorna em 30 de outubro, véspera do segundo turno das eleições presidenciais. O objetivo de repostar a imagem na véspera da eleição é claro: tentar reforçar aspectos supostamente reais da perso-



13 likes

lucimarybillhardt Obrigada pela compreensão!



• • •



100 likes

lucimarybillhardt Não precisa de legenda! Ou vocês se encarregam!



34 likes

lucimarybillhardt A reunião da convivência!

### Imagen 1

Fonte: Mídia social da artista (Artstation).

### Imagen 2

Fonte: Mídia social da artista (Artstation).

### Imagen 3

Fonte: Mídia social da artista (Artstation).

nalidade do candidato para causar repulsa e tentar agir como propaganda negativa (BORBA), na tentativa de contribuir com a redução dos votos em Lula a partir da moralidade. Em outras palavras, o objetivo de tal imagem e sua repetição está na perversão da imagem do opositor político e seus aliados através do vínculo com comportamentos considerados imorais, relacionados a más condutas: alcoolismo, satanismo, comunismo, obscurantismo, feitiçaria, tabagismo, temas recorrentes nas representações do inimigo político, além do vínculo com animais repulsivos, no caso o rosto de D. Marisa Letícia incorpora-se a um escorpião e com o principal símbolo de maldade no imaginário cristão, Satanás.

88

## Freud e Adorno explicam

A despeito de qualquer similaridade com a realidade do inimigo, a massa, segundo Freud, “(...) é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa” (FREUD, p. 7). Neste sentido, o exagero representativo, as camadas de significação e a repetição de elementos nas pinturas digitais de Lucy contribuem para a afirmação do imaginário sobre o inimigo. Este último recurso é facilitado pelo uso do suporte digital, que permite a pintura em camadas que podem ser reutilizadas em outros trabalhos, aparecendo em posições e contextos variados, como é comum notar nas obras da artista. Ao observar a função política de tais representações, é nítida a pretensão propagandista a favor do governo e seus aliados,

uma vez que o material “(...) está concebido em termos mais psicológicos do que objetivos. Almeja convencer as pessoas manipulando seus mecanismos inconscientes, e não apresentando ideias e argumentos.” (ADORNO, p. 138).

## Deformação facial e degeneração moral

Por fim, uma característica notável em todas as representações do inimigo político nas obras de Lucimary são as deformações faciais. As representações de diversos inimigos político [Imagem 5] - entre os quais Lula é uma importante figura mas não a única -, apresentam rugas, deformações, aspectos monstruosos e repugnantes, com orelhas pontiagudas, reforçando traços de idade - em oposição a uma juventude admirada e desejada que pode ser vista nas representações de aliados políticos, que chegam a ser rejuvenescidos e melhorados. Esta prática de deformação de rostos do inimigo em oposição à suposta beleza harmônica dos aliados políticos reforça a ideia de “degeneração” que a presença do outro deflagra no meio social e caracteriza esse tipo de representação como aquilo que Umberto Eco chamou de “ur fascismo” ou “fascismo eterno”.

Para exemplificar, Paul Schultze-Naumburg foi um arquiteto, pintor e autor que atuou no Terceiro Reich nazista. Desde 1931, antes mesmo de Hitler assumir o poder<sup>1</sup>, Schultze realizava palestras sobre arte, comparando as figuras humanas em produções modernas com as deformações físicas encontradas em perso-

<sup>1</sup> Sobre o processo de incorporação do nazismo na sociedade alemã, ver o filme “O ovo da serpente” (1977)



179 likes



Some unapproved COVID-19 treatments  
may cause serious harm. (Source: World Health Organization)

#### Imagen 4

Fonte: Mídia social da artista (Artstation).

#### Imagen 5

Fonte: Mídia social da artista (Artstation).

as com deficiências, traumas e doenças, por exemplo. Tais comparações ficaram famosas e ajudaram a reforçar a polaridade entre degeneração e pureza estética, cultural e social. A partir de 1937 os nazistas realizaram exposições de “Arte Degenerada” (*Entartete Kunst*) para mostrar ao público que a deformação visual na arte de vanguarda (como no expressionismo) era também uma deformação moral - que deveria ser extirpada. Lasar Segall, pintor judeu de vanguarda, teve obras apresentadas nessa exposição, e migrou para o Brasil, fugindo do holocausto, tornando-se um dos mais importantes pintores modernistas brasileiros.

Para a ideologia fascista, a beleza forma o mundo e dá harmonia a ele. Sendo assim, “(...) a menos que seja exterminado, o Outro já não nos é externo. Ele está dentro de nós, sob a dupla figuração do outro eu e do eu outro, cada um mortalmente exposto ao outro e a si mesmo.” (MBEMBE, p. 83). As imagens do inimigo reforçam a repulsa que leva à necessidade de exterminar o inimigo e de instituir uma necropolítica. A pandemia de Covid-19 foi uma das oportunidades para isso, além da criminalização e perseguição de movimentos populares, LGBTQIA+, indígenas, negros e ativistas de esquerda.

90

## Conclusão

Lucy coloca em imagem plástica a política contemporânea da polarização maniqueísta. Trata-se do colapso das democracias liberais que regridem ao fundamentalismo, fanatismo e intolerância - além da perigosa mistura entre Estado e religião. O objetivo é encenar visualmente a guerra física e moral contra um inimigo comum:

ao mesmo tempo comunista e satânico, a ser derrotado pelo militarismo de Estado e amparado pela mística religiosa.

Não por acaso, há representações em que Jesus Cristo aparece empunhando espadas e bandeiras do Brasil. Cristo se funde ou acompanha Bolsonaro em diversas das suas pinturas, numa fusão entre o primeiro e o último Messias. Eles, juntos, é que poderão limpar a sociedade dos inimigos e ameaças políticas e morais. Em sentido geral, o trabalho de Lucimary Billhardt não é artisticamente notável, mas é o que se apresenta como a melhor formulação estética e técnica da arte bolsonarista. Dentre os artistas plásticos da extrema-direita, ela é a que mais nos assombra em seu fôlego vigoroso para a representação visual do fascismo, que se pretende eterno, inclusive através da arte e da cultura.

## Referências

- ADORNO, Theodor. Antissemitismo e propaganda fascista. In: *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*.
- BORBA, Felipe. Propaganda negativa nas eleições presidenciais brasileiras. 2015.
- DIRCEU, Ricardo Mariano; GERARDI, André. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores.
- ECO, Umberto. *Fascismo Eterno*.  
Filme Arquitetura da Destrução
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*.
- JING, Tsai Yi. *Bolsolixo versus Malddad - O uso dos memes para campanha negativa apócrifa no Twitter nas eleições de 2018*.
- KURTZ, Adriana Schryver. *Holocausto judeu e estética nazista: Hitler e a Arquitetura da Destrução*.
- LACOUÉ-LABARTHÉ, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da Inimizade*.

# Brasil Paralelo na guerra cultural da educação

**Gabriela Ferreira Neves.** Filha de pais divorciados, passei a infância e parte da adolescência sob o cuidado da minha avó materna no bairro Bela Vista em Guarulhos. Meus momentos de lazer envolvem a prática de esportes; ler livros, histórias em quadrinhos, mangás. Como estudante de História da Arte, tenho prazer em analisar produções audiovisuais.

**Paloma Montero de Carvalho.** Divorciada, mãe do Rogério e da Livia, moradora do bairro do Itaim Paulista, zona leste de SP. Além de estudante de História da Arte, sou formada em Naturopatia pela (UAM). Trabalho como chocolatier para complementar a renda. Sou, jogadora amadora de vôlei, simpatizante do yoga; apaixonada por cinema, cultura indie e culinária japonesa.

A trilogia de filmes constituintes da série Pátria Educadora foi publicada no Youtube em 2020 pela produtora Brasil Paralelo (BP). São no total 3 horas e 45 minutos de críticas feitas à educação pública brasileira.

A trilogia conta com uma vinhetas de abertura animada, em que cenário e personagens tem o aspecto de pedra. Ela apresenta o Congresso Nacional em Brasília e o Ministério da Educação – órgãos públicos que, ao sancionar leis, ditam o rumo da educação; uma esteira de dinheiro, simbolizando todo o dinheiro direcionado, inclusive para corrupção. Na sequência, em uma sala como plano de fundo, carteiras estudantis e objetos são arremessados ao ar pela classe “baderneira”. Diante dessa situação o professor – homem que aparece graduando-se em momento anterior da narrativa – perde a compostura, porque não foi capaz de “dominá-los”, de se impor como figura de autoridade. A direção artística representou esta sequência por meio de uma cena estática, objetos e pessoas são representados por bone-

cos de pedra, mas a câmera explora o ambiente, realiza movimentos retos e curvilíneos como se fiscalizasse o acontecimento, assim como ocorre em reconstituições de cenas de crime em programas jornalísticos.

A abertura exemplifica como a BP exprime suas críticas também implicitamente – o que pode ser mais prejudicial, pois o espectador é influenciado sem sequer notar.

91

## Financiamento paralelo

A produtora e empresa de mídia Brasil Paralelo foi criada em 2016. Os fundadores afirmam ser “...uma empresa de entretenimento e educação. Somos orientados pela busca da verdade histórica, ancorada na realidade dos fatos, e sem qualquer tipo de ideologização na produção de conteúdo” (Sobre Nós. BRASIL PARALELO). Dentre as produções feitas pela organização existem aquelas de maior fôlego, com maior investimento, supostamente bancados apenas pelas assinaturas dos inscritos no canal – a empresa declara não receber re-

cursos públicos, mas não declara outros financiadores privados que não os assinantes.

Estes documentários de maior envergadura, geralmente, repercutem mais, tanto por sua capacidade de atrair o público por seu esmero, quanto pelas críticas realizadas pela comunidade jornalística e acadêmica em relação à inserção de dados sem fontes confiáveis, entrevistados sem formação na área e a distorção dos fatos, contrariando inclusive ampla produção histórica ou científica no tema.

### **Paulo Freire e Universidades na mira**

Voltando à Pátria Educadora. A BP critica o sistema de ensino-aprendizado brasileiro, supostamente apoiado e doutrinado pela pedagogia de Paulo Freire. O ponto de partida da crítica já é paradoxal. A pedagogia de Freire é antidoutrinadora, porque associa o conteúdo educacional ao cotidiano dos alunos para uma melhor compreensão da sociedade. Ela é emancipadora.

Para a produtora o ato de vincular o ensino-aprendizagem às situações vividas no cotidiano, fazer os alunos refletirem sobre a sua vida pessoal e social seria uma ferramenta de doutrinação política de esquerda. Para eles, o “controle ideológico comunista” estaria presente, desde a elaboração da cartilha de pautas obrigatórias no material didático de todas as escolas. E se ainda assim houvesse resistência do jovem à doutrinação durante a alfabetização, esta seria inevitável para aqueles que adentram às universidades públicas, pois elas estariam sob controle total do “marxismo cultural”.

Para ilustrar tal afirmação eles apresentam, preconceituosa e grotescamente, imagens de jovens antes e depois de ingressar na universidade pública. Primeiro com cabelos compridos com coloração natural, e depois, com cabelos curtos, descolorido e/ou assimétrico. Ao exibir fotos dos “degenerados” eles aplicam um filtro acinzentado, principalmente nas extremidades do quadro, o que agrupa um clima sombrio às figuras antagonistas.

### **A fórmula para criar uma realidade paralela**

Quase todos os “documentários” da BP recorrem à mesma “fórmula”, uma base narrativa e estética que é capaz de capturar a confiança do público e progressivamente ir “traficando” conteúdo ideológico, direitista e sem base na realidade (evidência científica ou documental). Esta estrutura de captura do espectador para depois doutriná-lo, eles sim, é composta por três momentos do roteiro de cada documentário:

1º Um início frenético com ampla quantidade de imagens históricas, manchetes e trechos de telejornais – seria uma prova irrefutável da confiabilidade da BP. O fato em si. No entanto, a narrativa já é superficial, sem embasamento em pesquisa histórica, simplificadoras e apresentando o material jornalístico como se fossem provas de verdade. Nesse início é também comum mostrar o inimigo e construir pânico moral no espectador para que ele se torne um espectador aderido ao narrador do filme.

2º Momento é de “aprofundamento no tema”, quando se inicia o revisionismo histórico e factual – retrospectiva tendenciosa, que em geral contrariam as narrativas estabelecidas pelos historiadores e pesquisadores do tema. Sua



## Imagen 1

Print Screens dos documentários – da esquerda à direita: logo do documentário, "Pátria educadora", 2020; "Jânio quadro entrega medalha a Che Guevara", 1964 - "O Brasil entre armas e livros, 2019"; créditos iniciais do doc., "AS GRANDES MINORIAS | Geração sem Gênero" [Reexibição Especial], 2022.

Fonte: Brasil Paralelo.



## Imagen 2

Print Screens dos entrevistados – duas primeiras imagens à esquerda: Olavo de Carvalho e Rafael Nogueira, Pátria Educadora, 2020. Foto à direita fundadores da BP.

Fonte: Brasil Paralelo e Gazeta do Povo, 24/06/2021, respectivamente.

análise já está condicionada a uma ideia estabelecida a priori: “Partir sempre da conclusão inaugura uma forma nova de teoria conspiratória que se afasta da causalidade diabólica” (CASTRO ROCHA, 2021).

3º Momento é o mais ardiloso, quando entra a manobra abertamente direitista. É quando os entrevistados dão um passo além, com afirmações sem embasamento e opinativas. Depois de trazer o espectador “embalado” e conquistado pela narrativa do filme, agora é o “pulo do gato”. Essa virada é baseada quase exclusivamente na retórica e veemência dos entrevistados, que já haviam ganhado credibilidade pelo primeiro e segundo momento do roteiro, mais factuais. Aqui o tráfico ideológico entra pela porta dos fundos, pelo subconsciente. Entram edição, trilha, escolha de imagens precisa, construção do inimigo e novamente pânico moral cobrando adesão do espectador.

#### 94 Documentário deseducador

Em Pátria Educadora, a fórmula que descrevemos é mais uma vez adotada. Primeiramente, é exibido um frenesi de manchetes, e trechos de matérias televisivas. Na sequência, o roteiro faz uma retrospectiva da história da educação, a partir do primeiro passo para a democratização da leitura, e por consequência da difusão do conhecimento, a tradução da Bíblia do Latim para o Alemão. Iniciativa de Martinho Lutero, a tradução excluía a figura do padre como mediador, mensageiro de Deus aos homens, despertando a população para novas possibilidades ao proporcionar a busca autônoma por conhecimento contanto que fosse letrado.

O filme aborda inúmeros fatos históricos e pensadores, afinal são séculos de história para chegar ao presente. Todavia, essa ambientação que aparenta ser uma unidade coerente,

conceptual, serve de estofo para atribuir credibilidade ao que é apresentado logo adiante, quando entrarão em cena fatos históricos enviesados; além da presença de fontes bibliográficas de origem duvidosa, desconhecidas à comunidade acadêmica.

Quando entra o momento ideológico e de enganação, além de Paulo Freire, as universidades públicas são atacadas: incompetência, esquerdismo, balbúrdia, desvio de verbas etc. Segundo a BP, apresentando dados não confiáveis do Movimento Docentes pela Liberdade-MDL, o Brasil estaria em péssima colocação nos rankings, à frente apenas da Venezuela na América Latina. No entanto, como apontado em aula pelos professores, a BP e o MDL usam dados citação por paper (CPP), que não é o único nem o melhor indicador de avaliação da qualidade universitária. Os rankings internacionais são compostos por múltiplas variáveis e mostram que as universidades brasileiras lideram na América Latina (das 10 melhores, 7 são brasileiras, segundo a Times High Education, 2021-22) e a USP está entre as 90 melhores universidades do mundo (e não em 708º lugar, como erroneamente apontado pela BP).

Essa é apenas uma, dentre diversas desinformações que poderiam ser desmascaradas. A BP equipara Freire a figuras políticas controversas como Mao Tsé-Tung e Che Guevara, sem a existência de argumentos sólidos, ao invés de discutirem seriamente sua pedagogia.

#### Estética de combate

A linguagem visual adotada por eles endossa seu posicionamento político – o qual eles afir-



### Imagen 3

Print Screen de abertura em animação,  
Pátria Educadora, 2020.

Fonte: Brasil Paralelo.

### Imagen 4

Print Screen de jovem antes e depois de  
ingressar na faculdade, Pátria Educadora,  
2020.

Fonte: Brasil Paralelo.

### Imagen 5

Print Screen de imagem com tratamento de  
cor acinzentada, "AS GRANDES MINORIAS |  
Geração  
sem Gênero" [Reexibição Especial], 2022.  
Fonte: Brasil Paralelo.

mam veementemente não existir nos filmes. Não existe imparcialidade, ou ao menos ponderação. A representação é feita para reafirmar ou agredir, pessoas e conceitos. A estética sustenta tudo o que pertence ao conservadorismo e repudia o que contiver caráter progressista.

A montagem recorre com frequência ao uso das cores como ferramenta significante. Eles utilizam uma cartela composta por vermelho, branco, preto e subtons para representar o lado antagonista, dando-o uma atmosfera vilanesca. Por outra ótica, os entrevistados, protagonistas, muitas vezes com trajes sociais, estão sob uma iluminação de cena clássica; límpida e difusa. A direção recorre ao uso de móveis, e estantes de livros, ambos de madeira de aspecto envelhecido como objeto de plano de fundo, pois eles transmitem a ideia de um ambiente com credibilidade, frequentado por pessoas confiáveis, quase sempre homens brancos e elitistas.

96

## Conclusão

Com a escalada do fenômeno da direita brasileira e mundial, um dos principais mentores intelectuais dessa “nova” direita é Olavo de Carvalho, que abordou pautas que originaram debates na política atual e é uma referência significativa para a BP que incorpora em suas produções revisionismo histórico e negacionismo. O conceito de revisionismo se baseia em uma interpretação autônoma que não precisa divergir forçosamente dos acontecimentos, mas se vale de mecanismos que operam a favor de justificar um discurso “alternativo” que efetiva a guerra cultural política atual. A

BP, de fato, constrói uma “realidade paralela”, como Bonsanto (2021), argumenta:

[...] as narrativas revisionistas não necessariamente negam os fatos – como veremos no caso de Brasil Paralelo, por exemplo – mas os instrumentalizam para justificar suas ações políticas no presente, construindo assim versões alternativas e, por que não, “paralelas” do passado. (BONSANTO, 2021, p. 9)

Em suma, a BP alcançou grande alcance levando suas produções a um número expressivo de pessoas, teve capacidade de articular figuras públicas como Felipe Pondé e seu ‘guru’, Olavo de Carvalho, com quem a empresa sempre está alinhada, e demonstrou habilidade comunicacional por meio de produtos audiovisuais persuasivos.

Debruçar-se sobre a Brasil Paralelo e estudiá-la para melhor análise é tarefa importante para impedir que narrativas preconceituosas, negacionistas e reacionárias sejam validadas e reproduzidas em massa. A extrema-direita tem utilizado com frequência produções da Brasil Paralelo como fonte “factual” em conversas e debates e é importante saber fazer o contraponto bem fundamentado.

## Referências

- BONSANTO, A. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake News. Liiinc em Revista, 17(1), 2021, p. 9. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5631>
- BRASIL PARALELO. Sobre nós. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>>. Acesso em 22 de nov. 2022
- CASTRO ROCHA, João Cézar de. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. Editora Caminhos, 1<sup>a</sup> edição, 2021, p. 281. E-Book Kindle.

# Primavera secundarista X Escola sem partido

**Marcelo Lauton de Oliveira.** Professor, licenciado em Artes Visuais pela Universidade Cruzeiro do Sul e estudante de História da Arte na Universidade Federal de São Paulo. Atuando na educação básica de anos iniciais em escolas públicas do estado de São Paulo.

**Patrícia Pinheiro Antunes de Paula.** Graduada em História pela Universidade de São Paulo e estudante de História da Arte na Universidade Federal de São Paulo. Atuando no projeto Reciprocíar, Poéticas entre Universidade, Ocupação e Sociedade.

## Primeiro campo de batalha

Primavera secundarista, ou levante dos secundaristas, foi um dos maiores movimentos estudantis de resistência do Brasil. Em 2015 aconteceram várias ações de sucateamento e precarização da educação básica, como superlotação e fechamento de salas em São Paulo. No segundo semestre, o governo de Geraldo Alckmin, impôs uma “reorganização” do ensino, que tinha como um dos objetivos alterar os ciclos que cada escola oferecia, limitando-as a oferecer apenas um ciclo, Ensino Fundamental I, Fundamental II ou Médio. Para a alteração o governo pretendia disponibilizar 1,8% das 5.147 escolas estaduais, ou seja, em 1.464 escolas haveria essa mudança. Esta “reorganização” afetaria a vida de 311 mil alunos, 74 mil professores, técnicos e funcionários, trazendo incerteza para centenas de milhares de pessoas e suas famílias. A reorganização resultaria também no fechamento de 93 escolas. Ao final de outubro, o governo anunciou quais escolas seriam fechadas, sendo este o estopim para a movimentação estudantil.

No dia 9 de novembro, a Escola Estadual Diadema foi a primeira a ser ocupada por alu-

nos contra à “reorganização”. No dia seguinte, a Escola Estadual Fernão Dias, na região de Pinheiros. Em seguida, várias escolas seguiram o mesmo curso, chegando a estimativa de mais de 200 escolas ocupadas. A princípio, o governo determinou a reintegração com ação policial. Mas no dia 13 de novembro, o juiz Luis Felipe Ferrari Bedendi, da 5ª Vara de Fazenda Pública, suspendeu essa determinação da justiça defendendo o diálogo.

Além das ocupações, os estudantes também fizeram atos de protesto com fechamentos de ruas e avenidas, como na avenida Faria Lima no cruzamento com a avenida Rebouças. Na ocasião, também houve violenta repressão policial.

As ocupações das escolas se deram de forma organizada, inspiradas nas experiências de luta de alunos argentinos e chilenos. Uma cartilha relatando essas ações estudantis trouxe de forma simples esquemas de organização de ocupações com assembleias, atividades e comissões de setores indispensáveis como segurança, alimentação, limpeza, informação, relações externas e imprensa. Desta forma, várias ocupações conseguiram resistir. As assembleias

aconteciam constantemente, com os ocupantes, alunos de outras escolas e comunidade [Imagem 1]. Após dois meses de resistência, Geraldo Alckmin, depois de várias suspensões da “reorganização”, por fim acaba revogando a decisão.

## O levante secundarista como campo de possibilidades

O Levante Secundarista rompe com o padrão em busca de um novo campo de possibilidades na relação dos estudantes com o aprendizado. Ao ocuparem as escolas, os estudantes assumem também as responsabilidades do funcionamento do espaço e de sua ressignificação. Nas mais de duzentas unidades escolares ocupadas, as experimentações de convivência em comunidade, os possíveis usos dos espaços, as formas e duração das aulas são criados com suas particularidades. Diversos dos materiais nas suas mais diversas formas são desenvolvidos também pelos estudantes. Documentários como *Primavera Secundarista* (2016) e *A Escola é nossa!* (2020) são exemplos desta materialidade. Também foram desenvolvidos textos, livros, artigos etc.

O grupo teatral ColetivA Ocupação trás consigo a multiplicidade cultural vivenciada nas ocupações. Fundado em 2017 por estudantes que se conheceram nas ocupações, com atuações desde apresentações em escolas e comunidades a circuitos internacionais de teatro. Com sua peça *Quando Quebra Queima* (2018) dirigida por Martha Kiss Perrone, o coletivo faz apresentações em países como Portugal, França e Inglaterra. A peça gera também uma residência no Battersea Arts

Centre, em Londres, o prêmio de melhor direção para Martha Kiss, e o Prêmio Zé Renato da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Em 2022 o grupo realizou apresentações junto ao Sesc [Imagem 2]. O reconhecimento nas comunidades e nos espaços teatrais convencionais reforçam a potencialidade e importância da luta dos estudantes e sua releitura pela arte.

Todas essas experiências evidenciam a capacidade de criação dos estudantes. A forma de entender as imposições do governo, lutar contra, de forma autêntica, concreta e com isso mudar a decisão do então governador e ao mesmo tempo expandir o campo de possibilidades de trocas, aprendizados, espaços educativos foi inédita na história brasileira recente. O estudante capaz de pensar por conta própria, como sujeito reflexivo, e de agir para mudar as condições de opressão ou alienação no ambiente escolar é um sujeito perigoso, a ser combatido.

A estrutura disciplinar imposta pelo Estado e os conservadores se opõem ao estudante reflexivo que problematiza o mundo e a escola e que se torna sujeito da sua própria história. Concebem os educandos como seres passivos, influenciáveis e doutrináveis, que podem receber conteúdos acriticamente. É também uma visão simplista do ensino-aprendizagem, porque reduz o papel do professor a um simples transmissor de conteúdos escolares e não um educador. É contra esse estudante capaz de reivindicar direitos, lutar por eles, se auto-organizar e enfrentar opositores que a extrema-direita passou a se mobilizar, e não apenas contra o “professor esquerda”. A Guerra Cultural na educação tem como premissa o estudante passivo, seja para ser



“doutrinado” por um lado ou por outro. E essa percepção de incapacidade do educando como sujeito da sua aprendizagem que é a base do pensamento do movimento Escola Sem Partido.

## Segundo campo de batalha

O movimento Escola Sem Partido, que já foi uma Associação, depois se tornou um Programa, e por fim tentou se tornar uma Lei, foi criado em 2004 pelo procurador do estado de São Paulo Miguel Nagib. Apesar de existir quase uma década antes, ele adquiriu maior força e visibilidade a partir de 2014 com os apoios da família Bolsonaro, Olavo de Carvalho, Bia Kicis, Fernando Holiday, Kim Kataguiri, entre vários outros integrantes da extrema-direita. O movimento se declarava uma “iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação política-ideológica das escolas brasileiras”<sup>1</sup>. Também se identificavam como “uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem qualquer espécie de vinculação política, ideológica ou partidária”. Segundo seus defensores, existe a necessidade de se protegerem do que eles entendem como doutrinação ideológica [Imagem 3]. Eles afirmam que “um exército organizado de militantes travestidos de professores” abusa da liberdade de ensino para forçar a sua própria visão de mundo aos alunos, ao martelar ideias de esquerda na cabeça dos estudantes. Ideias essas que pregam contra “a civilização ocidental, o cristianismo, os valores cristãos, a igre-

ja católica, a burguesia, a família tradicional, a propriedade privada, o capitalismo, o livre mercado, o agronegócio, o regime militar, os Estados Unidos etc.” Para eles, as principais vítimas dessa prática de doutrinação “são jovens inexperientes, imaturos, incapazes de reagir intelectual e emocionalmente a um professor que esteja determinado a fazer sua cabeça”.

O ESP teve atuação na esfera política, jurídica e educacional. Na política, a polarização e o apoio de políticos conservadores deram visibilidade ao Movimento. Debates acalorados e lives apresentaram as pessoas às ideias do ESP e encontraram eco em parte da população. Eles atenderam a convocação de políticos, influencers e religiosos a fiscalizar professores e denunciar qualquer tentativa dessa doutrinação [Imagem 4]. Em 2016, a mídia e as redes sociais foram responsáveis pela apresentação do Movimento a sociedade, quando propostas de lei começaram a tramitar nas Câmaras Municipais, Estaduais e Federal. Ocorreu um movimento conservador coordenado que tinha a intenção de inundar a esfera legislativa com diversos projetos que reuniam temáticas semelhantes às da ESP, popularizando o assunto nas mais diversas camadas sociais. Apesar dessa variedade de proposições, o Movimento idealizou uma proposta de lei específica, que tornaria obrigatória em todas as salas de aula do ensino fundamental e médio a fixação de um cartaz com os 6 deveres do professor, com o objetivo de indicar aos alunos os seus direitos. Com isso e, apesar de o projeto de lei ter sido considerado inconstitucional, o ESP também teve influência na educação, por outros meios.

<sup>1</sup> Miguel Nagib em [escolasempartido.org](http://escolasempartido.org). Todas as citações entre aspas nesse parágrafo são da mesma fonte.



#### Imagen 4

Charge de Jota Camelo, [s/d]. Charge de Duke, [s/d].

Fonte: Pinimg, Assis Ramalho respectivamente.



#### Imagen 5

Print screen de um vídeo de Olavo de Carvalho.

Fonte: YouTube, 2016.

Diversos ministros da educação defenderam premissas iguais ao do Movimento, aplicando esses ideais nas decisões relacionadas às definições pedagógicas da política educacional. Deste modo, mesmo sem uma lei, a escola sem partido influenciou muito as decisões do MEC.

Quando analisamos o ESP, é inevitável lembrar do ideólogo Olavo de Carvalho [Imagem 5]. O que muitos não sabem é que, apesar dos ministros da educação e técnicos do governo que defendiam as premissas do Movimento durante o governo serem discípulos de Olavo, ele mesmo mudou de ideia. Mudou de ideia a respeito da forma como a “doutrinação” seria combatida, não da existência da doutrinação em si, que segundo ele é um fato.

102

Em 2018, Olavo em vídeo ('Aviso ao Escola Sem Partido') critica o uso do recurso 'projeto de lei' para obrigar professores a cumprir determinações, o que deveria ser feito inicialmente na esfera intelectual. Para ele seria absurdo esperar que um professor reproduza uma opinião diferente da sua: "Você cria uma situação de pânico. Então aqueles mesmos que são os culpados pela situação opressiva nas universidades [e escolas], passam a posar de vítimas de uma perseguição. E quem ajudou a fazer isso foram vocês 'Turminha da Escola sem partido', vocês não entendem coisa nenhuma de combate cultural" A recomendação de Olavo passa a ser: formar professores de direita, em todos os níveis e todas as áreas.

Contudo, mesmo com o racha de Olavo com o ESP e com a recente renúncia de Nagib da liderança do Movimento, estes são discursos tão cimentados na parcela conservadora

da sociedade, que novos projetos de leis estão sendo apresentados em Câmaras de todos os níveis. Alguns que foram aprovados até o momento, são questionados na esfera jurídica. No entanto, os outros recursos estão sendo mais bem sucedidos. Com a presença dentro do Ministério da Educação, mudanças já foram realizadas em materiais didáticos e tentativas de mudanças no currículo básico escolar também estão em ação. Isso inspira bastante preocupação já que, mais uma vez, menospreza as capacidades de estudantes como indivíduos pensantes e atuantes.

## Conclusão

As disputas em torno da educação e das capacidades do educando enquanto sujeito autônomo continuam. Nas experiências das ocupações das escolas é possível perceber que os estudantes dispõem de ferramentas intelectuais, críticas e sociais para se organizarem, e deixar claro seus anseios. Por outro lado, existem as iniciativas de movimentos ultraconservadores como o ESP que, com um paternalismo risível, inferiorizam esses indivíduos e buscam controlar o sistema educacional para viabilizar a implementação de seu projeto de poder e sua visão de mundo.

## Referências

CARVALHO, Olavo de. Aviso ao Escola Sem Partido - 12'29  
Publicado por Olavo de Carvalho em 15/11/2018. <https://youtu.be/gySuenfRkDk>

GRUPO CONTRAFILÉ (São Paulo, SP). A batalha do vivo: Grupo Contrafilé, secundaristas de luta e amigos. São Paulo, SP: [s. n.], 2016.

NAGIB, Miguel. <http://escolasempartido.org/>

# Simbolismo nazifascista na comunicação bolsonarista

**Isabella Mendes Marques dos Santos.** Estudante da graduação de História da Arte na Universidade Federal de São Paulo. Atua como oficineira no Centro de Atenção Psicossocial Adulto de São Miguel Paulista.

**Júlia Rodrigues Borges.** Estudante de História da Arte na Universidade Federal de São Paulo. Movida por revolta e indignação. Tucuruvi.

Em junho de 2022, Mário Frias – ex-secretário de Cultura – publicou, em suas redes sociais, uma foto aparentemente inofensiva do presidente Jair Bolsonaro enquanto assistiam à uma partida de futebol. O que chamou atenção, no entanto, foi a camisa usada pelo presidente: Bolsonaro usava a camisa do time italiano Lazio, que curiosamente foi atrelado a diversas polêmicas de cunho fascista, como entoar hinos repletos de injúrias raciais e até um ‘Saluto Romano’, executado pelo ex-atacantante Paolo Di Canio, em homenagem a Mussolini. Se estavam assistindo a uma partida de futebol brasileiro por quais motivos Bolsonaro vestiria a camisa do que é considerado o time mais fascista do mundo?

## Apito do cachorro fascista

Bolsonaro, há muito, segue o que chama- mos de política apito de cachorro – dog whistle. Esse termo foi designado à prática de fazer algum sinal que é identificado por grupos neonazistas ou supremacistas brancos, sinalizando para estes grupos que ‘estão com eles’. É uma tática que indica pertencimento, ajudando a indicar quem é do grupo e a recrutar

novos participantes (LEVIN, 2022). Da mesma forma como o som do apito só é perceptível aos cachorros, esses sinais só seriam identificados por aqueles que fazem parte de um grupo específico, mas não pelo público geral.

A associação entre Bolsonaro e os regimes de extrema-direita nunca deixou de ser imperceptível e antecede em muito a sua declaração durante o impeachment de Dilma Rousseff, em que dedicou seu voto ao torturador Carlos Brilhante Ustra. Porém, durante sua campanha eleitoral em 2018 e sua trajetória na presidência, encerrada em 2022, ocorreram inúmeras ações e formas de estreitar essa relação. Quais foram, então, alguns dos momentos em que o governo bolsonarista apresentou evidências concretas que permitem a comparação entre regimes nazistas e fascistas?

103

## Banalização do mal

Em 1990 foi criada, por um jurista judeu, a lei que busca impedir a banalização e o uso impróprio do termo ‘nazista’ ou comparações entre figuras centrais de uma discussão e Hitler – principalmente dentro dos ambientes virtuais. Mike Godwin explica que “à medida

que uma discussão online se alonga, a probabilidade de surgir uma comparação envolvendo Hitler ou os nazistas tende a 100%”. Portanto, a Lei de Godwin é evocada nos momentos em que uma comparação com os regimes totalitários de extrema-direita é inevitável, encerrando a discussão e deixando claro que não, não estamos falando de nazismo aqui.

Se posicionando contrariamente às propostas do então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, Godwin uniu-se à onda de manifestações com a hashtag #EleNão que tomou conta das redes sociais em meados de 2018 [Imagem 1]. Além disso, também escreveu o seguinte o tweet: “*Eu adicionei #EleNão ao meu Twitter em solidariedade à democracia brasileira. (Obrigado pelo #MarcoCivil!)*”, em elogio à legislação aprovada no governo Dilma Rousseff, que garante liberdade de expressão e neutralidade na rede.”

Segundo o historiador e professor da UFRJ, Michel Gherman, autor do livro *O não judeu judeu: A tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo*, deve-se “localizar os crimes produzidos pelo bolsonarismo e a partir desses crimes educar a população sobre o que efetivamente aconteceu”, como feito pela Alemanha no pós-guerra (GHERMAN, 2022). O historiador também reforça que o fenômeno de normalização de discursos extremistas, genocidas e racistas (que dialogam diretamente com a simbologia nazista), é um dos principais responsáveis pela ascensão de Bolsonaro ao poder.

104

## Propaganda é a alma do negócio

A ascensão de muitos líderes nazifascistas pelo mundo durante a História se deu pelos incisivos e estratégicos métodos de propaganda. Seguindo as ideias de Theodor W. Adorno, podemos entender que a propaganda e a comunicação fascista se utilizam incansavelmente da sensibilização psicológica através da manipulação do inconsciente.

Nesse regime, o discurso emocional e messiânico leva à construção do inimigo como o outro, diferente, a ser eliminado. O discurso fascista também não possui nenhum compromisso com a realidade. Assim como o moinho de vento está para Dom Quixote, o “comunismo” está para a extrema-direita. Segundo Adorno, a propaganda fascista considera a população como mentes e corações a serem tutelados para a ascensão ao poder. Seres sem interesses particulares, mas obedientes às ordens dadas [Imagem 2].

A propaganda bolsonarista também não se preocupa com o compromisso com a verdade ou em trazer argumentos sólidos para embasamento de seus ideais, mas sim com discursos de fácil absorção – como as combinações de palavras-chave e símbolos visuais que são representativos diretos desses “valores”: Deus, pátria, família, propriedade privada, ordem, hierarquia etc.

Desde o início de sua campanha, Bolsonaro adota o lema “Deus, pátria e família”. Em outubro de 2022, durante o debate do segundo turno das eleições presidenciais, realizado entre ele e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, bradou a frase com os braços levanta-



Rammyres Pereira @ramm... · 2h  
So, just to be clear, is it OK to call  
Bolsonaro a nazi?

2

38

82



Mike Godwin @sfmnemonic



Em resposta a @rammyres

Sim!

16/10/2018 22:33

### Imagen 1

Mike Godwin responde à internauta:  
Is it OK to call Bolsonaro a Nazi?  
Fonte: Twitter @sfmnemonic, 2018.



### Imagen 2

Pôster da Alemanha Nazista na década de 30 comparada com pôster de manifestação bolsonarista no ano de 2022

Fonte: Twitter @bituqueer, 2022

dos, como quem opera uma prece, causando desconforto em parcela dos presentes. Esse incômodo tem justificativa: “Deus, pátria e família” era o lema do Integralismo, o Fascismo brasileiro do entreguerras, liderado por Plínio Salgado. Outra frase adotada pelo Bolsonarismo foi diretamente inspirada na Alemanha nazista: “Deutschland über alles”, que significa “Alemanha acima de tudo” [Imagem 3]. Soa familiar?

A figura difusa do líder como “mito” engloba em si os diversos valores da extrema-direita: o pater família, cristão, cidadão de bem, temente a Deus e destemido em relação aos inimigos, que luta para exterminar a “petralhada”. Além disso, a propaganda na forma de memes foi sem dúvida um instrumento de convencimento acessível às diversas camadas da população, como Whatsapp e Facebook.

### O Goebbels verde-amarelo

Em 2020, durante a pandemia de Covid-19, o secretário de Cultura do Governo achou de bom tom usar a ópera Lohengrin, de Richard Wagner, compositor favorito de Adolf Hitler, para se pronunciar nas redes sociais. Não demorou muito para que o plágio fosse percebido pelos internautas: o discurso de Roberto Alvim foi intensamente inspirado na fala do ministro da Propaganda nazista, Joseph Goebbels. Além do texto, toda a construção imagética do vídeo foi plagiada: o aspecto minimalista da construção do cenário, a mesa de escritório, o penteado, o olhar direto e decidido e a foto do líder/führer acima da cabeça de Alvim carregando a aura de um ser soberano, onisciente

e onipresente [Imagem 4]. A declaração de Alvim sobre o papel da arte no país também é um plágio de Goebbels: “A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa [...] ou então não será nada”.

### O sieg heil catarinense

Outro aspecto que se assemelha os regimes citados com a tática bolsonarista, é a própria estratégia de comunicação seletiva. Patriotismo sempre à vista enquanto se invisibiliza a criminalização das minorias e o genocídio em curso. As falas agressivas, antidemocráticas, homofóbicas, xenofóbicas, machistas e preconceituosas de Jair Bolsonaro existem e estão devidamente acessíveis e documentadas, mas não são difundidas direta e explicitamente por seus apoiadores. Quando muito, são ressignificadas em tom de “má interpretação” daqueles que a criticam.

Falando em má interpretação, já no ano de 2022, o que antes tinha um tom subentendido, escancarou-se principalmente após a derrota de Bolsonaro nas eleições presidenciais. O movimento golpista ganhou força, se materializando em forma de barricadas e barreiras em rodovias, aglomerações em frente aos quartéis militares enfrentando intempéries para garantir o seu direito de apoiar uma “intervenção” (federal, militar ou mesmo extraterrestre) que impedisse a posse de Lula.

Essas manifestações perderam qualquer pudor em esconder a matriz neonazista. Reproduzindo um gesto similar à saudação ‘Sieg



### Imagen 3

Pôster da Alemanha Nazista da década de 30 comparada com imagem divulgada do presidente Jair Bolsonaro por seus apoiadores.

Fonte: Reddit, [s/d].



### Imagen 4

Díptico com retrato de Goebbels e do ex-secretário da Cultura Roberto Alvim  
Fonte: El País, 2020



### Imagen 5

MP-SC investiga saudação feita por bolsonaristas  
Fonte: Carta Capital, 2022.

**Heil**', amplamente utilizada pelo nazismo em várias das ações, em especial no estado mais conservador do país e com reconhecidas células neonazistas: Santa Catarina [Imagen 5]. Heiko Thoms, embaixador da Alemanha no Brasil, se pronunciou em seu Twitter: O uso de símbolos nazistas e fascistas por "manifestantes" claramente de extrema direita é profundamente chocante. *Apologia ao nazismo é crime!*

## Conclusão

Como Bolsonaro conseguiu cooptar jovens para seu regime de claros sinais nazifastistas? Adaptando-se ao gosto juvenil, o exército digital de Bolsonaro lançou, no YouTube, a estética BolsoWave: vídeos da juventude de Bolsonaro e da Ditadura Civil-Militar, embalados em uma estranha melodia lo-fi/vaporwave mixadas com falas polêmicas do presidente. São esses vídeos que ajudam a criar na juventude da extrema-direita um leitmotiv para que se mobilizem dentro dessa estética militarista e neonazista (TEODORO, 2020). O termo leitmotiv significa motivo condutor, um tema musical que está atrelado a uma ideia, personagem ou regime específico. Quem popularizou essa técnica foi ele mesmo, Richard Wagner, o compositor citado anteriormente.

Ao afirmar que Jair Bolsonaro é nazista, Mike Godwin e Michel Gherman validam que todas as "má-interpretações" e "infelizes coincidências" na verdade são uma estratégia muito bem traçada e delimitada. A propaganda e a comunicação bolsonarista trazem intrinsecamente mensagens que indireta e subje-

tivamente evocam o nazifascismo, e isso faz parte da estratégia de convivência com aquilo que deve ou não ser explicitado. O exército de agitprop bolsonarista aprendeu a interpretar os sinais nazifascistas que estão explícitos ou implícitos na propaganda e mantém o compromisso de defendê-los a todo custo, mesmo que camuflados - como militares na selva do ódio.

## Referências

ADORNO, Theodor W. Ensaios sobre psicologia social e psicanálise. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015. 137-152 p. ISBN 8539305925.

CAPITAL, Carta. Uso de símbolo nazista por 'manifestantes' é chocante e criminoso, diz embaixador alemão no Brasil. Carta Capital, 2022. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/nazismo-escancara-sua-ameaca-slogan-de-bolsonaro-e-traducao-de-lema-de-hitler/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

LEVIN, Renato. 'Dog whistle': a tática de extremistas que utilizam símbolos para se comunicarem. O Dia, 2022. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2022/02/6336647-dog-whistle-a-tatica-de-extremistas-que-utilizam-simbolos-para-se-comunicarem.html>. Acesso em: 13 nov. 2022.

MAGALHÃES, Guilherme. Michel Gherman: 'É preciso punir Bolsonaro e seus cúmplices': Historiador enfatiza necessidade de o Brasil 'produzir algo que produz mal: punição e conhecimento dos crimes'. Jota, 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/eleicoes/michel-gherman-e-preciso-punir-bolsonaro-e-seus-cumplices-18112022?amp>. Acesso em: 04 dez. 2022.

TEODORO, Jonas. A VANGUARDA ARTÍSTICA DE BOLSONARO: A Arte Política da Alt-Right e o Anti-Kitsch. Medium, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@jonas.teodoro/a-vanguarda-art%C3%ADstica-de-bolsonaro-a-arte-pol%C3%ADtica-da-alt-right-e-o-anti-kitsch-a8ea762cdc8d>. Acesso em: 18 nov. 2022.

WANDELLI, Raquel. NAZISMO ESCANCARA SUA AMEAÇA: Slogan de Bolsonaro é tradução literal do lema de Hitler. Jornalistas Livres, 2018. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/nazismo-escancara-sua-ameaca-slogan-de-bolsonaro-e-traducao-de-lema-de-hitler/>. Acesso em: 13 nov. 2022.



o vento soltou  
e cabelo bagun  
çou ou ficou  
mais bonita  
massa na rua pessoa rápida no trem  
bonita não sabe se é Mulher preta lésbica  
ele não sabe sé o papo reto, sorriso no  
se gay bi trans rosto , Marielle presente!  
pés es... pra se inspirar , se  
filhas tudo mexer , pra não esquecer  
pra estudar , por elas pelas  
cabelos da que vieram ant  
pelas que  
leito que  
da maior de Virg... depois  
Mulher  
gigante  
gigante  
gigante

ESCADÃO  
MARIELLE  
FRANCO

Mulher  
gigante ,  
mulherão  
cerca da de pés os  
predões em filhos tudo  
constru... pra estudar  
ão . cida  
deem des  
ensinu...

Queridos/as leitores/as, bem-vindos/as ao nosso campo de batalha – e de estudos. Vocês estão prestes a ler um livro perigoso. Ele fala sobre muito do que estamos vivendo no Brasil dos últimos anos, olhando esse nosso estranho país pelo ângulo cultural, da imagem e da comunicação. Vivemos uma guerra interna, desleal em muitos sentidos, em que a dimensão simbólica e cultural tem sido decisiva. Por isso é preciso decifrá-la ou, ao menos, ter mais elementos para debatê-la.

29 estudantes da Unifesp passaram os últimos 4 meses estudando o combate que levou à polarização e radicalização da sociedade brasileira e escreveram seus achados para vocês.

Para entrar neste campo de batalha das Guerras Culturais vocês não precisarão de uniformes militares nem coletes à prova de bala. Nossas únicas armas serão a reflexão, a inteligência, a colaboração, o espírito crítico e a capacidade de narrar com voz coletiva.

Vocês vão ler 15 pequenas histórias, que são estudos de casos ou notícias do front (para usar o termo de um dos autores que lemos), cada uma entrando em uma trincheira dessa guerra e olhando o campo de batalha por um ângulo diferente.

